PLACAR

SCORE Editora

ED. 1516 OUTUBRO 2024 R$15,00
7 893614 113104

PERFIL
A incomum trajetória do 'argentioca' Vegetti, artilheiro e ídolo do Vasco

ENTREVISTA
Lucas Moura rejeita fama de injustiçado e ainda sonha alto

ESPECIAL
FUTEBOL BRASILEIRO ENCHE ESTÁDIOS E ATRAI ESTRELAS; VAMOS, ENFIM, DECOLAR?

ESTÊVÃO É DISCRETO E AVESSO A POLÊMICAS, MAS EM CAMPO ELE SE GARANTE. AOS 17 ANOS, A JOIA DO PALMEIRAS FALA PELA PRIMEIRA VEZ E JÁ PROJETA UMA CARREIRA GLORIOSA NO CHELSEA E NA SELEÇÃO

EXCLUSIVO

PODE CHAMAR DE CRAQUE

AGORA A PLACAR CABE NA PALMA DA SUA MÃO

A TRADICIONAL REVISTA BRASILEIRA AGORA ESTÁ NO MUNDO DIGITAL PARA UNIR, EMOCIONAR, CONTAR E RECONTAR A MAIOR PAIXÃO DO BRASIL! SAIBA UM POUCO MAIS SOBRE PLACAR DIGITAL, O NOVO APP DA PLACAR!

Um novo jeito de curtir a paixão pelo futebol através de conteúdos, interações e recompensas, com toda a emoção e a credibilidade da PLACAR.

PLACAR DIGITAL

O app PLACAR Digital chegou para revolucionar a maneira como os torcedores vivenciam o futebol, oferecendo uma experiência única de conhecimento, entretenimento e diversão. Com a plataforma, os usuários podem se envolver em análises detalhadas de seus clubes favoritos, desfrutar de conteúdos exclusivos, acessar o calendário das partidas, ficar atualizados sobre as novidades com notificações e participar de sorteios de prêmios incríveis.

"PLACAR Digital proporciona uma jornada completa de imersão no mundo do futebol, combinando a paixão pelo esporte com informação de qualidade e diversão garantida", destaca Fábio Palma, CEO da ONEFAN, desenvolvedora do aplicativo. E tudo isso é possível graças a funcionalidades inovadoras e ao melhor conteúdo.

> **"PLACAR Digital proporciona uma jornada completa de imersão no mundo do futebol"**
>
> *Fábio Palma, CEO da ONEFAN, desenvolvedora do app PLACAR DIGITAL*

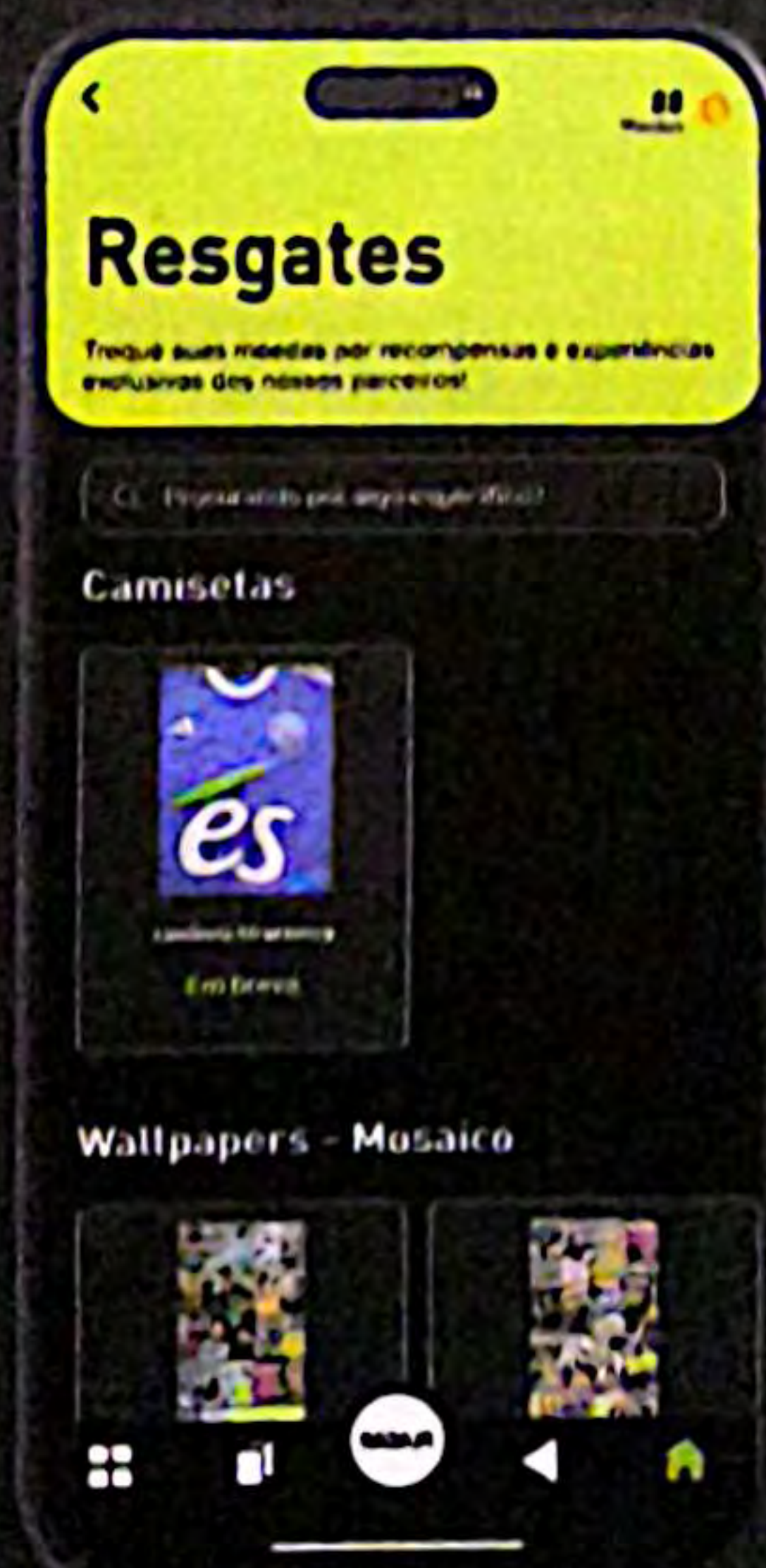
1. CONTEÚDOS

Os usuários têm à disposição uma série de conteúdos diários para se manterem atualizados sobre o mundo do futebol, incluindo vídeos, notícias, entrevistas exclusivas e acesso aos bastidores, proporcionando uma experiência informativa e envolvente.

2. INTERAÇÕES

Os fãs têm a oportunidade de participar de quizzes temáticos, pesquisas e palpites de jogos e, com isso, ganhar moedas digitais, que podem ser trocadas por prêmios especiais.

3. RESGATES

Os torcedores podem aproveitar suas moedas conquistadas no app para resgatar super recompensas, como ativos digitais, descontos em lojas, lugares privilegiados em estádios pelo país e MUITO mais.

Experimente agora mesmo o app PLACAR! Digital e divirta-se.

BAIXE AGORA

HORA DA VIRADA

Na edição 1511, o guia do Brasileirão lançado em maio, PLACAR ressaltou a necessidade de saber desfrutar do "copo meio cheio" do futebol nacional. O ceticismo se faz obrigatório, mas mesmo com as devidas ressalvas sobre bravatas de dirigentes e despreparo da arbitragem, nossa redação previu que teríamos mais um campeonato de bom nível e estádios cheios. A primavera chegou e, até o momento, 2024 saiu melhor que a encomenda. Nossos representantes seguem dominando o continente (Botafogo e Atlético-MG estão nas semifinais da Libertadores e Corinthians e Cruzeiro, nas da Sula) e o Campeonato Brasileiro apresenta acirradas e imprevisíveis disputas nos polos da tabela. A média de público deve superar o recorde do ano passado, enquanto o de presença de atletas estrangeiros já foi batido.

Eis a agradável novidade: além dos já conhecidos reforços sul-americanos, a edição de 2024 do Brasileirão abriu as portas a nomes badalados de outras partes do planeta. A chegada mais impactante foi a de Memphis Depay, camisa 10 da Holanda na última Euro, com passagens por gigantes europeus e já nos braços da fiel torcida corintiana. O dinamarquês Martin Braithwaite quer repetir as façanhas do uruguaio Luis Suárez no Grêmio, enquanto o franco-congolês Yannick Bolasie e o costa-riquenho Joel Campbell, ambos com passagens pela Premier League, emprestam talento e carisma a Criciúma e Atlético-GO, respectivamente. Todos eles rasgam elogios ao país e acreditam que o movimento reverso (Europa-Brasil) deve seguir intenso nos próximos anos.

Na reportagem que começa na página 34, os repórteres Enrico Benevenutti e Pedro Cohem mostram por que este pode ser considerado um momento de virada de chave para o futebol brasileiro. Os valores de patrocínios nunca foram tão altos e a presença cada vez maior de Sociedades Anônimas de Futebol (SAFs) elevou a régua. Mas sempre há fatores de risco. Desde o malfadado projeto da Copa União, no longínquo ano de 1987, o desacerto entre clubes e dirigentes impede a criação de uma liga independente da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) e o consequente progresso. Especialistas são unânimes em dizer que o Brasil pode, sim, ter um campeonato de elite e que a hora da revolução é agora, mas ainda há muito a ser feito.

ILUSTRAÇÃO DE JÉSSICA SOUZA SOBRE FOTOS DE GETTY IMAGES E DIVULGAÇÃO

Quando o Brasil decolou e depois estragou tudo para a *The Economist*: futebol tem nova chance de revolução

A ilustração que abre esta reportagem buscou referência nas famosas capas da revista *The Economist*. Em 2009, na esteira de bons indicadores econômicos do país, a prestigiosa publicação britânica não titubeou em estampar um foguete partindo do Cristo Redentor com a chamada "o Brasil decola". No entanto, o cenário de crise generalizada que se seguiu fez a *Economist* voltar atrás, com uma nova capa em 2013, na qual o foguete despencava, com a pergunta: o Brasil estragou tudo? O cenário atual esportivo é semelhante ao político de 15 anos atrás. Resta saber qual caminho nossos dirigentes pretendem seguir.

***

Dando sequência à tradição de publicar as mais relevantes e saborosas entrevistas do jornalismo esportivo,

CAPA: ALEXANDRE BATTIBUGLI

PLACAR ouviu logo três grandes personagens para esta edição. Estêvão, a joia do Palmeiras e esperança de um futuro brilhante para a seleção brasileira, brindou a redação de PLACAR em São Paulo com uma luxuosa visita, em sua primeira conversa exclusiva com a imprensa nacional. Dias depois, fomos nós que visitamos Lucas Moura no CT do São Paulo. Já o papo com Pablo Vegetti, o novo ídolo do Vasco e goleador da Copa do Brasil, se deu com a ajuda da tecnologia, em papo virtual. O resultado está nas próximas páginas e na PLACAR TV, nosso canal no Youtube – que em setembro ultrapassou a marca de 200 000 inscritos! ■

ALEXANDRE BATTIBUGLI

ALEXANDRE BATTIBUGLI

Estêvão na redação e Lucas Moura no CT: entrevistas reveladoras com as estrelas de Palmeiras e São Paulo

ÍNDICE

revistaplacar
@placartv
@placar
placar.com.br
contato@placar.com.br

PLACAR

A marca PLACAR é licenciada pela Editora Score Ltda. e produzida pela Editora Abril

Publisher: Alan Zelazo

CEO: Gustavo Leme
Redator-chefe: Luiz Felipe Castro
Editor de Fotografia: Alexandre Battibugli
Editor de Arte: LE Ratto
Repórteres: André Avelar, Enrico Benevenutti, Klaus Richmond e Rodolfo Rodrigues
Diretor Comercial: Sandro Santos
Executivo Comercial: Milton Lima
Planejamento: Guilherme Fortis
Mídias Sociais: Bruno de Giovanni, Jéssica Gomes, Jéssica Souza e Marcio Komesu
Estagiários: Guilherme Azevedo, Helo Vasilian e Pedro Cohem
Revisão: Renato Bacci
Equipe de vídeo: João Vitor Fagá e Marcelo "Celu" Lima

Colaborou com esta edição:
Kaio Figueiredo (pesquisa de fotos)

Redação e Correspondência:
Av. Magalhães de Castro, 4800 - Torre Continental, 9º andar
Cidade Jardim, São Paulo (SP), CEP 05676120

PLACAR 1516 (EAN: 789 3614 11310-4), ano 54, é uma publicação mensal da Editora Score. Edições anteriores: venda exclusiva em bancas pelo preço da última edição em banca mais despesa de remessa (sujeito a disponibilidade de estoque). Solicite ao seu jornaleiro

IMPRESSA NA PLURAL INDÚSTRIA GRÁFICA LTDA.
Av. Marcos Penteado de Ulhôa Rodrigues, 700, Tamboré, Santana de Parnaíba, SP, CEP 06543-001

SCORE Editora

O HEXA TERÁ DE ESPERAR

Dias depois de consagrar as brasileiras Duda e Ana Patrícia, campeãs do vôlei de praia nos Jogos Olímpicos de Paris, a **Arena da Torre Eiffel**, localizada aos pés do maior ponto turístico da capital francesa, trocou seu piso de areia por uma grama sintética em tom turquesa para receber o futebol de cegos das Paralimpíadas. O deslumbrante cenário foi palco de uma das grandes zebras do evento. Pentacampeão, o Brasil foi eliminado pela primeira vez desde a estreia da modalidade nos Jogos de Atenas-2004. Para piorar, o algoz na semifinal foi a rival Argentina: 5 a 4 na decisão por pênaltis, após empate em 0 a 0 no tempo normal. Cássio e Jonatan pararam nas defesas do goleiro Muleck, enquanto Ricardinho, um lenda do esporte paralímpico, carimbou a trave. Ao menos a equipe dirigida por Fábio Vasconcellos garantiu a medalha de bronze ao bater a Colômbia por 1 a 0, com gol de Jeffinho. A campeã foi a anfitriã França, que bateu a Argentina em novas penalidades, após empate em 1 a 1. Para fins estatísticos, a frustração diante dos *hermanos* não colocou fim à invencibilidade do Brasil nas Paralimpíadas: o time tem agora 24 vitórias e oito empates em 32 partidas. No entanto, o sonho do hexacampeonato terá de esperar até 2028, nos Jogos de Los Angeles.

FOTOS ALEXANDRE BATTIBUGLI

FOTOS ALEXANDRE BATTIBUGLI

UNIDOS NA DOR

Foi, sem dúvida, uma das cenas mais tristes e chocantes do ano. O duelo entre São Paulo e Nacional-URU pela Copa Libertadores já se encaminhava para o fim quando, aos 38 minutos do segundo tempo, o zagueiro **Juan Manuel Izquierdo** passou mal e desabou no gramado do MorumBis. Foram cinco dias de aflição até que o tradicional clube uruguaio anunciasse o falecimento do atleta de 27 anos, por morte encefálica após uma parada cardiorrespiratória associada à arritmia cardíaca, em 27 de agosto. Ele deixou esposa e dois filhos – a mais nova nascera uma semana antes da tragédia. Em meio a tanta dor, dirigentes e torcedores do Nacional agradeceram a solidariedade dos atletas do São Paulo, especialmente Calleri, Rafinha e Michel Araújo, que visitaram o hospital, se colocaram à disposição da família da vítima e compareceram ao velório em Montevidéu. Por um motivo cruel, os laços entre são-paulinos e uruguaios se estreitaram ainda mais. Numa infeliz coincidência, a casa tricolor voltou a ser palco de uma fatalidade cardíaca, 20 anos depois da morte de Serginho, zagueiro do São Caetano. O episódio de 2004 deixou um legado nos procedimentos de segurança, tanto que Izquierdo foi atendido prontamente e, minutos depois, já estava no Hospital Albert Einstein. Não foi suficiente para evitar o luto.

JHONY INÁCIO

BRABAS E HEGEMÔNICAS

Os 44 529 torcedores presentes (sendo 41 136 pagantes) na Neo Química Arena estabeleceram o público recorde no futebol feminino sul-americano e festejaram mais um título da melhor equipe do continente. Com gols de Jaqueline Ribeiro e Carol Nogueira, o Corinthians, que já havia vencido o jogo de ida por 3 a 1 no MorumBis, despachou o São Paulo por 2 a 0 em Itaquera, frustrou o sonho do título inédito das rivais e conquistou o hexacampeonato do Brasileirão, sendo o quinto troféu consecutivo. Vestindo uma nova camisa alvinegra, com referências para a luta antirracista, as **Brabas do Timão** ergueram o primeiro caneco nacional sob o comando de Lucas Piccinato, o substituto de Arthur Elias, técnico da seleção brasileira. Foi, portanto, a coroação de um projeto que se acostumou a encher estádios e a inspirar novas gerações. A edição do Brasileirão feminino que consolidou a hegemonia corintiana teve uma premiação recorde de R$ 2,3 milhões, com um reajuste de 25% em relação ao ano anterior. O esquadrão campeão recebeu R$ 1,5 milhão, enquanto o vice São Paulo embolsou R$ 750 000. Pelo segundo ano seguido, a artilheira do campeonato foi Amanda Gutierres, do Palmeiras, com 15 gols. Mas a festa, novamente, foi toda do bando de loucos e loucas.

ALEXANDRE BATTIBUGLI

CAMPEÃS
BRASILEIRÃO FEMININO
Neoenergia

CAMPEÃS
BRASILEIRÃO FEMININO Neoenergia

ALEXANDRE BATTIBUGLI

Talento raro: feição de garoto, mas futebol de gente grande

MESSINHO? MEU NOME É ESTÊVÃO

**DE FALA MAN
ENCANTOU O
COMPARADO
E APONTADO
NUNCA VIU N
PLACAR DES**

Por: André Avel
Foto: Alexandre

Quantas vezes voc
mante no futebol
tudo para ser o m
mos especialistas
ver endeusamen
idade, Estêvão, 1
ele diz não se in
forma – do Palm
aos profissiona
Cruzeiro, quan
nho". Canhoto,
com a bola ben
pronto. Ele disp

"Não fui eu c
é algo que não g
sa que tento se
vão", contou o
PLACAR, a pr
"Surgiu na époc
desvincular di
be de vez", avi
mineiro, aliás
um assunto de
por seu estafe,
alheias ao gar
treia no profis
Mineirão, no j
do Verdão, em

Estêvão W
ves, definitiv
nascido em Ro
do mundo. El
rência, pelo q
não quer com
terior de São
discrição e fa
estereótipo d
çou reclamac
equipamento

"Sou bem

DE FALA MANSA E AVESSO À BADALAÇÃO, A JOIA DO PALMEIRAS ENCANTOU O PAÍS PELO QUE É CAPAZ DE FAZER COM A BOLA NO PÉ. COMPARADO A MESSI, JÁ FOI CONVOCADO PARA A SELEÇÃO PRINCIPAL E APONTADO COMO SUCESSOR NATURAL DE NEYMAR. ABEL DIZ QUE NUNCA VIU NADA IGUAL E LAMENTOU SUA VENDA AO CHELSEA. PLACAR DESVENDOU O QUE PENSA O CRAQUE DO FUTURO

Por: André Avelar e Klaus Richmond
Foto: Alexandre Battibugli / Design: LE Ratto

uantas vezes você já ouviu: "Surge um novo diamante no futebol brasileiro"? Ou talvez: "Ele tem tudo para ser o maior craque dessa geração"? Somos especialistas na arte de criar mitos e promover endeusamentos precoces. Apesar da pouca idade, Estêvão, 17, já sabe o que é isso. O craque – ele diz não se importar em ser chamado dessa forma – do Palmeiras nem sequer havia subido aos profissionais, ainda despontava na base do Cruzeiro, quando ganhou o apelido de "Messinho". Canhoto, capaz de enfileirar adversários com a bola bem colada aos pés? É Messinho, pronto. Ele dispensa.

"Não fui eu quem criou isso, saiu pela mídia e é algo que não gostava, para ser sincero. Uma coisa que tento sempre é ser eu mesmo. Sou o Estêvão", contou o garoto em entrevista exclusiva à PLACAR, a primeira a um veículo brasileiro. "Surgiu na época de Cruzeiro. Estou tentando me desvincular disso cada vez mais. Espero que acabe de vez", avisou. A conturbada saída do time mineiro, aliás, quando tinha só 14 anos, ainda é um assunto delicado – e pedido para ser evitado por seu estafe, por envolver questões contratuais alheias ao garoto. Por ironia do destino, sua estreia no profissional se deu diante da Raposa, no Mineirão, no jogo que selou o 12º título brasileiro do Verdão, em 6 de dezembro de 2023.

Estêvão Willian Almeida de Oliveira Gonçalves, definitivamente, não é como o argentino nascido em Rosário eleito por oito vezes o melhor do mundo. Ele considera Messi sua maior referência, pelo que faz dentro e fora de campo, mas não quer comparações. Natural de Franca, no interior de São Paulo, o jovem também sobra em discrição e fala mansa e carrega quase nada do estereótipo do boleirão. Na entrevista, não esboçou reclamação alguma por esperar para ajustar equipamentos ou esbarrar em pedidos de fotos.

"Sou bem reservado, simples e aproveito a maior parte do tempo para estar com a família... [A fama] foi algo que nunca pedi, mas é bom saber que se espelham em mim", conta o jogador, que pouco utiliza as redes sociais – tem 1,7 milhão de seguidores no Instagram, e só costuma postar fotos protocolares de jogo. Os pais Ivo e Hetiene tentam blindá-lo ao máximo, mas não esconderam o orgulho ao ver o filho se soltando ao longo do papo de quase uma hora.

Meia ou atacante, centralizado ou pela beirada do campo. Qualquer que seja sua posição, Estêvão sabe que ainda precisará percorrer um longo caminho para chegar ao topo do mundo. Irá para o Chelsea em julho, em negociação que pode atingir até 61,5 milhões de euros (R$ 359 milhões) somados valores fixos e metas. "Fico feliz por meu futebol ser reconhecido e valorizado", afirma. Atualmente, faz aulas de inglês e precisa completar os estudos à distância por causa da rotina de jogador insubstituível no Palmeiras mesmo com só 11 meses de profissional.

A rotina foi transformada muito rapidamente. Artilheiro do clube no Brasileirão e principal garçom, ele já chegou à seleção principal. Foi tratado pelo técnico Abel Ferreira como "diferente de tudo o que já viu". "Isso traz mais responsabilidade. [Esse elogio] não é para qualquer um." Estêvão é humilde, mas confia no próprio taco. Nervoso mesmo só ficou no "trote" da seleção, quando teve de cantar a segunda parte do hino nacional sob olhares atentos e risos de Vinicius Júnior, Rodrygo e companhia. "Acho que foi o momento mais tenso da minha vida", divertiu-se.

O orgulho francano já provou ser diferente e pode terminar o ano com recordes de peso. No momento, só quer driblar o oba-oba antes da hora para não terminar como a histórica (e desastrada) coluna que certa vez comparou Taison, então revelação do Inter, a Messi. "Melhor me chamar só de Estêvão Willian, mesmo."

FAMOSO, EU?

A FICHA DELE AINDA NÃO CAIU. AOS 17 ANOS, O PACATO ESTÊVÃO AINDA SE ACOSTUMA COM A NOVA VIDA DE PRODÍGIO E COM O PREÇO A PAGAR PELA FAMA PRECOCE. ELE SÓ FAZ UM PEDIDO: 'NÃO ME CHAMEM DE MESSINHO'

Consegue dimensionar aonde chegou em tão pouco tempo? Primeiramente, agradeço a Deus por tudo. Ainda é um pouquinho difícil essa ficha cair porque foi muito pouco tempo de adaptação. O [futebol] profissional é totalmente diferente do jogado na base. Acho que soube aproveitar as oportunidades, me adaptei bem e mostrei o meu futebol não só para o Brasil, mas para o mundo.

Você não usa brincos, relógio de luxo... O que passa na cabeça de um jovem de 17 anos? Sou uma pessoa bem reservada, simples e que aproveita a maior parte do tempo para estar junto da família. É com eles que me sinto bem, confiante... Eu me divirto jogando futebol.

E em casa, o que gosta de fazer? Pós-treino tem que ter aquela dormida da tarde (risos). É bom fazer isso, chego muito cansado. Depois, procuro assistir a um filme ou série, jogo videogame. É mais isso mesmo no meu tempo livre.

Já se acostumou com a nova vida? Como lida com os constantes pedidos por fotos e autógrafos? Este ano foi o que mais dei autógrafos e tirei fotos na vida. Tem a questão de não poder ir ali ou aqui. [A fama] foi algo que nunca pedi, mas fico muito feliz de saber que tem pessoas que se espelham em mim, que querem saber da minha história. Tiro as fotos com a maior satisfação.

O que perdeu com a fama precoce? Nada muito específico. Mais aquele passeio a um lugar aleatório com a família. Ir a uma praça, por exemplo, em um lugar simples... Hoje não posso mais.

Por outro lado, quando completar 18 anos imaginamos que... Vou dirigir. E já vou começar pelo lado contrário [na Inglaterra]. Não sei nem do lado certo, imagina do outro lado (risos).

No início, você conciliava o futebol com a escola. Hoje ainda é possível? Estou no segundo ano do Ensino Médio. Não é fácil conciliar com essa correria do dia a dia do futebol, com as viagens e jogos, mas hoje tenho oportunidade de estudar online. Isso facilita bastante.

Por muito tempo você carregou o peso da comparação com o Messi. Gostava de ser chamado de Messinho? Não fui eu quem criou isso, saiu pela mídia e é algo que não gostava, para ser sincero. Uma coisa que tento sempre é ser eu mesmo. Sou o Estêvão, estou construindo a minha carreira, o meu futebol e a minha história. Fico muito feliz pelo reconhecimento, mas não gostava. Estou tentando me desvincular disso cada vez mais. Já desvinculou bastante [do apelido], espero que acabe de vez.

Em Franca, desde os 4 anos, já viam que você era um fenômeno. Quando percebeu que fazia coisas diferentes dos outros? Sempre trabalhei bastante. Treinava muito com o meu pai e nos clubes, também, então tudo foi acontecendo naturalmente. Eu só fui praticando, foquei muito desde cedo. Consegui graças a isso.

Seu pai, Ivo, foi goleiro da Francana. O que ele te ensinou? Desde bem novinho, o pai me levava para os campos para vê-lo jogar. Foi uma paixão. Não como ele, goleiro, porque sempre gostei de fazer gol. Sofro menos (risos). Hoje, brinco de fazer gols nele, mas também tiro o pé. Não pode ficar feio em casa.

Ouvi dizer que houve um episódio desagradável dessa época envolvendo cavalos... Sim, eu morava em um bairro que tinha um campo de terra e vários cavalos acabavam c... Como posso falar? Fazendo suas necessidades ali no meio. O pasto deles era bem onde colocaram os dois gols. E num dia desses acabei pisando, não foi legal. Fiquei louco, comecei a chorar. Foi um dos maiores adversários que tive (risos).

Autógrafos: parte da rotina que foi completamente modificada

CESAR GRECO / SEP

CESAR GRECO / SEP

Com o troféu de campeão nacional nas mãos; agora ele quer o de 2024

UM SONHO A MAIS NÃO FAZ MAL

COM PRAZO DE VALIDADE NO PALMEIRAS, O CAMISA 41 QUER FAZER HISTÓRIA LIDERANDO O VERDÃO NO BRASILEIRÃO E NO SUPERMUNDIAL DO ANO QUE VEM. CONSELHOS DE ABEL AJUDARAM A FORJAR NÚMEROS PRECOCES

Com tantos gols e assistências, você pode terminar o Brasileirão como artilheiro e principal garçom. Pensa nesses feitos? No início, nem pensava nisso. Há dois meses, nem via estatísticas, estava mais preocupado em jogar, mas as coisas foram acontecendo naturalmente. Busco ser artilheiro e líder de assistência. O mais importante mesmo é ser campeão.

O Palmeiras busca o tri brasileiro, mas este ano já sofreu eliminações na Copa do Brasil e na Libertadores. Os jogadores mais jovens sofrem mais com as quedas? Sim, sofremos bastante. Era minha primeira Libertadores, algo que queria conquistar e, por isso, os [jogadores] mais velhos foram fundamentais depois da eliminação e no dia a dia. Como acabou restando só o Brasileiro, nos unimos como nunca e fortalecemos ainda mais para tentar buscar esse título.

E dá para acreditar em mais um título? Amém. Se Deus quiser, e Ele quer, vai dar tudo certo. Até o final do ano teremos outro pôster de campeão (apontando para o pôster de PLACAR).

Como é a sua relação com o Abel? Ele sempre busca me ajudar a evoluir bastante. Ainda na base, não costumava voltar para marcar, e isso acabou me prejudicando um pouco na transição para o profissional. Fui buscando melhorar, o Abel me ajudando e falando para eu cumprir mais funções dentro de campo. Era algo não só para hoje, mas para a minha vida inteira. Tanto lá na Europa quanto aqui no Brasil.

Mesmo recuado quase de lateral, como ocorreu com o Endrick? Isso aí já aconteceu comigo também (risos).

Como caiu para você essa frase dele: 'Ele é diferente de tudo que já vi'? Isso traz mais responsabilidade. Ainda mais vindo de um técnico do tamanho do Abel. Falar uma coisa dessa, acho que não é para qualquer um. Ele sabe o tanto que trabalhei e lutei. Chamar a minha atenção nos treinos foi essencial para mim.

Outra declaração marcante nesse período: 'Gostaria que esse moleque ficasse até pelo menos 2027'. Você tentou ficar? Para falar a verdade, toda criança que joga futebol já sonhou em disputar a Champions League. Jogar na Europa com os maiores clubes e jogadores do mundo. Não que aqui no Brasil não seja [bom], mas lá é completamente outro nível. Quando vi que existia a oportunidade, fiquei muito feliz de saber que estaria realizando um sonho.

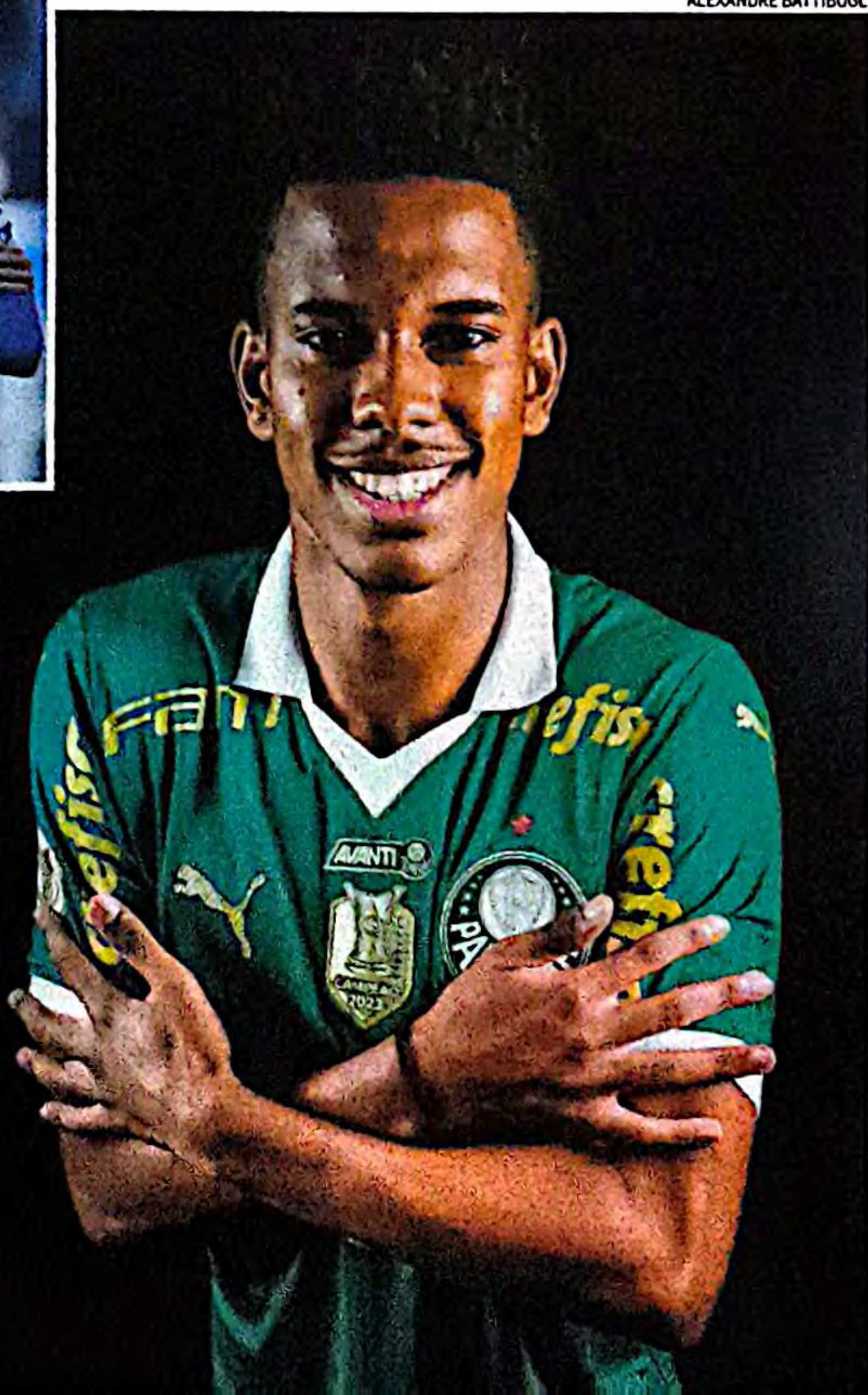
O Abel te aconselhou a ficar? Não, não. Ele já jogou bola também, jogou na Euro, sabe também como funciona. Deixou isso mais para a minha família e os meus empresários.

O Super Mundial de Clubes 2025 é um sonho da torcida palmeirense. E para você? Será uma prévia do que virá? Está chegando, vou estar lá. Representarei o Palmeiras da melhor forma possível, vamos o mais longe que puder na competição. Será uma boa experiência antes de ir embora.

SEE YOU LATER...

NEGOCIADO COM O CHELSEA, JOVEM ATACANTE É ALVO DE OLHARES ATENTOS DOS INGLESES, JÁ CONVERSOU COM FUTUROS COLEGAS E OBSERVA CADA PASSO DO CLUBE. O SONHO DE JOGAR PELO BARCELONA É PASSADO

A um jornal espanhol, você chegou a dizer que seu sonho era jogar no Barcelona. O que mudou até assinar com o Chelsea? Desde criancinha, sempre acompanhei o Barcelona por causa do Messi e do Neymar, que são referências para mim. Quando chegou o Chelsea, meus empresários conversaram com meus pais e comigo. Foi muito boa a proposta e o projeto que eles fizeram. Tem tudo para dar certo.

O que mais te encantou no projeto inglês? Não tem o que falar do Chelsea... estar numa cidade espetacular que é Londres, jogar a liga mais forte do mundo e entre os melhores. Ainda mais agora, com um time que está dando oportunidades para os jovens. Isso chamou muito nossa atenção. Tenho certeza que escolhemos o clube correto.

Como lidou com os elogios do Enzo Maresca, o novo treinador? Foi uma surpresa. Fiquei feliz que ele falou que está acompanhando meu desempenho aqui no Brasil, tanto quanto estou observando o deles lá na Premier League.

Você se vê como jogador do Chelsea ao ponto de ligar a TV e torcer? Sempre bate um friozinho na barriga quando vejo os jogos. Mas primeiro tenho que fazer a minha parte no Palmeiras, me dedicar cada vez mais, e depois ir para lá.

Quando fala nos Blues, você se lembra de quem? Atualmente, tem o [Cole] Palmer, que até imito a comemoração. É um cara excepcional, com um talento espetacular; acompanhei bastante o Willian, [Eden] Hazard, Thiago Silva... São grandes referências do futebol mundial que passaram pelo Chelsea.

Assim como você, o equatoriano Kendry Páez, 17, é um jovem que está indo para lá. O que vocês falaram quando se encontraram? Quando enfrentamos o [Independiente] Del Valle na Libertadores, ele já estava negociado e eu estava acertando detalhes. Mas, nesse último jogo pela seleção (em 6 de setembro), eu o encontrei no Equador e nós dois já estávamos acertados. Conversamos bastante, sobre falar inglês, as adaptações que vão ser difíceis, mas acho que temos tudo para dar certo e ter uma baita experiência.

Acredita que é mais fácil mostrar o seu potencial em um time montado como o Palmeiras ou no reformulado Chelsea? Isso dependerá mais de mim. Se eu evoluir, ajudar a equipe, essa melhora vai andar de uma forma ou de outra. No Palmeiras, já tem caras maduros, que passaram por várias situações. Lá no Chelsea, também vai ter e vamos conseguir passar pelas dificuldades.

E como está seu trabalho de ganho de massa muscular? Cheguei no profissional fino ainda, mas estou trabalhando para ganhar mais massa. Claro, não ganhar tanta massa para não perder a mobilidade, não perder aquilo que eu tenho de melhor.

Estêvão e Palmer: inglês já mandou um 'até breve' para futuro companheiro

GETTY IMAGES

ALEXANDRE BATTIBUGLI

'ESTAMOS SEGUROS DA ESCOLHA PELO CHELSEA'

IVO GONÇALVES, pai do jogador, detalha as expectativas em torno da ida para a Inglaterra em 2025

"Nossa expectativa para a chegada à Inglaterra é a melhor possível. Visitaremos Londres em dezembro para começar a procurar casa e conhecer mais a cidade. Havia vários clubes interessados, mas estamos seguros pelo Chelsea. Nossa escolha foi feita por total direção de Deus. O projeto que nos foi apresentado, principalmente aquilo que esperam dele no campo, tem tudo para funcionar. Acho que o Estêvão, com a qualidade que tem, irá dar uma resposta positiva logo: estará em uma cidade boa, em um clube bom e na melhor liga que existe. Oramos juntos em família, e quando Deus nos dá paz é um sinal claro para tomarmos uma decisão. Por isso, não teve e não haverá ansiedade da nossa parte. Estamos certos de que fará sucesso lá. Recentemente, recebi uma mensagem de uma pessoa transmitindo notícias ruins sobre o Chelsea e respondi dizendo que não somos guiados somente por aquilo que vemos, mas pelo que cremos. Acreditamos nessa direção que não depende de circunstâncias daqui somente. Estamos absolutamente tranquilos para seguir em frente.

ARQUIVO PESSOAL

Com o pai, Ivo, ainda nos tempos dos campinhos de Franca

Curiosamente, isso também aconteceu quando viemos para o Palmeiras. Tínhamos outras opções financeiramente melhores, mas fomos guiados por Deus ao clube. Hoje desfrutamos de tudo aquilo que foi preparado. Quando saímos de Franca, foi diante de um projeto: para que fosse um dos grandes do futebol mundial. É claro que o futuro a Deus pertence, não ficamos presos a isso. O mais importante para nós é ele ser um filho maravilhoso, essa é a nossa maior alegria. Brinco com ele desde que começamos os primeiros trabalhos nos campinhos que se tornaria o melhor do mundo. Dizia a ele um versículo da Bíblia: 'Deus tira o pobre do pó e o faz assentar junto com os príncipes'. Creio que estaremos um dia ao lado dele, e dos grandes, para receber uma Bola de Ouro. Mas acima de tudo: ficaremos ao seu lado nessa caminhada, para os momentos bons e ruins. Sonhar nunca é demais. E, claro, sempre respeitando os momentos. Há 11 meses o Estêvão nem era titular do Palmeiras, hoje faz sucesso. A perseverança é algo importante. Estamos totalmente prontos para esse desafio.

O CHAMADO DA AMARELINHA

ROSTO FREQUENTE EM SELEÇÕES DE BASE E JÁ LEMBRADO POR DORIVAL, ESTÊVÃO DEIXOU ATÉ O FENÔMENO PARA TRÁS COMO O QUINTO MAIS JOVEM A ENTRAR EM CAMPO PELO PAÍS: 17 ANOS E 135 DIAS

Nós nos acostumamos a vê-lo pelo lado direito do campo. Na seleção, pensa em buscar vaga em outras funções? Quando comecei, jogava de meia, mais centralizado. Por ter um porte físico menor para o Palmeiras, por jogar nas categorias acima, fui para a ponta. Foi importante, mas a minha posição natural é de meia. Deixo para o Veiga e o Maurício essa função no time, já que conquistei meu espaço na beirada.

Não acha que tem muitos desses pontas que correm pela beirada no futebol brasileiro? Acho que tem muitos pontas, sim. Sempre falo que não sou um ponta clássico, de velocidade, não sou um ponta forte. Sou mais técnico, mais de habilidade, de construir as jogadas.

De olho na seleção rumo à Copa, acredita que pode oferecer alternativas para o ataque? Com certeza. Gostei bastante dessa experiência nas Eliminatórias, dei opção para a seleção e treinei muito bem. Tendo a oportunidade, a gente aproveita.

Sua disputa é com Raphinha, Savinho e Luiz Henrique? Tenho tudo para disputar posição com esses caras, trabalhando para fazer o meu melhor. Tenho potencial e posso criar expectativas de sempre lutar por uma vaga, mas também reconhecer quem está melhor no momento.

Qual foi a conversa com Dorival? Ele só me pediu para ser eu mesmo, e não fazer nada que não sei. Jogar com o máximo possível de naturalidade e seguir com a alegria que tenho no Palmeiras.

RAFAEL RIBEIRO / CBF

Em Curitiba, contra o Equador, os primeiros 28 minutos pela seleção

MENINO DE FAMÍLIA

FILHO DE PAI PASTOR, EX-BATERISTA NA IGREJA E DE HÁBITOS SIMPLES, ELE GOSTA DE VOLTAR ÀS ORIGENS EM FRANCA E CONFESSA: É DIFÍCIL NÃO FALAR PALAVRÃO

'Seu' Ivo, Estêvão, a mãe Hetiene e a irmã caçula Esther: filhos carregam nomes bíblicos

O quanto os valores milionários da transferência mexem com você? Estou sempre buscando mais informações do que está acontecendo ao redor, mas isso deixo mais para os meus empresários e com a minha família. Fiquei sabendo dos valores uns quatro dias antes de fechar [com o Chelsea]. Só posso ficar feliz do meu futebol ser reconhecido e valorizado.

Mas já percebeu que naturalmente mudou a realidade de sua família? Sempre sonhei em tirar a família de uma situação humilde, de dar uma vida melhor para a mãe, para o pai, para a minha irmã. Estou realizando isso na minha vida, não só para minha família que está aqui em São Paulo, mas também para quem está em Franca e sempre esteve ao meu lado.

Ainda consegue visitar Franca? Algumas vezes, quando tenho uma folguinha ou outra, acabo visitando. É um lugar aonde vou para me desligar do futebol e para estar com os familiares que não vejo tanto.

A cidade é famosa por seus calçados e pelo basquete. Já foi ao ginásio Pedrocão? Já fui em jogo do Franca. É um time muito forte no cenário brasileiro e fico muito feliz de ter essa condição lá. Também acompanho bastante a NBA. É um passatempo, apesar dos jogos serem tarde. Sou do time LeBron James. Onde o LeBron jogar, eu torço. Ele é o melhor da história.

E na música, tem um artista preferido? Como os meus pais são cristãos, cresci dentro da igreja e gosto de escutar músicas evangélicas. Tenho como referência a Gabriela Rocha, a Sarah Beatriz...são grandes cantoras, gosto muito delas.

O seu pai é pastor e você tocava bateria na igreja. Ainda sabe tocar? A bateria é algo que sempre gostei. O meu pai tinha uma igreja em Franca e eu ficava encantado olhando o baterista tocar. Fiz aula, não tenho tocado muito, mas é como andar de bicicleta.

Como foi essa criação em casa? Tudo que sou hoje é graças a Deus. Ele que me deu dom, me tirou de Franca para ir para Belo Horizonte e agora estar aqui em São Paulo. Deus é a base de tudo lá em casa. Buscamos aprovação de Deus em tudo que fazemos. O Instagram mesmo acho que só fui ter com 13 anos. Era uma coisa que queria muito na época, via as outras crianças, mas não tinha. Apertava os meus pais por isso e hoje só agradeço. São muitas coisas ruins e erradas nas redes sociais. Isso foi muito importante para mim.

Pelo lar cristão, imagino que você não fale palavrão. É muito difícil não falar palavrão no futebol? Para falar a verdade, às vezes escapa, sim. Depois acabo pedindo um perdão para Deus e trato de ir melhorando. É ter mais paciência, respirar fundo ali...

Mesmo com a arbitragem que anda por aí... Exatamente (risos). Aí é um pouquinho difícil. Escapa. A gente tenta evitar e ficar mais calmo.

E a sua mãe, ela assiste aos jogos? Agora as coisas estão melhores, mas ela ficava muito nervosa no estádio, mais até do que eu. É o carinho especial de mãe, de tentar cuidar da gente sempre. A minha família é maravilhosa e me acompanha em todos os jogos possíveis.

O CÉU É O LIMITE

FÃ DE MESSI E APONTADO POR MUITOS COMO O MAIOR CRAQUE BRASILEIRO DESDE NEYMAR, O JOVEM PRODÍGIO MIRA CHEGAR LONGE: VENCER A PRÓXIMA COPA DO MUNDO E CONQUISTAR UMA BOLA DE OURO

Gosta de ser chamado de craque? (Risos) Está tranquilo. É um reconhecimento legal.

De onde vem sua autoconfiança? Devo mais ao meu pai. Saber que tem uma pessoa ali, que sempre vai te cobrar ao máximo e fazer evoluir cada vez mais. Sei do meu potencial e do que posso fazer, sei que posso mais ainda. E, claro, a gente vai buscando devagarinho, mas acho que tenho potencial para ser o melhor de mim.

Essa autoconfiança já lhe permite se ver na Copa? E como melhor jogador do mundo... Sim, tenho potencial para ser o melhor de mim. E, com certeza, se Deus quiser, estarei na Copa do Mundo e vou ser o melhor do mundo.

Em qual aspecto do jogo você está evoluindo mais? Nas tomadas de decisões. Saber a hora de dar um passe, de driblar. Antes, queria driblar os adversários e, muitas vezes, eles acabavam ganhando no corpo. Foi uma parte que agregou bastante para o meu jogo.

O Neymar é uma referência, assim como o Messi? Em campo não tenho nem o que falar do Neymar. É um jogador espetacular, que eu cresci vendo jogar tanto no Santos como no Barcelona e na seleção brasileira. É um cara incrível e mais uma referência de como saber lidar com as coisas fora de campo. O instituto dele, por exemplo, é algo muito legal, além dessa forma de saber conviver com as críticas.

Mas a personalidade dele é oposta à sua, não? É um perfil bem diferente mesmo, que acaba ajudando a me tornar uma pessoa melhor. Não que [ele] seja uma pessoa ruim, mas é um alerta para ver o que é o melhor a se fazer. Estou aprendendo bastante nesse mundo de tomar as melhores decisões.

E o que você tira de bom do Messi? Vejo que o Messi é um cara super-reservado, que sempre vemos junto da família. Ele busca ser o mais simples possível, e é isso que quero para mim também. Ser simples, humilde e ter caráter.

Você já notou que suas fotos são sempre com a bola colada ao pé esquerdo? Uma das minhas qualidades é sempre estar com ela bem perto do corpo e conduzir em alta velocidade. Acaba que a maioria das vezes acaba pegando a foto assim. Acho que já nasci com isso, mas também é algo que fui aperfeiçoando.

Atletas de altíssimo rendimento admitem que se manter no topo é a parte mais difícil. Você também pensa assim? Sim, é uma das partes mais difíceis que tem, porque se você tiver um declínio já baixa bastante o rendimento. Às vezes acaba sendo difícil, mas quem planeja estar ali no topo não pode deixar a bola cair. ■

Estêvão e a bola que pode levá-lo ao topo do mundo

ALEXANDRE BATTIBUGLI

O INÍCIO DOS CRAQUES*

COMPARAÇÕES E NÚMEROS FRIOS PODEM ATÉ SER ENGANOSOS, MAS CRISTIANO RONALDO E MESSI, PASMEM, NÃO TIVERAM UM INÍCIO TÃO PROMISSOR COMO O DA JOIA BRASILEIRA...

ESTÊVÃO
11 GOLS
8 ASSISTÊNCIAS

CRISTIANO RONALDO
5 GOLS
3 ASSISTÊNCIAS

LIONEL MESSI
7 GOLS
2 ASSISTÊNCIAS

NEYMAR
8 GOLS
7 ASSISTÊNCIAS

VINICIUS JÚNIOR
4 GOLS
1 ASSISTÊNCIA

RODRYGO
9 GOLS
3 ASSISTÊNCIAS

ENDRICK
10 GOLS
0 ASSISTÊNCIA

*DESEMPENHO DE CADA UM NOS 37 PRIMEIROS JOGOS DA CARREIRA
FONTE: RODOLFO RODRIGUES/PLACAR

PERFIL

ARGENT.

VEGETTI CHEGOU COMO UM DESCONHECIDO PARA SALVAR O VASCO DA SÉRIE B NO ÚLTIMO ANO. FELIZ COM A FAMÍLIA NO RIO E COM JURAS DE AMOR ETERNO PELO GIGANTE DA COLINA, ELE NÃO CONSIDEROU SEQUER ESCUTAR OFERTAS PARA SAIR. AGORA SONHA GRANDE: VIRAR DE VEZ A CHAVE PARA MARCAR COM TÍTULOS O SEU NOME NA HISTÓRIA

Por: Klaus Richmond e Luiz Felipe Castro / Design: LE Ratto
Foto: Matheus Lima / Vasco

Pablo Vegetti já entraria facilmente numa fila de bons personagens, daqueles que pousam de tempos em tempos pelo país. De trajetória improvável no futebol até a chegada quase como um desconhecido ao Vasco da Gama, em 3 agosto de 2023, o argentino que completa 36 anos este mês é um prato cheio contra o marasmo. O avesso do lugar-comum.

Nascido na pequena Santo Domingo, comuna (vila) de pouco menos de 2 000 habitantes no estado de Santa Fé, o atacante tinha praticamente tudo para ser mais um dos que não chegaram lá. Transitou pelos cursos de ciência econômica e educação física na faculdade, e relutou para se dedicar à carreira como profissional – iniciou tardiamente, já aos 22 anos, no Villa San Carlos, sem passar por categorias de base.

Vegetti nem sequer era o alvo número 1 para o ataque do Vasco, que antes fracassou na busca pelos uruguaios Michael Santos e Abel Hernández, o paraguaio Gabriel Ávalos e o brasileiro naturalizado espanhol Diego Costa. Mas coube ao Pirata – como é chamado pela comemoração tapando um dos olhos, em homenagem ao Belgrano, seu ex-clube conhecido como *El Pirata* – mais uma façanha improvável: virar o herói vascaíno na parte final da última temporada ao marcar dez gols que ajudaram a equipe a escapar de mais um rebaixamento no Brasileirão.

Nas entrevistas, ele foge das respostas protocolares e faz uso com naturalidade de palavrões incorporados ao português de pouco mais de um ano no Rio de Janeiro. O hoje badalado jogador, que quase passou como um cidadão comum em sua chegada ao Aeroporto Internacional do Galeão, recepcionado por alguns poucos torcedores, é tão especialista na arte de balançar as redes quanto na de romper projeções. Adorado pelos vascaínos e respeitado por rivais, vive em nosso país o melhor momento da carreira.

"Eu achava ser um caso único, meio especial, mas vi que [histórias como a minha] acontecem muito mais. Sempre entendi que tinha algo pendente com o futebol e que teria que tomar essa decisão [pela carreira profissional] um dia. Acredito que as duas partes tiveram dúvidas. Quando tomei esse rumo, o futebol também tomou. Nos encontramos em um ponto comum. Agora não é um trabalho, é uma paixão", explica à PLACAR.

No ano passado, a paixão do jogador foi a chave para vencer as desconfianças e deflagrar rapidamente uma virada que parecia impossível. Menos de 72 horas depois da chegada ao Brasil, ele já entrava em campo com a camisa 99 às costas para garantir a primeira vitória do Vasco da Gama em São Januário na competição. "Gosto de desafios", disse ao fim do jogo. O time saltou da última colocação para a 19ª ao fim

...IOCA

Camisa 99 vascaíno posa ao melhor estilo 'pirata carioca'

daquela rodada e só escaparia da degola na derradeira rodada do torneio.

"Quando tenho um desejo, ponho-o na cabeça e fico como doido com ele. Na minha carreira fui muitas vezes obsessivo buscando o que queria. Na proposta do Vasco, pensei: 'É agora'. Imaginava ser um desafio para provar algo a mim mesmo. Sei que tenho muitos defeitos e virtudes, como todas as pessoas, mas tento melhorar. Tenho *hambre* (fome) para conseguir objetivos e coisas importantes. Falo que vim para transcender, não só para passar", conta.

Filho de pai caminhoneiro e mãe professora de educação física, o espírito competitivo sempre correu nas veias do argentino. Na infância, praticava esportes como vôlei e padel, mas era movido por doses a mais de *hambre* sempre que jogava futebol. "Nas outras atividades esportivas eu brincava, mas no futebol não gostava de perder nem nos jogos com meus amigos. Falo hoje que se minha mãe estiver no arco (na meta), vou querer fazer gol nela também. E é isso que me mantém vivo."

A raça argentina se transformou na força motriz de que a máquina vascaína precisava para destravar. Apesar da compra pela 777 Partners, empresa americana que controlava o clube até a metade deste ano, e dos inúmeros reforços anunciados, sobravam decepções. Em 2023, o Vasco acabou eliminado pelo ABC da Copa do Brasil. Em março do mesmo ano, era o único time entre os 20 da Série A que já não tinha mais calendário nos Estaduais e na competição nacional. No Brasileiro, nada dava certo. E este ano, mesmo com ele, tropeçou no modesto Nova Iguaçu durante o Estadual.

A mentalidade vencedora de Vegetti foi aperfeiçoada com a ajuda da mulher, a psicóloga Joselina Bonetti, com quem está há 14 anos, e nas andanças por pequenas equipes como Rangers de Talca, do Chile, e Ferro Carril Oeste. Antes da chegada da melhor fase da carreira, ele precisou dar passos atrás após passagem frustrada na elite do futebol argentino entre 2014 e 2017 por Gimnasia La Plata e Colón. Aceitou ir ao pequeno Boca Unidos e depois ao Instituto até a chegada ao Belgrano, onde viveu quatro temporadas como goleador, além de conquistar a *Primera Nacional B* (equivalente à Série B brasileira), maior título da história do clube. É o primeiro jogador a ser artilheiro das duas principais divisões do país de forma consecutiva: em 2022, com 17 gols, e em 2023, com 13.

Pouco antes do primeiro contrato profissional, ele precisou lidar com um grave acidente envolvendo os pais, Reinaldo e Alejandra. O pai do jogador chegou a ficar internado em estado grave em Buenos Aires e fez o Pirata repensar sobre a continuidade no futebol. Hoje, conta com o apoio da esposa nos momentos mais delicados.

"Minha mulher diz que é antiprofissional tratar alguém tão próximo, nos conhecemos bem. Era comum me trancar no quarto após um jogo. Achava isso normal, mas em algum momento entendi que fazer isso não era o melhor, não trazia resultados. Precisei entender que a minha família vive a minha vida, mas eles têm a vida deles também. Minha mulher me ensinou isso. De mudar, esquecer o que aconteceu. E acredito que o nascimento do meu filho potencializou tudo para minha melhor versão", conta.

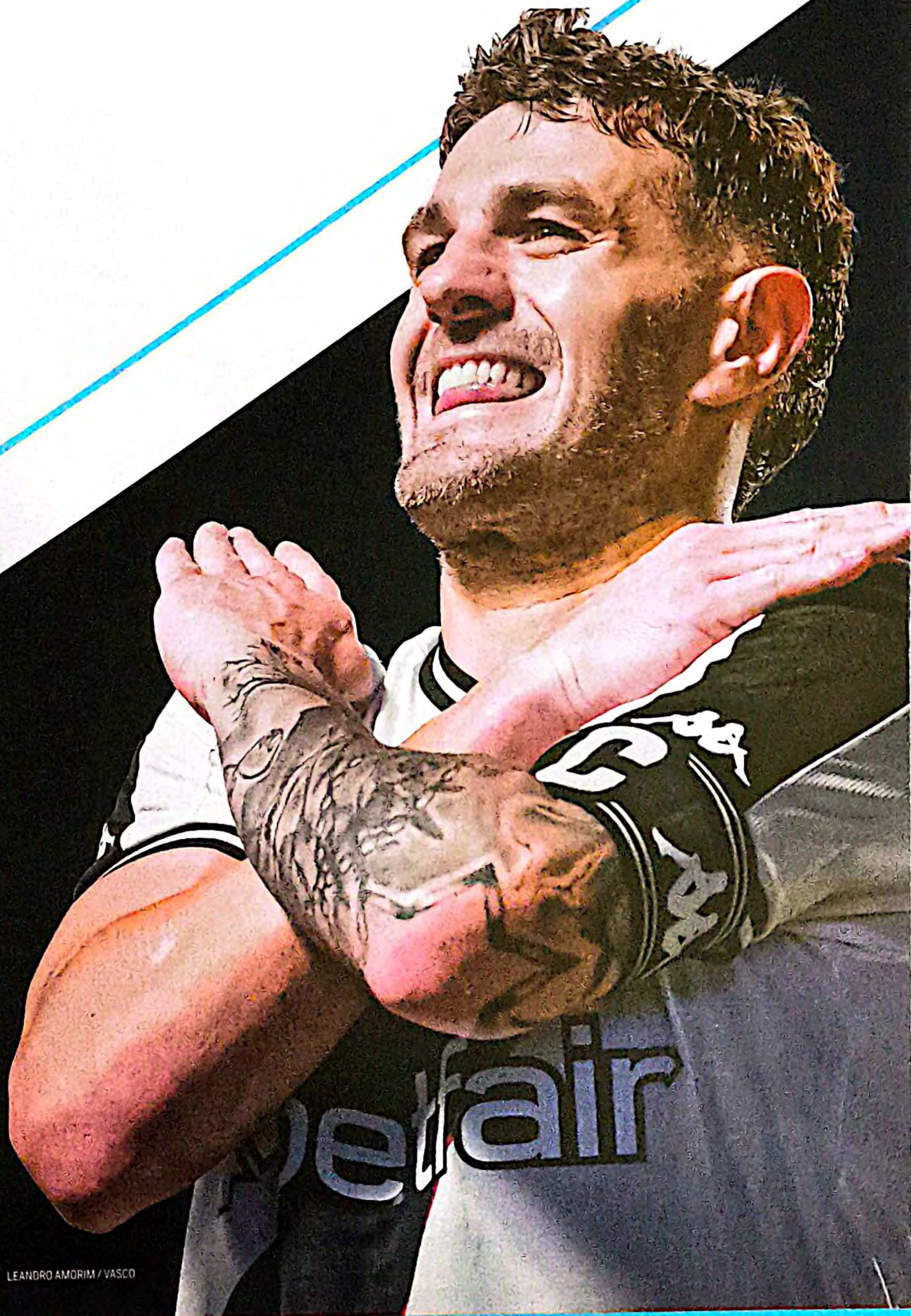
O filho do jogador é figura comum em partidas do Vasco no Rio de Janeiro. Há vídeos virais do pequeno Vittorio cantando músicas do time ou pulando em seu colo embalado pelo coro entoado nas arquibancadas de São Januário. "Ele sabe cantar todas, às vezes olhamos para ele e nem compreendemos. Sabe português melhor que os pais. Se minha família está bem, também estou bem. E minha mulher e meu filho estão muito felizes aqui. Desfrutam muito de tudo. Meu filho tem muitos amigos no condomínio, na escola, na natação... Para mim isso é tudo. Porque se você volta para casa sem a família

RACISMO, RIVALIDADE E FALSO 9

ATACANTE NÃO SE INTIMIDOU EM TRATAR ASSUNTOS ESPINHOSOS, COMO OS CONSTANTES CASOS DE PRECONCEITO CONTRA BRASILEIROS POR PARTE DE TORCEDORES ARGENTINOS. E DEFENDEU A CLASSE DOS CENTROAVANTES "VERDADEIROS"

Com Coutinho, a quem chama de craque, e ao lado da mulher Joselina e do filho Vittorio

MATHEUS LIMA / VASCO

ARQUIVO PESSOAL

LEANDRO AMORIM / VASCO

RACISMO E VIOLÊNCIA POLICIAL

"É um tema sensível, que faz muitas pessoas sofrerem. Na Argentina não se lida como no Brasil. Uma notícia sobre racismo lá é passada por cima, não é tão abordada e debatida. Muitos brasileiros quando vão à Argentina sofrem com isso, mas também acontece de muitos torcedores argentinos virem ao Brasil e serem maltratados pela polícia, isso não ocorre tanto lá. Tudo isso precisa acabar porque somos iguais. Deus não distingue raça, cor... nada. Acho que estamos melhorando, mas ainda é um caminho difícil."

BRASIL X ARGENTINA

"É muito mais comum ver brasileiros torcerem por River ou Boca do que argentinos torcerem para um time brasileiro. Vou falar a verdade: eu mesmo não tinha carinho pelo Brasil, mas agora tenho muito. Creio que a seleção brasileira esteja vivendo o que a Argentina viveu tempos atrás, uma falta de conexão com a torcida. Me surpreendo quando pergunto aos companheiros de Vasco quando é o jogo do Brasil e ninguém sabe. Eu sei com quem a Argentina joga, data, hora e lugar. O Brasil tem que trabalhar para voltar a ser o que era e se reconectar com a torcida."

BASTA DE FALSO 9

"Digo que Guardiola começou a utilizar Messi de falso 9 e confundiu muitas pessoas. A partir dele, todos querem jogar com um falso 9. Mas existe um falso goleiro? Não é bem assim. Messi é um só, Guardiola é um só. E o Barcelona de Messi e Guardiola foi um só. Agora o Manchester City de Guardiola joga com um centroavante nato (Erling Haaland), com características de 9. Não se pode esquecer de uma função assim. Podem gostar mais ou menos, mas cada um tem sua função em campo. Não precisa inventar."

MÉDIA DE ARTILHEIRO

AS ÚLTIMAS TEMPORADAS DE VEGETTI

VASCO

2024
42 JOGOS
19 GOLS
MÉDIA DE 0,45

2023
21 JOGOS
10 GOLS
MÉDIA DE 0,47

MATHEUS LIMA / VASCO

Pirata foi decisivo para recolocar o Vasco na semi da Copa do Brasil

BELGRANO

2023
27 JOGOS
13 GOLS
MÉDIA DE 0,48

2022
37 JOGOS
17 GOLS
MÉDIA DE 0,45

2021
38 JOGOS
20 GOLS
MÉDIA DE 0,52

2020
20 JOGOS
14 GOLS
MÉDIA DE 0,70

INSTITUTO

2019
23 JOGOS
15 GOLS
MÉDIA DE 0,65

INSTITUTO ATLETICO CENTRAL DE CÓRDOBA / DIVULGAÇÃO

Pelo Instituto de Córdoba, onde atuou em 2019 e iniciou uma virada na carreira

NÚMEROS CONTABILIZADOS ATÉ O FECHAMENTO DESTA EDIÇÃO, EM 30 DE SETEMBRO DE 2024

No Belgrano, durante a comemoração pelo título da Segundona argentina, e no pequeno Boca Unidos

CA BELGRANO / DIVULGAÇÃO

BOCA UNIDOS / DIVULGAÇÃO

bem, é muito ruim. Saio mais para jantar, mas não vou à praia. Estou branco (risos). Só depende do Pedrinho (presidente do clube) que a gente fique muito tempo aqui."

Fã de Gabriel Batistuta, segundo maior artilheiro da história da seleção argentina, superado somente por Lionel Messi, Vegetti guarda admiração por um brasileiro: Ronaldo Fenômeno. Do país, contudo, conhecia pouco e só havia feito uma visita cinco anos antes da vinda, de férias. "Fiquei maravilhado com a liga e com tudo aqui. Eu, que vinha jogando no futebol argentino, notei muita diferença. Hoje acho que o Brasil está entre as ligas mais fortes do mundo pelo futebol e questões salariais. Me sinto um privilegiado por estar inserido nisso."

Cobiçado na última janela de transferências, o Pirata avisou ao empresário que nem sequer o informasse de propostas. Ele teve o nome ligado ao River Plate, Boca Juniors, além do mercado saudita, mas planeja se aposentar no clube que aprendeu a amar. "A gente não pode prometer algo sem saber o que vai acontecer. Tenho mais um ano de contrato (até dezembro de 2025), mas o presidente já falou comigo e com o meu empresário e eu disse: 'Estou muito feliz aqui, se quiser que fique, só depende de você'. E, se depender de mim, fico até aposentar. Muita coisa pode acontecer, mas fui muito claro. Estou muito feliz, acho que o melhor ano do Vasco está por vir. O clube precisa voltar a ser o que foi e eu quero ser protagonista, parte disso", conta.

O sonho agora é recolocar o clube na rota dos grandes títulos (o último deles foi o Campeonato Carioca de 2016). A Copa do Brasil parece difícil, porém possível para quem já chegou até a semifinal eliminando Fortaleza e Athletico-PR nos pênaltis. Neste ano, Vegetti atuou os 90 minutos do clássico com o Flamengo, pelo Brasileiro, com febre e ao menos quatro partidas do Carioca com uma fissura na costela. Artilheiro da competição com seis gols, ele parece imparável no plano de devolver ao Vasco o sonhado protagonismo depois de anos de dor. Um argentino da gema. ■

NA ALEGRIA E NA TRISTEZA

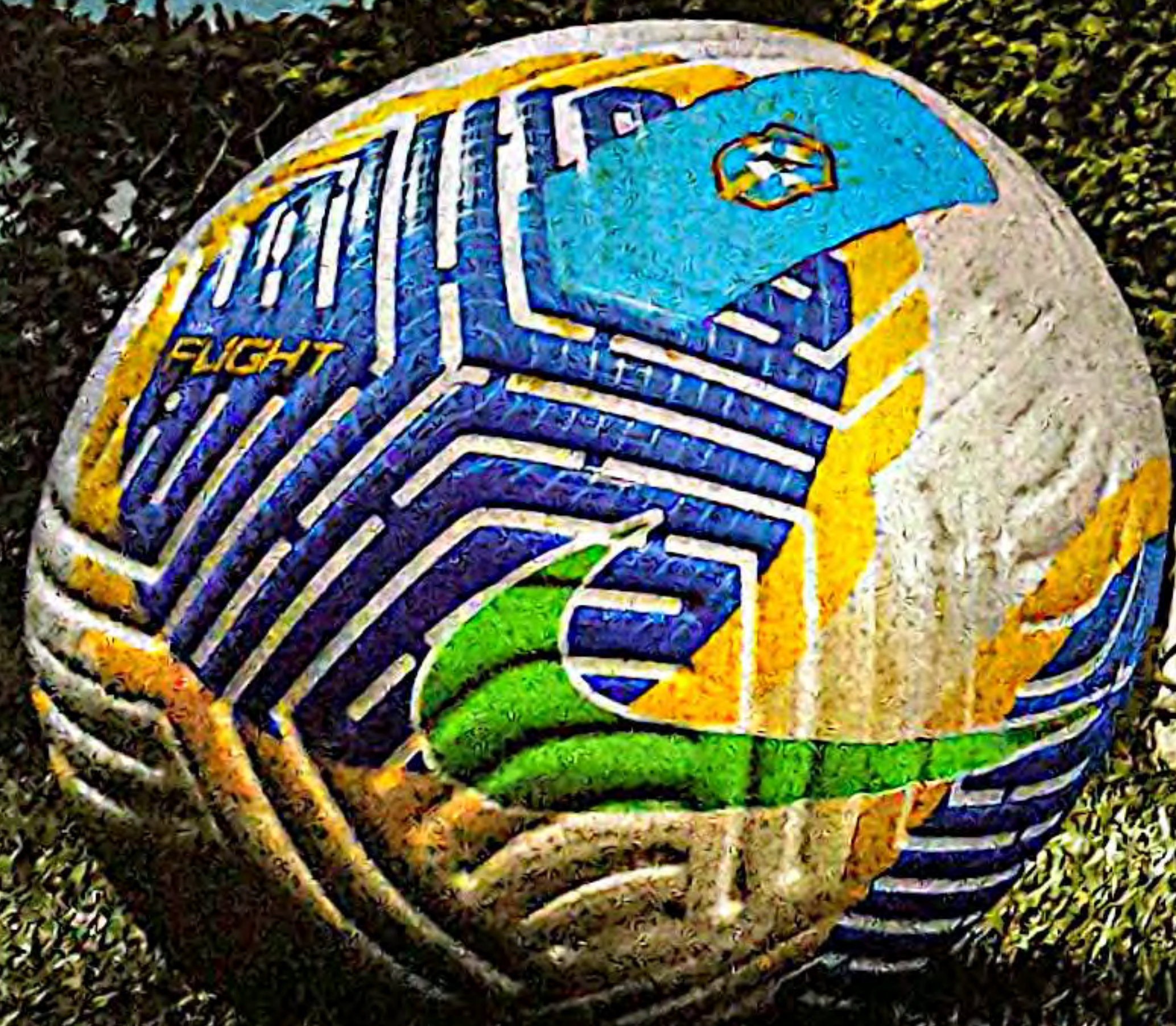
PROTAGONISTA EM TÍTULOS INÉDITOS, DISCIPLINADO E BOM DE GRUPO. LUCAS MOURA REJEITA FAMA DE INJUSTIÇADO, ASSUME RESPONSABILIDADES DO CASAMENTO DE SUCESSO COM O SÃO PAULO E AINDA SONHA ALTO NA CARREIRA

Por: Enrico Benevenutti e Klaus Richmond
Foto: Alexandre Battibugli / Design: LE Ratto

No CT da Barra Funda: Lucas retornou em 2023 e se consolidou como ídolo de uma geração de são-paulinos

NA ALEGRIA E NA TRISTEZA

PROTAGONISTA EM TÍTULOS INÉDITOS, DISCIPLINADO E BOM DE GRUPO, LUCAS MOURA REJEITA FAMA DE INJUSTIÇADO, ASSUME RESPONSABILIDADES DO CASAMENTO DE SUCESSO COM O SÃO PAULO E AINDA SONHA ALTO NA CARREIRA

Por: Enrico Benevenutti e Klaus Richmond
Foto: Alexandre Battibugli / Design: LE Ratto

Retorno com gol e atuação perfeita contra o Corinthians na semi da Copa do Brasil; 32 dias depois, a coroação: o título diante do Flamengo

ALEXANDRE BATTIBUGLI

ALEXANDRE BATTIBUGLI

"Quando eu era criança e ia dormir na casa de algum amigo, procurava sempre ser educado e certinho. Tinha uma preocupação enorme de nunca dar desgosto. Era algo que me preocupava. Poxa, não quero que alguém chegue em casa e fale mal de mim para os meus pais." Lucas Moura passou 11 anos longe de seu lar, o São Paulo Futebol Clube, mas foi como se jamais tivesse saído. O torcedor tricolor ansiava pela volta do ídolo "made in Cotia" e o retorno foi cercado de orgulho mútuo. "Era um sonho, tenho ótimas lembranças daqui desde a base. Fiz grandes amigos, tenho um carinho e uma gratidão enormes. Amo jogar futebol, sou apaixonado pelo que eu faço, mas fazer isso no time que me formou, que eu torço e amo, é ainda mais especial."

Casamentos assim são cada vez mais raros no futebol moderno. A rápida ascensão, pouco mais de uma década atrás, foi coroada com o título inédito da Copa Sul-Americana em 2012, recebendo o troféu das mãos do capitão Rogério Ceni. O "exílio" com as camisas de PSG e Tottenham coincidiu com o jejum de conquistas da equipe paulista – foram nove anos até o Paulistão de 2021 (selado diante do rival Palmeiras, ainda sem Lucas) e 11 anos sem levantar um caneco de nível nacional até a euforia da Copa do Brasil de 2023.

"Quanto tempo, hein, o seu cabelo cresceu e o meu caiu. A última vez foi em Paris, né?", lem-

"EU SOU MUITO COLETIVO, PENSO SEMPRE NO TIME. ME PREOCUPO MUITO COM OS OUTROS E SOU ATÉ CRITICADO POR ISSO, DIZEM QUE EU DEVERIA SER MAIS EGOÍSTA"

CRAQUE RODADO

SÃO PAULO
2010-2012 e desde 2023

Jogos: 185
Gols: 46
Assistências: 34
Títulos: 2
Sul-Americana (2012) e Copa do Brasil (2023)

PSG
2012-2018

Jogos: 229
Gols: 46
Assistências: 46
Títulos: 18
Campeonato Francês (2013, 2014, 2015, 2016 e 2018), Copa da França (2015, 2016, 2017 e 2018), Supercopa da França (2013, 2014, 2015 e 2016) e Taça da Liga Francesa (2014, 2015, 2016, 2017 e 2018)

TOTTENHAM
2018-2023

Jogos: 219
Gols: 39
Assistências: 26
Títulos: -

BRASIL

Jogos: 37
Gols: 4
Assistências: 5
Títulos: 2
Sul-Americano sub-20 (2011) e Copa das Confederações (2013)

NÚMEROS CONTABILIZADOS ATÉ O FECHAMENTO DESTA EDIÇÃO, EM 30 DE SETEMBRO DE 2024

brou o sempre boa-praça Lucas Moura ao rever o fotógrafo Alexandre Battibugli, antes de a câmera ligar. "É um prazer falar com vocês depois de tanto tempo, a PLACAR faz parte da minha história." Não é a primeira e nem a segunda vez. Em nossas capas, Lucas já foi "A Bola da Vez" e já esteve "Mordido", mas agora o objetivo é outro: ampliar sua idolatria, nas vitórias ou nas derrotas. Nem mesmo a eliminação nos pênaltis diante do Botafogo, nas quartas de final da Libertadores, com direito a uma cobrança perdida pelo camisa 7 no tempo normal, diminuiu o respeito da torcida por sua cria.

O retorno no ano passado foi como um conto de fadas: 47 dias após a oficialização, o meia sagrava-se campeão da primeira Copa do Brasil tricolor, um título perseguido com afinco e que tornava o clube "campeão de tudo". Sua atuação no Majestoso da semifinal embalou uma noite épica no MorumBis. "Eu fiquei livre de contrato pela primeira vez na minha carreira e estava aqui no Brasil, bem na época da semifinal contra o Corinthians. Estava em um resort com a minha família vendo o primeiro jogo com muitos são-paulinos. Fiquei torcendo, sofrendo, e todo mundo pedia: 'Lucas, volta para o segundo jogo'. No dia seguinte o Milton Cruz me ligou e deu tudo certo."

Aos 32 anos, Lucas já vive uma etapa da carreira em que precisa escolher onde e quando concentrar suas ener-

RENATO PIZZUTTO

O primeiro título: em 2012, recebeu a taça da Sula das mãos de Rogério Ceni

“TODA VEZ QUE ESCUTO A NARRAÇÃO, ME ARREPIO, NÃO TEM COMO NÃO SE EMOCIONAR. ATÉ HOJE ME MANDAM O VÍDEO NAS REDES SOCIAIS”

GETTY IMAGES

gias. A boa relação com o técnico argentino Luis Zubeldía ajuda no processo: “Eu queria jogar todos os jogos, é o que eu amo fazer, mas precisamos ser inteligentes”. No período de pouco mais de um ano, foram três lesões, resultado de muitos fatores: calendário, desgaste das viagens e os gramados. Ele, aliás, faz questão de dizer que é totalmente contra os campos sintéticos de Palmeiras, Botafogo e Athletico-PR. “Estamos muito atrás nesse sentido. Os jogadores sentem na pele. Eu raramente sofri com lesões na Europa.”

Lucas também condena a arbitragem nacional, que “pica demais o jogo com faltinhas”, mas, mantendo a fama de bom moço, admite que os atletas poderiam contribuir mais para o espetáculo. “Eu toco bastante nessa tecla. Qualquer falta enrola muito para recomeçar o jogo, perde-se tempo reclamando com o juiz. Quando vai para o VAR, sempre se forma um bolinho em volta do juiz, gasta-se muita energia com isso”, diz. “Precisamos melhorar um pouco nossa cultura, né? Infelizmente ainda tem muita cera, simulação, gandula que some com bola quando o time está ganhando, juiz que às vezes é mais caseiro. Lá na Europa não se vê tanto isso.”

ALEXANDRE BATTIBUGLI

Modelando em Paris: PLACAR cobriu a passagem de altos e baixos de Lucas pelo PSG

Os anos fora do Tricolor se dividem entre Paris e Londres. Foram cinco integrando um Paris Saint-Germain emergente, após uma proposta irrecusável à época e que o levou a dividir vestiário com nomes como Zlatan Ibrahimovic, Edinson Cavani e Ángel Di María e estreitar laços com Thiago Silva, além de ser treinado por Carlo Ancelotti. O período rendeu até ensaio

‘2026 É

LUCAS EVITA SE DIZER INJUST TER DISPUTADO A COPA DE 20 NO GRUPO DO MUNDIAL NA AM

Você sonha com a próxima Copa do Mundo? Dá para chegar em 2026?
Acho que é possível, sim. Eu me vejo na seleção. Sempre foi um sonho jogar uma Copa, e, quando eu voltei para o São Paulo, tinha esse objetivo. Estou novo ainda, me sinto bem fisicamente. Tenho muita lenha para queimar e acredito que posso ajudar bastante. Vou trabalhar e me esforçar ao máximo para alcançar 2026.

Você e o Neymar surgiram praticamente juntos. Esperava-se que fossem deslanchar juntos como uma grande dupla na seleção. O que aconteceu? Se sentiu injustiçado?
Já ouvi bastante isso, é difícil achar uma explicação. No começo da minha carreira, surgiram muitas comparações até injustas com o Neymar. Primeiro que cada jogador tem sua característica, sua história e maneira de ser. E o Neymar é um daqueles jogadores que surgem a cada trinta anos, um gênio da bola. Ele é completo, tem drible, velocidade, definição. Essas comparações me incomodavam na época, mas é difícil achar uma explicação. Talvez tenha faltado uma sequência e oportunidades para jogar no time titular. Fiquei três anos na seleção e joguei pouquíssimo como titular. Não estou reclamando, mas acho que é uma avaliação.

[illegible] Copa do [illegible]?
Eu acho que na Copa de 2014 tinha condições de jogar, estava vivendo um momento muito bom no PSG, tanto que eu era titular e o Cavani, banco, então tinha muita esperança. A Copa de 2018 já era mais difícil porque eu vinha de

‘2026 É LOGO ALI’

LUCAS EVITA SE DIZER INJUSTIÇADO, MAS ACREDITA QUE PODERIA TER DISPUTADO A COPA DE 2014 E SE VÊ EM CONDIÇÕES DE ESTAR NO GRUPO DO MUNDIAL NA AMÉRICA DO NORTE

Você sonha com a próxima Copa do Mundo? Dá para chegar em 2026?
Acho que é possível, sim. Eu me vejo na seleção. Sempre foi um sonho jogar uma Copa, e, quando eu voltei para o São Paulo, tinha esse objetivo. Estou novo ainda, me sinto bem fisicamente. Tenho muita lenha para queimar e acredito que posso ajudar bastante. Vou trabalhar e me esforçar ao máximo para alcançar 2026.

Você e o Neymar surgiram praticamente juntos. Esperava-se que fossem deslanchar juntos como uma grande dupla na seleção. O que aconteceu? Se sentiu injustiçado?
Já ouvi bastante isso, é difícil achar uma explicação. No começo da minha carreira, surgiram muitas comparações até injustas com o Neymar. Primeiro que cada jogador tem sua característica, sua história e maneira de ser. E o Neymar é um daqueles jogadores que surgem a cada trinta anos, um gênio da bola. Ele é completo, tem drible, velocidade, definição. Essas comparações me incomodavam na época, mas é difícil achar uma explicação. Talvez tenha faltado uma sequência e oportunidades para jogar no time titular. Fiquei três anos na seleção e joguei pouquíssimo como titular. Não estou reclamando, mas acho que é uma avaliação.

E qual edição teria sido a sua Copa do Mundo?
Eu acho que na Copa de 2014 tinha condições de jogar, estava vivendo um momento muito bom no PSG, tanto que eu era titular e o Cavani, banco, então tinha muita esperança. A Copa de 2018 já era mais difícil porque eu vinha de cinco meses sem jogar no PSG e havia me transferido para o Tottenham. Era bem no comecinho, mais complicado mesmo. Confesso que machucou (ficar fora de 2014), mas não gosto da palavra injustiça, é um pouco pesada. Tem muitos jogadores no Brasil, não é? Dá para montar umas três seleções. São escolhas do treinador e temos que respeitar.

Como vê essa crise de identidade da seleção? Há um desinteresse e afastamento da torcida.
Mudou muito de como era antigamente a ligação da torcida com a seleção brasileira, infelizmente. Não sei o que motivou isso, talvez o problema político que atravessamos até hoje. Polarizou bastante, uma pena. A seleção sempre teve o poder de unir bastante o povo brasileiro. Eu sou de uma geração que pintava as ruas durante as Copas do Mundo, e era uma alegria enorme. Infelizmente, perdemos um pouco disso. Mas está nas nossas mãos, ou melhor, nos nossos pés. Não tem mais jogo fácil e simples, e cabe a nós resgatar novamente essa identidade da torcida. Eu vejo luz no fim do túnel, tenho muita esperança, porque temos muitos jogadores de qualidade, novos talentos surgindo. É trabalhar para colocar a seleção no lugar que merece.

Acha que nossa geração está abaixo do nível europeu?
Não, não vejo dessa forma. Sempre estivemos à frente na qualidade técnica. Em todas as gerações, o Brasil sempre foi uma máquina de revelar jogadores. Só que não é só talento, não basta, precisa de organização, mentalidade, é um conjunto. Precisamos melhorar no que estamos pecando, porque não é talento ou uma questão de qualidade.

O parceiro genial: Lucas e Neymar brilharam no título sul-americano sub-20 de 2011

fotográfico, modelando na Cidade Luz pelas lentes de PLACAR.

Em fim de ciclo no PSG após a chegada de Kylian Mbappé e do amigo Neymar, mudou-se para a capital britânica e pelo Tottenham viveu seu momento mais marcante no futebol europeu, os três gols na semifinal da Champions League 2018/19 contra o Ajax que levaram os Spurs à grande final: "Toda vez que escuto a narração [de Jorge Iggor, narrador da TNT Sports] me arrepio, não tem como não se emocionar. Até hoje me mandam o vídeo nas redes sociais". O herói, porém, foi sacado na grande final para o retorno da estrela do time, Harry Kane, que vinha lesionado.

"É difícil falar de injustiça, mas o natural seria eu jogar. Foi um banho de água fria. Não só por causa dos gols, mas eu vinha atuando muito bem, nas quartas contra o City também fui bem", conta, e completa revelando bastidores prévios àquela derrota por 2 a 0 para o Liverpool. "Fizemos a preleção no hotel e o Pochettino (técnico) revelou a escalação. Ficou um clima tenso no ônibus, todo mundo me olhando. Estava 'P' da vida, mas focado em ajudar o time." Nem mesmo o trauma faz Lucas abandonar o tom pacificador de sempre. "Eu procuro não pensar nesse episódio e ficar com a alegria da semifinal, o orgulho de ter jogado uma final de Champions League. Eu sou muito competitivo, mas tenho muito orgulho daquela medalha de prata, guardo com muito carinho."

Meio-campista de formação, Lucas passou a jogar como ponta-direita assim que subiu ao profissional do São Paulo, por causa da velocidade. Foi somente no Tottenham, com José Mourinho, que o brasileiro voltou a jogar centralizado. E assim retornou ao São Paulo. "Eu sempre fui um camisa 10 de origem na base. Eu me sinto à vontade no meio, gosto de participar do jogo e ter essa liberda-

Velocidade: camisa 7 começou a carreira como ponta, mas voltou a atuar centralizado

RENATO PIZZUTTO

MADE IN... PLACAR

Não é de hoje que Lucas, outrora "Marcelinho" pelos meses que jogou na escolinha do ídolo corintiano, em Diadema, estampa as páginas de PLACAR. A primeira delas, em abril de 2011, a "Bola da vez" do futebol brasileiro contava que ainda gostava de jogar boliche, recebia conselhos de Rogério Ceni e Rivaldo e provocava até ciúmes em companheiros. Na segunda, em junho de 2012, pleiteava um lugar de protagonista no São Paulo e na seleção brasileira. Ainda houve um ensaio ao melhor estilo "galã" na chegada ao PSG. "A Cidade Luz parou nesse dia", recorda aos risos.

de de baixar e acelerar", afirma. "Jogo até de lateral, se precisar", brinca, lembrando que atuou na posição de forma esporádica pelo Tottenham, e acaba com qualquer discussão ou polêmica recente sobre onde gosta de atuar. "Eu sou muito coletivo, penso sempre no time. Tudo o que eu faço, me preocupo muito com os outros e sou até criticado por isso, dizem que eu deveria ser mais egoísta."

Foram essa postura e a personalidade, além das grandes atuações, que levaram Lucas Moura de volta à seleção brasileira após seis anos esquecido. O trunfo está no comando do técnico Dorival Júnior, seu treinador no título da Copa do Brasil do ano passado. Ele sonha, inclusive, em estar na Copa de 2026, apesar de preterido para os jogos contra Chile e Equador.

Um dos raríssimos casos em que Lucas se envolveu em polêmicas nos últimos anos foi quando declarou apoio à candidatura presidencial de Jair Bolsonaro em 2018 e 2022. Ele mantém firme sua postura conservadora e de direita, mas revela que busca "sabedoria para saber quando vale a pena ou não falar". "Tem muita gente que me acompanha e quer saber minha opinião, e não vejo problema nenhum em ela ser diferente da sua. O que incomoda é ver essa polarização, essa briga. Não dá para conviver normalmente? O mundo é assim, as pessoas têm opiniões diferentes. Infelizmente existem os extremos e pessoas que não aceitam as visões alheias", pondera.

Lucas Moura mantém sua postura nas vitórias e nas derrotas. Mesmo depois de chutar um pênalti no travessão no mata-mata da Libertadores contra o Botafogo, seguiu buscando jogo e não fugiu à responsabilidade. Pediu a bola novamente e converteu sua segunda cobrança, mas o sonho do tetra continental escorreu pelos dedos no MorumBis. Uma nova chance há de vir. Com contrato até 2026, não faz planos para aposentadoria nem se imagina seguindo o caminho de técnico. Quer encerrar a carreira "em casa" e garante que jamais se transferiria a um rival paulista. Desfrutando de uma vida próspera em família, Lucas tem claro qual é sua principal missão. "Sei da responsabilidade que carrego hoje, ainda mais sendo casado, pai de dois filhos. Quero ser um grande exemplo e deixar um grande legado para eles." ■

ALEXANDRE BATTIBUGLI

Maduro: aos 32 anos, casado e pai de dois filhos, Lucas se diz plenamente realizado

"PRECISAMOS MELHORAR UM POUCO NOSSA CULTURA, INFELIZMENTE AINDA TEM MUITA CERA, SIMULAÇÃO, GANDULA QUE SOME COM BOLA QUANDO O TIME ESTÁ GANHANDO"

ESPECIAL

VAMOS, ENFIM, DE C

HEC
COI
FUT
BRA
ASS
REV
SAF
EST
NUN
ATR
EST
INTE
A HO
É AG
TAN
OPO
DES

Por: E
e Ped
Ilustr
Desig

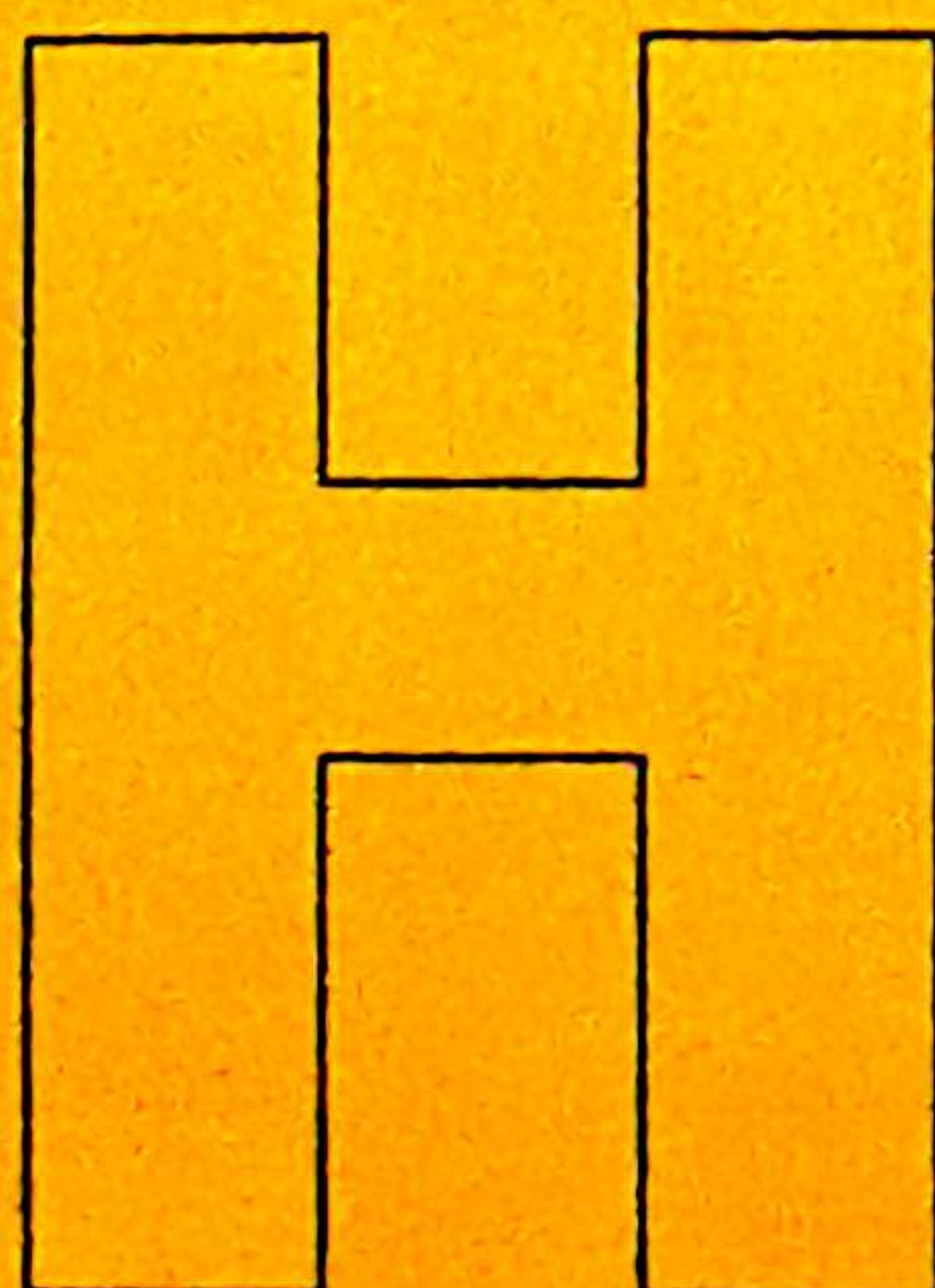
Depay,
Coutin
estrela
em tran

COLAR?

HEGEMÔNICO NO CONTINENTE, FUTEBOL BRASILEIRO ASSISTE À REVOLUÇÃO DAS SAFS, ENCHE ESTÁDIOS COMO NUNCA E AGORA ATRAI ATÉ ESTRELAS INTERNACIONAIS. A HORA DA VIRADA É AGORA (COMO EM TANTAS OUTRAS OPORTUNIDADES DESPERDIÇADAS)

Por: Enrico Benevenutti e Pedro Cohem
Ilustração: Jéssica Souza*
Design: LE Ratto

Depay, Braithwaite, Coutinho e De la Cruz: estrelas de um campeonato em franca ascensão

*SOBRE FOTOS DE GETTY IMAGES E DIVULGAÇÃO

Há pouco menos de uma década, Palmeiras e Flamengo começaram a colher os frutos de processos de reestruturação econômica – não exatamente iguais, mas ambos bem-sucedidos e pautados em responsabilidade financeira. Cada um conquistou dois Campeonatos Brasileiros e duas Libertadores, entre outras taças, de 2019 para cá. Nasceu, então, uma nova rivalidade regional e, por consequência, uma preocupação entre os concorrentes: o risco de "espanholização" do futebol brasileiro, numa comparação ao domínio de Real Madrid e Barcelona em LaLiga. Não foi bem o que aconteceu, ao menos por ora. Tanto o esquadrão alviverde quanto o rubro-negro seguiram na disputa por taças, mas estão bem acompanhados. A dupla elevou o nível de exigência e puxou a fila do progresso. Atlético-MG, Vasco, Cruzeiro, Fortaleza, Bahia e especialmente o Botafogo (líder do Brasileirão e classificado à semifinal da Libertadores após 51 anos) retomaram protagonismo na condição de Sociedades Anônimas de Futebol (SAFs). Fluminense e São Paulo conquistaram títulos inéditos e grandiosos. A competitividade aumentou, a qualidade do produto também, e esse processo resultou em investimento recorde e estádios mais cheios do que nunca. Até estrelas internacionais começam a abraçar a causa. Já há quem vislumbre o Brasileirão se tornando uma liga de elite. Será mesmo possível?

O aumento no número de atletas além-mar é notável. Em 2012, o Botafogo surpreendeu ao trazer o craque holandês Seedorf. O Corinthians mirou mercados alternativos e apresentou o chinês Zhizhao e o turco-inglês Kazim. O Coritiba chegou a ter um alemão, Baumjohann. Até 2022, o número ainda era irrisório,

apesar das inusitadas entradas e saídas de nomes como Honda (Japão), Kalou (Costa do Marfim) e Juanfran (Espanha). Recentemente, a invasão gringa pegou no breu. Em 2023, o número de europeus na Série A subiu de dois para cinco; na atual temporada, chegou a nove: Braithwaite (Dinamarca), Héctor Hernández (Espanha), Bolasie, El Arouch e Payet (França), Memphis Depay (Holanda), Jamal Lewis (Irlanda do Norte), Tobias Figueiredo (Portugal) e Maxime Dominguez (Suíça). Tal movimento faz lembrar o Modo Carreira do game EA Sports (antigo Fifa), função que proporciona contratações inesperadas. Como mostra o quadro da página 38, nem todas foram exitosas.

Ao desembarcar, as estrelas estrangeiras recorreram ao chamado *soft power* (poder suave, na tradução livre, como é definida a estratégia de alguns países de conquistar prestígio sem o uso da força) que o futebol brasileiro ainda possui, apesar da péssima fase da seleção. O corintiano Depay e o gremista Braitwhaite citaram admiração por velhos craques e pelo escrete canarinho. O dinamarquês desembarcou em Porto Alegre com a dura missão de repetir o sucesso do uruguaio Luis Suárez. Já veterano, convivendo com problemas físicos, Luisito deixou saudades eternas nos tricolores, escancarando a porta para novas contratações de peso. O fascínio por Ronaldo, Ronaldinho e companhia tem peso, claro, mas não tanto quanto ela, a grana.

O economista Cesar Grafietti, sócio da consultoria Convocados, explica que o Brasil tem hoje condições financeiras de competir com grandes ligas e se torna uma oportunidade interessante para aqueles que já não seduzem potências europeias como antes. "Eles buscam mercados alternativos, como Estados Unidos e Arábia Saudita, e agora também o Brasil. O futebol brasileiro paga muito bem, o estrangeiro chega com um salário limpo, mordomias, e normalmente em clubes competitivos", diz Grafietti, que vê nosso campeonato superior aos de Turquia e Grécia, que antes largavam na frente nessa corrida.

"Tudo na minha vida tem um propósito. Me propuseram vir, e a energia que senti, os esforços do clube e de todos os torcedores foram algo que nunca tinha experimentado antes, meu coração se alegrou. Nós precisamos reconhecer de onde vem o futebol autêntico. Aqui é a 'Meca' do futebol. Depois de mim, muitos vão querer experimentar essa aventura"

Memphis Depay, atacante holandês do Corinthians

JHONY INACIO

Num cenário de real forte em comparação com moedas vizinhas, até mesmo clubes de menor expressão conseguem entrar neste jogo. O Atlético Goianiense, lanterna da Série A, foi a equipe que mais contratou forasteiros em 2024: dez no total, a maioria sul-americanos, além da estrela costa-riquenha Joel Campbell. O presidente Adson Batista explicou à PLACAR a dificuldade que os times emergentes sofrem: "O mercado inflacionou muito, a entrada das SAFs aumentou o sarrafo. Chegamos no limite e passamos a procurar alternativas, como o mercado na América no Sul."

Neste ano, a Série A já chegou a 130 atletas estrangeiros, superando o recorde do ano passado, 123. Grosso modo, é possível dizer que fazemos com os *hermanos* o mesmo que os gigantes europeus fazem conosco. Ou seja, nos tornamos uma tentação quase irresistível para quem visa dinheiro e projeção, como explica Andrés D'Alessandro, lenda do Inter, de volta ao Colorado como dirigente. "O Brasil segue crescendo e

nós [argentinos] ficamos pelo caminho. Há centros de treinamento e salários de nível europeu, e essa supremacia na Libertadores pode continuar", disse, em entrevista à Rádio Continental AM 590, de seu país natal. "A Série B daqui é como se fosse a Série A argentina, é impossível competir", sentenciou.

Nasceu na Grande Buenos Aires, inclusive, a contratação mais cara da história do futebol brasileiro: Thiago Almada, campeão do mundo em 2022, que custou ao Botafogo R$ 137,4 milhões junto ao Atlanta United, dos EUA. Rapidamente, o meia de 23 anos virou peça-chave do time. Sua passagem tem tudo para ser tão gloriosa quanto efêmera. O dono da SAF do Botafogo, o americano John Textor, já avisou que Almada seguirá rumo ao Lyon, da França, outro time controlado por sua empresa, a Eagle Holding, em 2025. Textor é, sem dúvida, o grande protagonista na era das SAFs no Brasil. Constantemente envolvido em polêmicas, seja por acusações feitas por ele ou contra ele, o chefão alvinegro abalou as estruturas.

"A lei [das SAFs] permite que todos os clubes tenham a oportunidade de buscar um investidor, montar um plano de negócios e fazer uma proposta a um atleta. Mesmo um clube menor pode trazer dinheiro, beneficiar a economia e sonhar com um título", argumentou Textor, após a classificação continental do Botafogo diante do São Paulo, no MorumBis. O sucesso botafoguense acelerou os bem-vindos debates sobre a aplicação de um sistema de *fair-play* financeiro, como na Europa. O americano critica o que chama de ataques oportunistas, mas se mostrou aberto. "Gostaria de me reunir com os outros presidentes e ter uma conversa franca

CASA CHEIA

Brasileirão bateu recorde de público pagante em 2023, superando marca de 1983 (22 953 por jogo)

Ano	Público
2004	8 805
2005	13 765
2006	12 401
2007	17 461
2008	16 992
2009	17 869
2010	14 839
2011	14 886
2012	13 244
2013	15 144
2014	16 555
2015	17 223
2016	15 686
2017	16 355
2018	20 301
2019	22 601
2020	0 (pandemia)
2021	15 252
2022	21 672
2023	27 817

MATHEUS LIMA / VASCO

62 186

TORCEDORES PRESENTES AO MANÉ GARRINCHA EM VASCO 0 x 1 PALMEIRAS, MAIOR PÚBLICO NO BRASIL EM 2024 ATÉ O MOMENTO

54 499

MÉDIA DE PAGANTES DO FLAMENGO, LÍDER DO QUESITO, EM 2023

LUCAS UEBEL / GRÊMIO

"Fiz toda minha carreira na Europa, mas sempre amei o Brasil. Na copa de 1998, o Brasil jogou contra a Dinamarca e eu tive um problema em casa por chegar com o rosto pintado nas cores do Brasil. Eu era apenas uma criança que amava o jeito que os brasileiros jogavam. O convite do Grêmio foi uma surpresa positiva, estou muito feliz de estar aqui"

Martin Braithwhaite, atacante dinamarquês do Grêmio

BRASILEIRÃO MODO CARREIRA

FUTEBOL BRASILEIRO RECEBEU UMA SÉRIE DE ESTRELAS INTERNACIONAIS NOS ÚLTIMOS ANOS. CONFIRA QUAIS DERAM RESULTADOS

HOLANDA

CLARENCE SEEDORF

BOTAFOGO – 2012 a 2013

Ídolo de Ajax, Real Madrid e Milan, craque holandês chegou ao Glorioso com empurrãozinho da esposa brasileira. Rapidamente, se tornou uma referência moral e técnica. Foi Bola de Prata de PLACAR em 2012 e brilhou na conquista do Campeonato Carioca do ano seguinte

COSTA RICA

BRYAN RUIZ

SANTOS – 2018 a 2020

Maestro da seleção costa--riquenha, uma grata surpresa na Copa do Mundo de 2014, chegou para ser protagonista. Entrou em campo só 13 vezes em três temporadas, perdeu espaço, passou a treinar separado e até jogou na equipe B, quando o contrato foi rescindido

JAPÃO

KEISUKE HONDA

BOTAFOGO – 2020

Com passagem relevante pelo Milan, o meia japonês chegou junto do marfinense Salomon Kalou e ambos decepcionaram. A desorganização do clube à época também não ajudou, e o atleta asiático se despediu sem deixar saudades, com três gols em 27 jogos

ARGÉLIA

ISLAM SLIMANI

CORITIBA – 2023

Em perigo na Série A, o Coxa foi atrás do histórico atacante argelino com passagem pela Premier League. Fez apenas três gols em 11 jogos e não evitou o rebaixamento. Descompromissado, foi disputar a Copa Africana e não retornou, forçando sua saída

URUGUAI

LUIS SUÁREZ

GRÊMIO – 2023

A lenda uruguaia chegou como referência a uma equipe recém-promovida da Série B e levou o Tricolor ao vice--campeonato brasileiro. Em curta passagem, mesmo com limitações físicas, participou de 46 gols em 54 jogos. Saiu como ídolo

COLÔMBIA

JAMES RODRÍGUEZ

SÃO PAULO – 2023 A 2024

Craque com passagens pelo Real Madrid e Bayern, foi anunciado com pompa, mas só decepcionou. Chegou a treinar separado, perdeu pênalti decisivo e não convenceu três técnicos diferentes. Após brilhar na Copa América, se foi

FRANÇA

DIMITRI PAYET

VASCO DESDE 2023

Ídolo do Olympique de Marselha e autor de pinturas ao longo da carreira, o francês chegou com badalação para evitar o rebaixamento – e conseguiu. Mesmo com números baixos, aumentou a qualidade da equipe. Em 2024, caiu de rendimento

INGRYD OLIVEIRA

KAIO SILVA

"É um privilégio poder jogar em um time de primeira divisão do Brasil, não pensei duas vezes. É um clube importante, com boas instalações, um bom estádio, uma boa torcida e, mesmo que não esteja em uma boa condição na tabela, é um gesto bonito tentar ajudar a equipe a se salvar do rebaixamento. Minha intenção é desfrutar do futebol brasileiro"

Joel Campbell, atacante costa-riquenho do Atlético-GO

"Sempre quis testar meu potencial fora da Europa e eu sei que o Brasileirão é uma liga muito competitiva, e as conversas com o técnico me convenceram. Meu jogador favorito é o Ronaldo Fenômeno, basicamente moldei meu estilo baseado nele, além de todos os jogadores que o Brasil já produziu, como Kaká, Adriano e Garrincha, todos dribladores"

Yannick Bolasie, atacante franco-congolês do Criciúma

sobre ideias para o futuro. É por isso que devemos ter uma liga, para ter discussões produtivas." Cesar Grafietti alerta que diversos clubes europeus quebraram depois que acionistas injetaram fortunas e não obtiveram resultados. "O futebol brasileiro está em um processo de reestruturação, mas não pode colocar o ecossistema em risco." Adson Batista, do Atlético-GO, engrossa o coro. "Espero muito que o *fair-play* seja introduzido porque a distância é faraônica. Não vou ficar me vitimizando, não fizemos uma boa Série A, mas não deixa de ser um desafio."

Philippe Coutinho (Vasco), Thiago Silva (Fluminense) e o uruguaio De la Cruz (Flamengo) foram outras estrelas que elevaram o patamar da Série A. Entender a evolução do futebol requer uma análise ampla. A Copa do Mundo de 2014 catalisou um processo de arenização de que os clubes souberam tirar proveito. O Palmeiras, por exemplo, reformou o Palestra Itália, vendeu seus *naming rights* *(leia mais na página 42)* e disparou suas receitas com o plano sócio-torcedor, o maior do país, com mais de 182 000 associados. O rival Corinthians não divulga a relação de pessoas ativas no plano Fiel Torcedor e se vê estrangulado pelo passivo da Neo Química Arena. Mesmo assim, com uma dívida geral acima dos R$ 2 bilhões, consegue fazer do estádio uma fortaleza. Neste ano, a taxa de ocupação em Itaquera alcança 89%. Em 2023, a Série A bateu o recorde de média de público, superando uma marca que durava quatro décadas.

Os cofres das equipes nacionais foram recheados ainda mais com o "boom" das casas de apostas. Das 20 equipes da Série A, 15 têm empresas do ramo como patrocinador máster. A Pixbet, por exemplo, tem acordo de R$ 105 milhões com o Flamengo, e a Betfair de R$ 70 milhões com o Vasco. O

E A LIGA, SAI OU NÃO SAI?

O SONHO DE UM CAMPEONATO INDEPENDENTE DA CBF TERÁ DE ESPERAR. ENTENDA OS ACORDOS FECHADOS POR LIBRA E LFU

Reuniões entre cartolas: dois anos e meio de indefinição

O 3 de maio de 2022 tinha tudo para ser lembrado como uma data histórica. Naquela manhã, em um hotel da capital paulista, dirigentes de Corinthians, Flamengo, Palmeiras, Red Bull Bragantino, Santos e São Paulo, além de Cruzeiro e Ponte Preta, que estavam na Série B, assinaram o primeiro contrato da Libra. A promessa era de que os outros 32 times da primeira e segunda divisões seguiriam o mesmo caminho e, enfim, seria criada a sonhada liga independente da CBF. A expectativa era que a edição de 2025, a primeira em um novo ciclo de direitos de transmissões, inauguraria essa nova era.

No entanto, desavenças sobre valores entre a cartolagem provocaram dissidências, como o Grupo União e o Forte Futebol – que posteriormente se fundiriam como Liga Forte União (LFU). O Flamengo, líder da Libra, na figura de seu presidente Rodolfo Landim, foi protagonista das confusões. A intrincada trama inclui nomes como Flávio Zveiter, ex-presidente do Superior Tribunal de Justiça Desportiva (STJD) e sócio da empresa Codajás, gigantes brasileiras como Alvarez & Marsal, Livemode, Life Capital Partners, BTG e XP, e investidores internacionais como os americanos Serengeti e General Atlantic e o Mubadala, dos Emirados Árabes Unidos. A história é longa e obscura, mas fato é que hoje há dois grupos com estratégias diversas.

Enquanto os atuais oito times da Série A que compõem a Libra optaram pela "garantia" dos contratos com o Grupo Globo por cinco anos, os 12 da LFU pulverizaram seus acordos por menor tempo – e podem se dar bem. No cenário atual, com base na Lei do Mandante, que estabelece o direito de TV ao time da casa, cada jogo dos clubes da LFU (12 atualmente, mas este número pode crescer com base nos acessos da Série B) pode custar mais que os da Libra. Ainda há pacotes em aberto e canais interessados – ou seja, muito em jogo.

"A evolução do futebol real só vai acontecer quando os grupos convergirem. Acredito que isso esteja mais perto do que imaginamos", analisa César Grafietti. Marcelo Paz, CEO do Fortaleza e um dos líderes da LFU, crê que a liga independente deva sair nos próximos anos. "Não há rivalidade. Todos queremos uma liga unificada, mas, enquanto isso não ocorrer, vamos tentar maximizar as receitas do nosso grupo." Duas eleições podem mexer peças nesse tabuleiro: a da CBF e a do Flamengo. Fortes candidatos, Reinaldo Carneiro Bastos, mandatário da federação paulista, e o rubro-negro Luiz Eduardo Baptista, o BAP, são bem próximos e entusiastas da liga. Seja como for, só nos resta torcer por bom senso.

Os blocos e direitos de TV do Brasileirão 2025

LIBRA	LIGA FORTE UNIÃO
PALMEIRAS	CORINTHIANS
SÃO PAULO	INTERNACIONAL
FLAMENGO	CRUZEIRO
RB BRAGANTINO	FLUMINENSE
ATLÉTICO-MG	VASCO
GRÊMIO	ATHLETICO-PR
BAHIA	BOTAFOGO
VITÓRIA	FORTALEZA
+ Santos, Guarani, ABC e Sampaio Corrêa	CUIABÁ
	CRICIÚMA
	JUVENTUDE
	ATLÉTICO-GO
	+ Amazonas, América-MG, Avaí, Botafogo-SP, Chapecoense, Ceará, CRB, Goiás, Ituano, Mirassol, Novorizontino, Operário, Ponte Preta, Sport, Vila Nova, CSA, Figueirense, Londrina, Náutico e Tombense
TRANSMITIDO POR	
GLOBO SPORTV PREMIERE	RECORD TV YOUTUBE PRIME VIDEO

Direitos da Série A em 2025. Os da Série B serão negociados separadamente e envolvem outras emissoras

próprio Brasileirão é patrocinado pela Betano. De acordo com Cesar Grafietti, as "bets" aportarão cerca de R$ 1,4 bilhão nas Séries A e B, entre patrocínios, *naming rights*, placas publicitárias e demais ações. O crescimento do setor pressionou o Palmeiras, apoiado pela Crefisa desde 2015. A empresa de crédito pessoal, administrada também pela presidente do clube, Leila Pereira, desembolsa R$ 85 milhões, valor consideravelmente menor que o do rival rubro-negro. Por isso, a diretoria já avisou que deve deixar a camisa alviverde em 2025. "Ciclos se encerram, o Palmeiras fez muito bem às minhas empresas e vice-versa", justificou Leila.

O Corinthians, por sua vez, fechou com a Esportes da Sorte por R$ 103 milhões anuais. Foi o que permitiu ao Timão jogar a dívida bilionária para debaixo do tapete e anunciar Memphis Depay. Lutando contra o rebaixamento, a equipe incluiu uma cláusula que permite a rescisão contratual amigável no pior cenário. O vínculo até 2026, ainda assim, custará mais de R$ 70 milhões entre salários, luvas e bonificações. O mercado de apostas impulsionou o futebol mundial, mas vale ressaltar o risco envolvido. O próprio Corinthians viu sua parceira anterior, a VaideBet, rescindir o acordo em meio a denúncias de corrupção. A Esportes da Sorte, que ainda patrocina diversas outras equipes, também já ganhou as páginas policiais. Em Brasília, parlamentares discutem a regulamentação das "bets" no país e seus possíveis riscos à população.

O jornalista Paulo Vinícius Coelho vê o cenário com ceticismo. "Para mim, a real revolução acontecerá não com a chegada de um Depay, mas com a permanência de um Endrick ou um Estêvão. Dinheiro nós temos, mas não o poder", avalia PVC, trazendo um argumento emblemático para o debate. "Parece irrelevante, mas esses jovens querem ir para a Europa para estar no jogo de videogame. O Brasileirão não está no jogo de videogame, e esse é um erro básico que só ocorre porque não temos uma liga." O europeu mais querido do Brasil, o sérvio Dejan Petkovic, ídolo de Flamengo e Vitória, também relativiza a importância das contratações de peso. "Creio que já estamos perto do limite de estrangeiros, pois é o brasileiro quem tem o maior talento. A mistura é boa, bem-vinda, mas vamos com calma. Quanto mais forte o nosso futebol, melhor o entretenimento."

A hegemonia no continente, a chegada das SAFs e até mesmo a presença de alguns europeus famosos não transformam o Brasileirão numa Premier League tropical. Sem que os dirigentes consigam se unir para a formação de uma liga independente da CBF *(leia mais no box ao lado)*, temas cruciais como calendário, arbitragem e qualidade dos gramados dificilmente avançarão. O cenário autoriza otimismo, mas requer união e profissionalismo. "O Brasil está muito perto [do progresso] para estar tão longe. O potencial é enorme, tanto que há diversos grupos estrangeiros interessados em investir aqui, mas por enquanto a política está vencendo a economia", resume PVC. ■

BRASILEIRÃO EM NÚMEROS

4º LUGAR entre as 100 melhores ligas do mundo, de acordo com a Federação Internacional de História e Estatísticas do Futebol (IFFHS), atrás de Itália, Inglaterra e Espanha

160 países, aproximadamente, transmitem o Brasileirão. A ESPN holandesa passou a exibir o campeonato depois da contratação de Memphis Depay pelo Corinthians

6ª liga com maior valor de mercado do mundo (1,58 bilhão de euros) de acordo com o Transfermarkt. A Premier League lidera com 11,55 bilhões de euros

137 MILHÕES de reais pagou o Botafogo para contratar o argentino Thiago Almada, a contratação mais cara da história do futebol brasileiro

Petkovic no Vitória: primeiro ídolo europeu

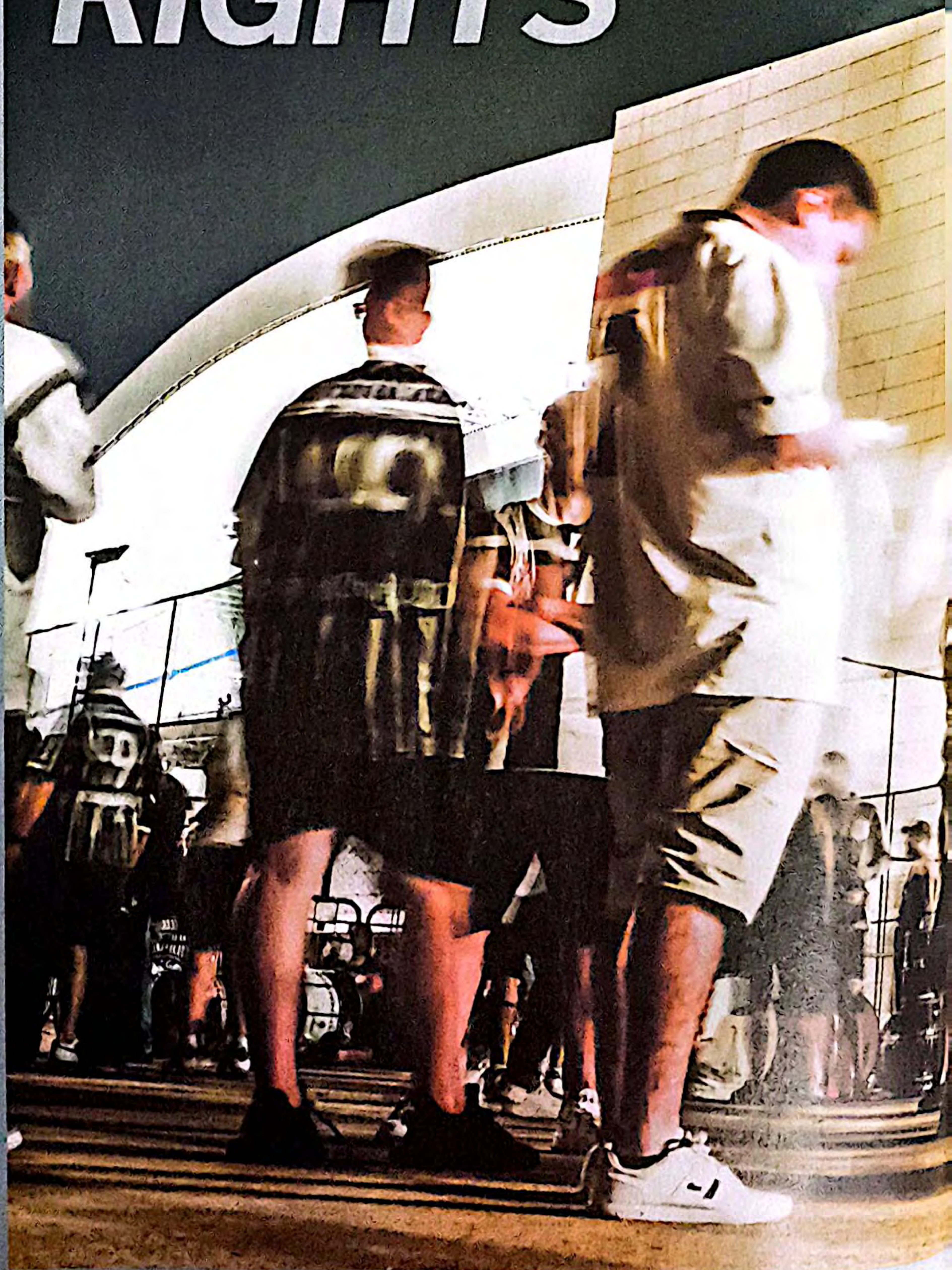
FERNANDO VIVAS

VITOR SILVA / BOTAFOGO

O mais caro da história: Almada, do Botafogo, custou R$ 137 mi

PAULISTÃO DOS NAMING RIGHTS

CORINTHIANS, PALMEIRAS, SÃO PAULO E AGORA SANTOS BATIZARAM SEUS CAMPOS COM NOMES DE EMPRESAS. BRASIL SOMA 11 ESTÁDIOS E 141 MILHÕES DE REAIS ANUAIS EM ACORDOS COMERCIAIS DESSE TIPO, AINDA MUITO ATRÁS DO ENCONTRADO NOS ESPORTES AMERICANOS E NO FUTEBOL EUROPEU

Por: André Avelar e Pedro Cohem
Foto: Alexandre Battibugli
Design: LE Ratto

PAULISTÃO DOS NAMING RIGHTS

Clubes e marcas celebram 'denominação correta nas transmissões dos jogos'

Títulos, vitórias em clássicos, número de torcedores e agora valores obtidos na venda dos direitos de nome de seus estádios. As acaloradas discussões entre os apaixonados por futebol ganharam os chamados *naming rights* como novo tópico. Com o recente acerto (*leia mais nas páginas a seguir*), o Santos repetiu a estratégia de Corinthians, Palmeiras e São Paulo, que já tinham seus campos batizados por empresas, e inaugurou uma espécie de Paulistão particular para saber quem costurou o melhor acordo financeiro.

Clubismo à parte, especialistas em marketing e gestão esportiva ouvidos por PLACAR se debruçaram em analisar as estratégias de cada um dos quatro grandes times do estado. Os modelos de negócio podem até seguir a mesma lógica, mas estão longe de ser idênticos em valores ou até expectativas geradas para os próximos passos, em uma área bem mais evoluída nos Estados Unidos e na Europa.

Nas principais ligas americanas de variados esportes (NFL, NBA, NHL, MLB e MLS), os patrocínios a estádios somam 730 milhões de dólares (4,1 bilhões de reais) anuais, enquanto as cinco principais ligas europeias de futebol (Bundesliga, Ligue1, LaLiga, Serie A e Premier League) acumulam 93 milhões de dólares (525 milhões de reais), segundo estudo da consultoria Sports Business. No Brasil, agora há 11 estádios rebatizados com nomes de empresas e os valores chegam perto de 141,68 milhões de reais por ano.

Na capital paulista, o primeiro dos rivais a assinar um contrato de *naming right* foi o Palmeiras. Reformado em 2013 e ocupando o lugar do antigo Palestra Itália, o Allianz Parque já nasceu com o nome da empresa alemã de seguros. O acordo prevê 300 milhões de reais por 20 anos, o equivalente a 15 milhões anuais sendo corrigidos anualmente pela inflação. O alviverde e a construtora WTorre, no entanto, dividem esse valor, com o clube acumulando apenas 5% do montante nos primeiros cinco anos e expectativa de 15% a partir de novembro — houve inclusive uma divergência nos valores recebidos pelo Alviverde. Curiosamente, no passado a casa alviverde na zona oeste da cidade já foi associada a uma marca – era conhecida como Parque Antarctica pelo fato de ter sido erguido no terreno da antiga fábrica da cervejaria.

Porta-voz do Allianz Parque, Marcelo Frazão, vice-presidente da WTorre Entretenimento, lembra que o processo de batismo de um estádio hoje é mais maduro e automático. Um aguardado acordo com as emissoras de TV levou anos até ser costurado. "Quando surgiu, o mercado de *naming rights* ainda não tinha uma proteção nem uma obrigação devida em relação aos direitos de transmissão que atrelassem à denominação correta das arenas. Foi um processo de conquista e de abertura do mercado."

O estádio palmeirense, então, de certa forma, pautou a discussão paulista sobre valores. Só em 2020, seis anos depois de sua inauguração, a casa do Corinthians ganhou o nome de Neo Química Arena, pelas mesmas duas décadas, pelos mesmos 15 milhões de

Palmeiras foi o primeiro dos rivais a acertar acordo e pautou discussões seguintes

ALEXANDRE BATTIBUGLI

reais por ano. A diferença está na correção da inflação, IGP-M para um e IPCA para o outro, mais o início de vigência do contrato, o que altera o valor final. Se no primeiro os valores são divididos, no segundo um fundo foi feito para pagamento da obra à Caixa Econômica Federal, financiadora da construção. Atualmente, a dívida do estádio está em 710 milhões de reais.

Para sanar essa dívida, o diretor financeiro do Corinthians, Pedro Silveira, endossou publicamente, em uma apresentação chamada "dia da transparência", a iniciativa da torcida organizada Gaviões da Fiel para criar uma conta bancária e reunir depósitos dos torcedores via Pix. "É um grande projeto que pode ajudar o clube a eliminar grande parte da dívida com a Caixa para se programar melhor em relação à Arena."

Dentre tantas variáveis, fica mesmo difícil cravar qual é o melhor acordo. "O negócio mais vantajoso, sem dúvida nenhuma, é aquele que gera retorno para as duas partes em um contrato de longo prazo e que justifique, do ponto de vista do patrocinador, continuar investindo e preferencialmente renovar esses direitos. O que é importante dizer é que não necessariamente o modelo do Allianz Parque pode ser replicado para todos os estádios do Brasil", disse Ivan Martinho, professor de marketing da ESPM.

O que especialistas são unânimes e comemoram é a quebra de barreiras que existiam até bem pouco tempo atrás para a utilização do nome em todos os setores envolvidos. O maior mercado do Brasil tem naturalmente essa maior atração, ao ponto de o próprio torcedor não ver

AFP

São Paulo testa modelo de contrato com menor período de duração

NA PONTA DO LÁPIS

PLACAR reuniu os quatro contratos para tentar descobrir qual dos grandes clubes de São Paulo costurou o melhor acordo

	NEO QUÍMICA ARENA	ALLIANZ ARENA	VILA VIVA SORTE	MORUMBIS
INAUGURAÇÃO	2014	2013	1916	1960
ANO DA ASSINATURA	2020	2013	2024	2023
TEMPO DE CONTRATO	20 anos (até 2040)	20 anos (até 2033)	10 anos (até 2034)	3 anos (até 2026)
FORMA DE PAGAMENTO	R$ 15 milhões por ano	R$ 15 milhões por ano	R$ 15 milhões por ano	R$ 25 milhões por ano
VALOR	R$ 300 milhões	R$ 300 milhões	R$ 150 milhões	R$ 75 milhões
CORREÇÃO	Inflação (IGP-M)	Inflação (IPCA)	Metas pré-estabelecidas	Sem reajuste
TOTAL	R$ 535,5 milhões	R$ 512,5 milhões	Condicionado a metas	R$ 75 milhões
QUEM PAGA	Hypera Pharma (farmacêutica)	Allianz (seguros)	Viva Sorte (capitalização)	Mondelez (alimentício)
QUEM RECEBE	Fundo do Corinthians para pagamento à Caixa	Palmeiras e WTorre	Santos (sem valores diretos pra WTorre)	São Paulo

VILA VIVA SORTE... MAS QUANTO CUSTA?

SANTOS PASSOU A CHAMAR ESTÁDIO COM NOME DA EMPRESA DE CAPITALIZAÇÃO MESMO EM PROCESSO PARA CONSTRUIR UMA NOVA ARENA

RAUL BARETTA / SANTOS

Valores divulgados inicialmente não previam exposição da marca em outras propriedades

O Santos ainda nem lançou o produto, mas já tem um comprador. É o que se pode traduzir do acordo firmado entre o Peixe e o título de capitalização Viva Sorte pelos *naming rights* da Vila Belmiro – e quem sabe até do seu futuro estádio. Com o plano de erguer, via construtora WTorre, a sua nova casa, o clube do litoral paulista encontrou na Viva Sorte o seu patrocinador.

Marcelo Teixeira disse que precisa ter "cautela e responsabilidade" antes de confirmar os valores, ainda que o estádio Urbano Caldeira esteja sendo chamado de Vila Viva Sorte desde agosto. Uma entrevista coletiva entre as partes estava prevista, mas não aconteceu. Em contato com a reportagem, a assessoria do presidente informou que "o Santos não confirma nem comenta valores e detalhes de contratos e acordos comerciais". Na reunião de balanço do primeiro semestre, foi explicado pelo mandatário que o "*naming right* [naquela altura não celebrado] não interfere na possibilidade de ter ou não uma arena".

Os valores inicialmente divulgados na imprensa foram de 15 milhões de reais por ano, em um contrato de dez anos. A correção viria em metas estabelecidas, sem valores repassados para a WTorre enquanto o novo estádio fosse erguido. No entanto, o nome da empresa de capitalização também aparece em outras propriedades do Peixe, como na barra do calção, no uniforme da comissão técnica e em *backdrops*, tornando o contrato mais abrangente. Estima-se que o contrato possa valer 7,5 milhões de reais até o fim do ano.

Decidida mesmo ficou a utilização do Pacaembu, reformado e também rebatizado (Mercado Livre Arena Pacaembu), quando precisar mudar de casa para a construção da nova Vila Belmiro para mandar os seus jogos. "O Santos está fincando sua bandeira [no Pacaembu] como a casa do Santos Futebol Clube no estado de São Paulo. Estamos fazendo o planejamento necessário para que, a partir do instante em que estejamos iniciando o projeto da nova arena em Santos, nós utilizemos esse estádio para os jogos oficiais", disse Teixeira, no evento de apresentação da terceira camisa do Peixe. Um evento-teste é aguardado para este ano e a expectativa da concessionária Allegra Pacaembu é que o estádio seja entregue para a decisão da Copa São Paulo de 2025, em 25 de janeiro – com um ano de atraso.

mais dificuldade em chamar sua casa pelo nome de uma seguradora ou farmacêutica, marcas que reconhecidamente passaram a fazer parte do cotidiano do torcedor. Nos EUA, por exemplo, as empresas que batizam os estádios são, em geral, algo ainda mais próximo do torcedor, como montadoras de carros, bancos tradicionais e empresas de telefonia.

Essa, inclusive, é uma constante preocupação de quem investe nas arenas. Primeiro *naming right* de estádio no Brasil, em 2005, a Kyocera Arena, do Athletico-PR, foi por anos chamada só de Arena da Baixada. Com sete acordos celebrados nos últimos 15 meses, o nome Ligga Arena, no mesmo lugar, passou então a ser mais comum em transmissões esportivas e reportagens. Nessa recente onda dos tais "direitos de nome", clubes apelaram também para o bom senso da TV Globo, dona de boa parte do futebol no país, sob a abordagem de "uma relação duradoura, que contribui para fortalecer ainda mais os laços entre todas as partes envolvidas".

"É interessante que o Brasil tenha entrado nessa rota do marketing. O que tem se observado aqui é uma relação de longuíssimo prazo, com baixa frequência de troca de nome, com uma entrega muito alta", disse Sérgio Schildt, empresário especializado no ramo de construções esportivas.

Com a vida facilitada pelo trocadilho entre o nome do estádio para 66 435 pagantes e o nome do chocolate, o São Paulo foi o primeiro a testar um modelo com menor duração de contrato. A oportunidade de negócio apareceu ao acrescentar uma letra "S" ao final de Morumbi para impactar a sua receita em 75 milhões de reais em três anos. Mesmo com o maior valor bruto, os 25 milhões anuais do MorumBis não chegam nem perto, por exemplo, do Etihad Stadium, do Manchester City, com capacidade para 53 600 pessoas, ou do Allianz Stadium, da Juventus, com capacidade para 41 507 pessoas.

Os *Cityzens* fecharam com a companhia aérea por 19,8 milhões de dólares (109 milhões de reais) por ano entre 2022 e 2032, no maior acordo desse tipo no planeta; na segunda posição aparece a Velha Senhora, com 16 milhões de dólares (89 milhões de reais), de 2023 a 2030. Ainda para efeito de comparação, em um mercado que guarda similaridades com o brasileiro, o Besiktas, da Turquia, tem um contrato de 15 anos, até 2029, com a telefônica Vodafone, por 7,6 milhões de dólares (43 milhões de reais) por ano, e com isso completa a lista dos cinco estádios mais caros do mundo, de acordo com o levantamento da prestadora de serviços KPMG.

Se hoje ainda é gritante, a diferença tende a diminuir com o passar dos anos após essa primeira "fase de adaptação", como classificam os especialistas. Fenômeno intensificado após a realização da Copa no Brasil, em 2014, os *naming rights* ganharão valor a quanto mais pessoas eles servirem e quanto mais vezes o nome da marca for repetido, incluindo não só as partidas de futebol, mas também os shows musicais de grandes astros nacionais e internacionais. ■

BRASIL TEM 11 ACORDOS DE *NAMING RIGHTS*

Valores pagos por empresas para batizar estádios somam 141 milhões de reais por ano

TIME	ESTÁDIO	*NAMING RIGHT*	RAMO	VALOR
Athletico	Arena da Baixada	Ligga Arena	Telecomunicações	**13,3**
Atlético-MG	Arena MRV	Arena MRV	Construção	**7,18**
Bahia	Fonte Nova	Casa de Apostas Arena Fonte Nova	Apostas	**13**
Corinthians	Arena Corinthians	Neo Química Arena	Farmacêutica	**15**
Palmeiras	Palestra Itália	Allianz Parque	Seguradora	**15**
São Paulo	Morumbi	MorumBis	Alimentício	**25**
Botafogo-SP	Santa Cruz	Arena Nicnet	Telecomunicações	**1,2**
Santos	Vila Belmiro	Vila Viva Sorte	Capitalização	**15**
	Arena das Dunas	Casa de Apostas Arena das Dunas	Apostas	**1,2**
	Mané Garrincha	Arena BRB Mané Garrincha	Banco	**2,5**
	Pacaembu	Mercado Livre Arena Pacaembu	Comércio eletrônico	**33,3**
TOTAL				**141,68**

FUTEBOL AMERICANO

RODRIGO COCA/AGÊNCIA CORINTHIANS

Festa montada: Neo Química Arena venceu concorrência de MorumBis, Maracanã e Allianz

PAÍS DO **FOOTBALL**

O QUE PARECIA UM SONHO DISTANTE PARA OS FÃS DA BOLA OVAL SE CONCRETIZOU: O BRASIL RECEBEU, COM SUCESSO, UM JOGO DA TEMPORADA DA NFL; A NOITE MÁGICA EM ITAQUERA DEVE ABRIR AS PORTAS PARA MAIS TROMBADAS E *TOUCHDOWNS* POR AQUI

Por: André Avelar / Design: LE Ratto

A bola era oval, mas o nível de futebol foi altíssimo e levou o público, que pagou pequenas fortunas pelos ingressos e lotou o estádio, ao delírio. Tanto que partidas como a disputada por Philadelphia Eagles e Green Bay Packers, na Neo Química Arena, em São Paulo, no início de setembro, devem se repetir no Brasil. Aos mais desavisados, cabe reforçar que não se tratava de um amistoso qualquer, mas de uma partida válida pela temporada regular da National Football League (NFL). Dentro da estratégia de internacionalizar sua marca, o saldo foi positivo para a principal liga de futebol americano do mundo.

Funcionários de diferentes escalões da NFL, do Corinthians, da arena e da organização do evento comemoravam o resultado da partida. Não propriamente pela vitória dos Eagles (34 a 29), mas por ver que mais eventos por aqui são possíveis. As críticas prévias não se concretizaram. Ou nem todas. A cor verde, presente nos dois times – e no rival Palmeiras, o que gerou certa polêmica em Itaquera –, não era "uma coisa de gangues", como chegou a acreditar o jogador Josh Jacobs, dos Packers.

"Brasil, obrigado. Que atmosfera incrível para um jogo! Parecia jogo de playoffs", disse o técnico Nick Sirianni. "Não assisti a muitos jogos de futebol na minha vida, mas posso me imaginar assistindo a um jogo aqui." Torcedor-símbolo dos Eagles, Jamie Pagliei, o Philly Sports Guy, resumiu o sentimento dos americanos – além da cidade de São Paulo, Pagliei também visitou o Rio. "É uma pena que a mídia e as pessoas ignorantes digam coisas erradas", afirmou.

Com 38 milhões de fãs, sendo 8,3 milhões desses considerados fanáticos segundo a própria NFL, o Brasil é o terceiro maior mercado fora dos EUA. Não à toa, foi o primeiro país da América do Sul, apenas o quarto no mundo, a receber uma partida oficial. Para essa temporada, a liga já começa a despachar 36 toneladas de equipamentos, o previsto para um jogo assim, para a Inglaterra e para Alemanha, onde acontecerão quatro jogos entre outubro e novembro.

A possibilidade de receber ativações na área de estacionamento do estádio e os vestiários para quase 40 jogadores convenceram os dirigentes de que a arena corintiana seria o melhor palco. Allianz Parque e MorumBis pleitearam a partida; o Maracanã foi cogitado; e o Mineirão sonha com o jogo para 2025. A capital paulista teve como vantagem ainda o aporte de 5 milhões de dólares (quase 28 milhões de reais) da prefeitura para vencer a concorrência.

"O diferencial da arena é a estrutura, o espaço para o estacionamento, as possibilidades de ativações para o *match day*", disse o presidente corintiano Augusto Mello, que confirmou o aluguel de 500 000 dólares (2,7 milhões de reais) pelo evento.

Mas a vinda da NFL para o Brasil não é garantida só pela vibração das arquibancadas ou pela energia imposta pelas cantoras Luísa Sonza e Anitta, no Hino Nacional e no intervalo, respectivamente. O gramado escorregadio, criticado mais pelo astro da NBA LeBron James (que tuitava enquanto acompanhava o jogo pela TV) do que pelos atletas, nem foi o pior.

Na transmissão para a TV americana e em conversas com a imprensa internacional, ficou o incômodo de jogar para menos de 50 000 pessoas, ainda que a capacidade do estádio tivesse sido aumentada em 2 000 lugares — daí os ingressos encarecidos entre 285 e 2 520 reais. A média de público em uma temporada regular é de 67 591 pessoas, o que só seria possível no Maracanã.

Os jogadores admitiram que as 12 horas de voo para cada etapa da viagem internacional até compensaram, mas não deixaram de ser desgastantes para quem terá a rotina de hotel, treinos, partida e volta para casa sem nem ao menos poder conhecer a cidade. Já o sorriso estampado no rosto dos milhares de torcedores a caminho do metrô naquela madrugada deixou claro: a primeira de muitas visitas da NFL ao Brasil foi memorável. ■

NÚMEROS DA NFL NO BRASIL

- País tem **38 milhões de fãs** de futebol americano
- Desses, **8,3 milhões** são considerados **fanáticos**
- Arena teve capacidade ampliada para **48 234 lugares**
- Times desembarcaram com **36 toneladas de equipamentos**
- **10 países** já receberam partidas da NFL
- **4 países** receberam jogos de temporada regular

RODRIGO COCA/AGÊNCIA CORINTHIANS

RODRIGO COCA/AGÊNCIA CORINTHIANS

Espetáculo: triunfo dos Eagles e show de Anitta levantaram o público em São Paulo

NÚMEROS

NA ROTA DO MILÉSIMO

Em grande estilo: 900º tento saiu diante da Croácia, na Nations League

CRISTIANO RONALDO SEGUE INSACIÁVEL. AOS 39 ANOS, O ASTRO DO AL-NASSR E DA SELEÇÃO PORTUGUESA ULTRAPASSOU A MARCA DOS 900 GOLS E, COM DIREITO A ALFINETADA EM PELÉ, ADMITIU SUA NOVA OBSESSÃO

Por: Guilherme Azevedo e Rodolfo Rodrigues
Design: LE Ratto

"Meu desafio é chegar aos 1 000. É a melhor marca que posso ter no futebol. Com uma diferença: tem vídeo de todos os gols que eu marquei, então posso provar." Foi bem a seu estilo, superconfiante, com direito a uma clara alfinetada em Pelé e outras lendas da bola, que Cristiano Ronaldo revelou abertamente sua grande meta antes de pendurar as chuteiras. Aos 39 anos, em plena forma e ainda balançando as redes pelo Al-Nassr, da Arábia Saudita, e pela seleção portuguesa, ele não vai sossegar enquanto não marcar seu milésimo gol, que o colocaria em um seleto grupo *(veja o quadro abaixo)*. A 900ª bola na rede ocorreu em 5 de setembro, diante da Croácia, pela Liga das Nações.

"Respeito todos eles [Pelé, Di Stéfano e outros], mas todos os meus gols estão em vídeo. Se quiser mais gols, posso trazer dos treinos também, sem problemas", completou CR7, no mesmo papo com o ex-colega de Manchester United, Rio Ferdinand, em seu próprio canal no Youtube. Trata-se de uma clara – e tola, diga-se – ironia sobre os chamados gols "não oficiais" do Rei, que marcou, ao todo, 1.283 tentos – 767 em partidas reconhecidas pela Fifa. De fato, há na conta lances irrelevantes, como em amistosos pelas Forças Armadas ou pelo Sindicato dos Atletas. Porém, outros gols ocorreram em encontros históricos, como um Real Madrid 5 x 3 Santos, no Santiago Bernabéu, em 1959, no único embate entre Pelé e o gênio argentino Alfredo Di Stéfano. As viagens internacionais do Peixe, afinal, eram atrações levadas muito a sério, e os diferentes contextos tornam injusta qualquer comparação entre épocas.

Mas, assim como não se deve jamais questionar os feitos de Pelé, não se pode minimizar as façanhas do artilheiro lusitano *(veja nas próximas páginas todos os recordes de Cristiano Ronaldo)*. A rota do milésimo segue a todo vapor.

A MATEMÁTICA PARA O GOL 1000

Até o fechamento desta edição, Cristiano Ronaldo tinha 903 gols em 1 242 jogos. Com isso, sua média geral da carreira era de 0,72 bola na rede por partida disputada. Para traçar o caminho mais factível para o milésimo, é preciso desmembrar suas estatísticas e, claro, considerar o fato de o atacante ter quase 40 anos – ainda que sua condição física seja invejável.

No início de sua carreira, Ronaldo atuava como ponta. Bom driblador e veloz, somou apenas cinco tentos (média de 0,16 por jogo) em seu primeiro clube, o Sporting. Em 2003 chegou ao Manchester United e foi se transformando em um atacante mais letal, status que já ocupava em 2009, quando deixou a Inglaterra. Cristiano tem média de "só" 0,41 gol por jogo pelos Diabos Vermelhos. Isso ainda considerando seu desempenho na segunda passagem por Manchester, quando entre 2021 e 2022 viveu uma fase conturbada, mas ainda goleadora.

A máquina de gols foi efetivamente programada no Real Madrid. Vestindo a prestigiosa camisa merengue e escalado cada vez mais centralizado, converteu-se em um dos mais oportunistas atacantes da história do jogo, perfeito no cabeceio e no arremate com as duas pernas, somando incríveis 450 gols em 438 jogos – média de 1,02. Na Juventus, foram 101 tentos em 134 partidas (0,75). Na modesta liga saudita, sua média seguiu altíssima: 70 bolas na rede em 77 aparições pelo Al-Nassr. Nesse período, Ronaldo simultaneamente brilhou por Portugal, com 132 tentos em 214 partidas, um recorde no futebol masculino de seleções.

E ENTÃO, QUANDO SAI O MILÉSIMO?

Antes de traçar uma projeção, é importante esclarecer que o futebol não é uma ciência exata. Ou seja, uma má fase ou lesões não podem ser descartadas. Assim, a ideia para que um número mais aproximado seja estimado é considerar a média de jogos e gols por temporada (por Al-Nassr e Portugal) baseando-nos na última.

Considerando que, na temporada europeia 2023/24, Cristiano Ronaldo fez 51 partidas pelo Al-Nassr, com sua média atual de 0,90 gol por jogo na Arábia Saudita, podem-se estimar mais 40 tentos nesta temporada que está por vir. Já no recorte por seleções, os mesmos 12 jogos não devem ser repetidos, visto que 2024 foi ano de Eurocopa – na qual CR7 passou em branco. Assim, levando em consideração a disponibilidade das Datas Fifa até junho de 2025, Cristiano Ronaldo deve ter a oportunidade de defender Portugal mais oito vezes.

Sua média com a camisa da seleção portuguesa é de 0,61 tento por jogo. Partindo disso, é possível esperar que ele faça mais três gols com seu país. Essa conta permite imaginar que Ronaldo termine o período 2024/25 com 946 bolas na rede. Logo, para chegar à meta, faltariam mais 54. Ao considerar a manutenção da média de jogos e gols por Al-Nassr e Portugal, não é impossível imaginar que até a metade de 2026 ele bata os 1 000 gols.

Coincidência temporal que mantém viva a chance de um roteiro cinematográfico. Se tudo isso ocorrer, é possível que Cristiano Ronaldo alcance o gol 1 000 justamente na Copa do Mundo de 2026, que será disputada nos Estados Unidos, no Canadá e no México – ele terá 41 anos. Há ainda a possibilidade de Cristiano Ronaldo realizar dois sonhos ao mesmo tempo: o de chegar aos 1 000 gols atuando ao lado de seu primogênito, Cristiano Jr., hoje com 14 anos e já nas categorias de base do Al-Nassr – e claramente bom de bola. Já pensou?

MAIORES ARTILHEIROS DA HISTÓRIA

em jogos oficiais

903 Cristiano Ronaldo (POR)
840 Lionel Messi (ARG)
805 Josef Bican (AUT/TCH)
772 Romário (BRA)
767 Pelé (BRA)

JOGADORES QUE MARCARAM 1000 GOLS

incluindo amistosos e outros jogos não oficiais

Josef Bican (AUT/TCH)
1468 gols (805 oficiais)
1461 Gerd Müller (ALE)
1283 Pelé (BRA)
1175 Ernst Wilimowski (POL/ALE)
1106 Franz Binder (ALE)
1002 Romário (BRA)

NÚMEROS DA LENDA

CRISTIANO RONALDO COSTUMA DIZER QUE NÃO PERSEGUE OS RECORDES, SÃO ELES QUE O PERSEGUEM. CONFIRA, ABAIXO, SUAS PRINCIPAIS MARCAS

OS GOLS E ASSISTÊNCIAS DE CRISTIANO RONALDO

TOTAL
903 gols
251 assistências
1 242 jogos

Clube	Gols	Assistências	Jogos
Sporting (POR)	5 gols	3 assistências	33 jogos
Manchester United (ING)	145 gols	58 assistências	346 jogos
Real Madrid (ESP)	450 gols	119 assistências	438 jogos
Juventus (ITA)	101 gols	20 assistências	134 jogos
Al-Nassr (ARA)	70 gols	17 assistências	77 jogos
Portugal	132 gols	34 assistências	214 jogos

29 gols em jogos não oficiais
2 Manchester United (ING)
13 Real Madrid (ESP)
4 Juventus (ITA)
2 Seleção portuguesa olímpica
4 Seleção portuguesa sub-17
1 Seleção portuguesa sub-20
3 Seleção portuguesa sub-21

COMO FORAM OS GOLS

33 TÍTULOS

1 Sporting
Supercopa Portuguesa (2002)

9 Manchester United
Mundial de Clubes da Fifa (2008)
Liga dos Campeões (2008)
Campeonato Inglês (2007, 2008 e 2009)
Copa da Inglaterra (2004)
Copa da Liga Inglesa (2006 e 2009)
Supercopa Inglesa (2007)

15 Real Madrid
Mundial de Clubes da Fifa (2014, 2016 e 2017)
Liga dos Campeões (2014, 2016, 2017 e 2018)
Supercopa Europeia (2014 e 2017)
Campeonato Espanhol (2012 e 2017)
Copa do Rei da Espanha (2011 e 2014)
Supercopa Espanhola (2012 e 2017)

5 Juventus
Campeonato Italiano (2019 e 2020)
Copa da Itália (2021)
Supercopa Italiana (2018 e 2020)

1 Al-Nassr
Copa dos Campeões Árabes (2023)

2 Seleção Portuguesa
Eurocopa (2016)
Liga das Nações (2019)

CRISTIANO RONALDO É...

... maior artilheiro do futebol mundial em jogos oficiais **(901 gols)**
... maior artilheiro de clubes em jogos oficiais **(769 gols)**
... maior artilheiro de uma seleção **(132 gols)**
... maior artilheiro da Liga dos Campeões **(141 gols)**
... maior artilheiro do Real Madrid **(450 gols)**
... maior artilheiro da Eurocopa **(17 gols)**
... jogador com mais assistências na Liga dos Campeões **(42)**
... jogador com mais assistências na Eurocopa **(9)**
... jogador que mais vezes disputou a Eurocopa **(6)**
... jogador com mais partidas na Eurocopa **(30)**
... jogador com mais artilharias da Liga dos Campeões **(7)**

PRÊMIOS DE MELHOR DO MUNDO

5 Bola de Ouro 2008, 2013, 2014, 2016 e 2017

5 Fifa 2008, 2013, 2014, 2016 e 2017

ARTILHARIAS

7 – Liga dos Campeões (2008, 2013, 2014, 2015, 2016, 2017 e 2018)
3 – Campeonato Espanhol (2011, 2014 e 2015)
2 – Mundial de Clubes da Fifa (2016 e 2017)
2 – Eurocopa (2012 e 2020)
2 – Supercopa Italiana (2018 e 2020)
1 – Copa da Inglaterra (2005)
1 – Campeonato Inglês (2008)
1 – Copa do Rei da Espanha (2011)
1 – Supercopa Espanhola (2012)
1 – Supercopa Europeia (2014)
1 – Liga das Nações (2019)
1 – Campeonato Italiano (2021)
1 – Campeonato Saudita (2024) ■

EDIÇÃO: LUIZ FELIPE CASTRO

PRORROGAÇÃO

CULTURA, MEMÓRIA & IDEIAS

DE FATO, NÃO PODIAM

ÀS VÉSPERAS DA COPA DO MUNDO DE 2006, QUANDO O PAÍS VIBRAVA COM O FAVORITISMO DA SELEÇÃO, PLACAR ALERTOU QUE ESCALAR O 'QUADRADO MÁGICO' FORMADO POR KAKÁ, RONALDINHO GAÚCHO, ADRIANO E RONALDO REPRESENTAVA UM GRANDE RISCO

EDIÇÃO 1294
MAIO DE 2006

Muitas vezes, os melhores conselhos são os mais impopulares. Em maio de 2006, PLACAR ousou nadar contra a maré ao apontar, com os devidos argumentos, que o badalado quadrado mágico da seleção poderia virar uma tragédia na Copa da Alemanha. "A tentação de escalar os mais talentosos é grande, mas não deu certo. Essa geração é um desperdício tão grande... não era um time equilibrado", relembra Arnaldo Ribeiro, autor da reportagem, em entrevista ao programa "Lei do ex", da PLACAR TV. "O contraexemplo é a seleção de 1970, mas já ouvi do Rivellino sobre as responsabilidades que todos assumiram. Naquela época, o Brasil tinha superatletas, como Pelé, Rivellino, Jairzinho e Clodoaldo. Em 2006, vários estavam em queda." Sem jamais engrenar, o Brasil caiu nas quartas diante da França de Zidane. Para além da capa premonitória, Arnaldo guarda uma ótima lembrança daquele Mundial: "Minha filha caçula, Joana, nasceu no dia do Brasil x Croácia, foi uma loucura fechar aquela edição".

Arnaldo no programa "Lei do Ex", disponível no canal da PLACAR no YouTube

Doce ilusão: quadrado só atuou antes da Copa uma vez, 3 a 0 sobre a Venezuela em Belém

PABLO REY

Quadrado mágico ou trágico?

Todo mundo gostaria de ter esses quatro no seu time, certo? Em termos. Num torneio eliminatório, como a Copa, pode ser arriscado demais. Fatal, até. Saiba por que Parreira não está totalmente seguro em bancar o quarteto e por que os inimigos preferem pegar o Brasil com todos eles em campo **Por: Arnaldo Ribeiro e Maurício Barros**

Os mais românticos vão ficar desapontados. Os amantes do futebol-arte esbravejarão. Mas não deve durar muito a coqueluche do quadrado mágico na seleção brasileira. Não na Copa do Mundo. Uma formação que tenha Kaká, Ronaldinho Gaúcho, Adriano e Ronaldo, juntos e no atual estágio, é um tiro no escuro. Uma incógnita. E se tem uma pessoa no futebol que não gosta desse tipo de incerteza é Carlos Alberto Parreira.

É preciso ler os sinais. Eles mostram que dificilmente este quarteto sobreviverá para além da estreia contra a Croácia (se é que eles vão entrar juntos na primeira partida...). O primeiro sinal é histórico. As duas últimas estrelas do penta foram conquistadas com times fechados (nem vale a pena lembrarmos do time ofensivo de 1982, que também tinha o seu quadrado, com Cerezo, Sócrates, Falcão e Zico, e o de 1998...).

TETRA E PENTA COM 'FERROLHO'

Em 2002, na campanha do penta, Felipão tinha três zagueiros (Lúcio, Roque Júnior e Edmílson) e dois volantes (Gilberto Silva e Kléberson, que ganhou a posição de Juninho Paulista no mata-mata). Na frente, um tridente, com Rivaldo, Ronaldinho Gaúcho e Ronaldo. Em 1994, na trajetória do tetra, com o mesmo Parreira no comando, a seleção jogou com três volantes (Mauro Silva, Dunga e Mazinho). Na frente, só Bebeto e Romário.

No Mundial dos Estados Unidos, aliás, Parreira até tentou ser mais ousado. Ele iniciou a disputa com uma formação mais ofensiva (com Raí no time), mas "colocou a fechadura" depois de duas partidas, escalando Mazinho como terceiro volante. Hoje, 12 anos depois, o técnico da seleção sugere que pode repetir a estratégia que rendeu o tetra. "Tivemos pelo menos cinco jogos para fazer esse teste com o quadrado, e eu acho que está bem montado. Vamos começar com o quarteto. Se não der certo, nada impede que a gente mude durante a competição."

Sem muita convicção, um time mais ousado na primeira fase e outro mais cauteloso na fase eliminatória. Mas será mesmo que dá para arriscar contra Croácia, Austrália e Japão?

OS GRINGOS QUEREM O QUADRADO

O segundo sinal amarelo para o quadrado quem dá são os adversários. Jogadores estrangeiros que conhecem bem o Brasil e jornalistas "inimigos" não titubeiam em dizer que preferem enfrentar uma formação mais ofensiva. O raciocínio é basicamente o mesmo: a chance do contra-ataque. "Acho que a possibilidade de vencer o Brasil aumenta. O time fica mais exposto e facilita o contragolpe", diz o zagueiro Lugano, titular do São Paulo e da seleção uruguaia, que enfrentou o Brasil pela primeira vez com o quadrado (Kaká, Ronaldinho Gaúcho, Ronaldo e Ricardo Oliveira) durante as Eliminatórias (1 a 1, em Montevidéu). "As equipes sabem que tecnicamente são inferiores ao Brasil, então esse seria o único jeito de vencer, no contra-ataque. No meu caso (zagueiro), sofro mais, claro, mas pensando pelo time, o campo fica mais aberto. Botando na balança, prefiro jogar com o Brasil com o quarteto."

O jornalista inglês Henry Winter, do *Daily Telegraph*, segue o mesmo raciocínio. "Se o Brasil jogar contra a Inglaterra, eu espero que seja com o quarteto mágico, porque isso daria à Inglaterra uma vantagem no meio-campo. É cultura do Brasil escalar atacantes, principalmente porque sua defesa não é tão brilhante, e o time precisa fazer mais gols que o adversário. Vocês precisam achar um quarteto mágico de defensores já!"

Parreira reconhece a brecha aberta, mas, pelo menos por ora, diz que topa correr o risco. "É a velha história do cobertor curto, não tem jeito. Você cobre de um lado, descobre do outro. Que fica um jogo mais aberto é uma obviedade."

"Quadrado ou não, eis a questão. Uns querem, outros não. A gente vê junto Kaká, Ronaldinho, Adriano e

O QUE PENSAM OS ADVERSÁRIOS DA PRIMEIRA FASE

Vladimir Benic
Nogometni-magazin.com! **(Croácia)**
"Acho que o Brasil só consegue vencer se jogar ofensivamente, o máximo que puder! Se jogar com quatro ou cinco atacantes, eles são capazes de marcar mais gols do que levam. Na verdade, o Brasil pode vencer jogando até mesmo com um atacante e cinco meio-campistas. Até poderíamos analisar o assunto por outro ângulo, mas realmente estamos com muito, muito medo! No amistoso contra os brasileiros em Split, a Croácia jogou sério, mas ficou claro que havia uma grande diferença de categoria. Os croatas estão rezando por um milagre (o empate), mas o que queremos é chegar às oitavas junto com o Brasil."

Graem Sims
Inside Sport **(Austrália)**
"O Brasil com o quarteto é o melhor cenário para a Austrália. Jogar contra os favoritos é emocionante e queremos que o Brasil escale os melhores para podermos dizer que enfrentamos o melhor time do mundo. Taticamente, isso dará à Austrália sua maior chance. Com esta formação, o Brasil pode ficar vulnerável aos contra-ataques dos nossos alas. Já derrotamos o Brasil antes (na Copa dos Confederações)! Se o seu ataque estiver sem inspiração, pode dar à nossa questionável defesa a oportunidade de não tomar gols. E aí teremos nossa grande chance: Austrália 1 x 0 Brasil... ou, talvez, Brasil 6 x 0 Austrália!"

Zico
técnico **(Japão)**
"O quadrado não mete medo, mas faz a gente ter atenção. Na Copa das Confederações, adotei uma tática suicida, de atacar. Porque tem que fazer os brasileiros marcarem também, senão não se vai a lugar algum. Todos têm medo de jogar com o Brasil, e é por isso que ele não está preparado para um time que o ataca. Quem tem oito chances claras contra o Brasil, como nós tivemos? Fizemos três gols, botamos uma bola na trave, e o Marcos ainda fez defesas sensacionais... Sei que assim me arrisco a tomar uma goleada, mas também posso surpreender. Na Copa, posso chegar a este terceiro jogo precisando da vitória. Não tenho medo de arriscar, vou para o pau!"

Ronaldo? Ou Ronaldinho, Ronaldo, Kaká e Robinho? São cinco na verdade, né? Fica bonito? Claro... A seleção marca muitos gols, mas precisa ter um time bem armado, com boa marcação. Futebol não é só atacar." A análise é do atacante Ricardo Oliveira, que participou de uma versão do quadrado nas Eliminatórias.

O TESTE QUE NÃO VALEU

Outro sinal que coloca o quadrado em cheque, o terceiro, é bastante óbvio, mas pouca gente vê. O quadrado mágico não foi testado o suficiente. Kaká, Ronaldinho, Adriano e Ronaldo só jogaram uma vez juntos, contra a frágil Venezuela pelas Eliminatórias. Foram cerca de 65 minutos. O teste com quantidade satisfatória do esquema com quatro atacantes teve Robinho no lugar de Ronaldo, durante a Copa das Confederações. Com Robinho e Kaká, dois jogadores incansáveis e que não se importam em marcar, o time tornou-se envolvente na frente, sem ficar muito exposto atrás. Teoricamente, a coisa muda de figura com a entrada de Ronaldo. Nem ele, nem Adriano e nem Ronaldinho Gaúcho têm características de marcação, o que sobrecarregaria o resto.

Além do mais, dos "quatro fantásticos", só dois terminam a temporada europeia em grande fase: Ronaldinho Gaúcho e Kaká. Ronaldo e Adriano vivem uma espécie de inferno astral, e Robinho, que seria uma opção, tem altos e baixos no Real Madrid. Às vésperas do Mundial, Parreira ganhou mais um daqueles problemas desejáveis para pensar duas vezes antes de escalar o quadrado: Edmílson. Durante a inatividade do volante, por contusão, Parreira e Zagallo deram sinais de que esperavam por sua recuperação. De volta aos campos e ao time titular do Barcelona, Edmílson pode dar ao time diversas "caras" devido à sua versatilidade. Além disso, tem a seu favor o bom desempenho em 2002. É uma bola de segurança.

Com Edmílson na vaga de um dos atacantes, o Brasil ficaria com a cara do time de Felipão na última Copa. Emerson cumpre as funções de Gilberto Silva, Zé Roberto faz as vezes de Kléberson, e Kaká seria o "novo Rivaldo". Na frente, os mesmos dois Ronaldos. Outra opção é armar a equipe à imagem e semelhança do Barcelona, onde Ronaldinho Gaúcho reina. Mas montar uma seleção, com tantos craques, em função de um jogador (mesmo o melhor do mundo) se justifica?

São essas as questões que atormentam Parreira. Nunca, na história, uma seleção foi tão favorita a um título mundial como esta brasileira. Qualquer time do mundo gostaria de ter pelo menos a metade das opções que tem o nosso treinador. Por isso mesmo, Parreira sabe que não pode falhar. Já eternizado pelo tetra, ele se entregará agora à tentação da ousadia ou se aterá à cautela que já lhe rendeu uma Copa? O quadrado mágico, como se vê, tem dois lados e dois ângulos diferentes.

O QUE PENSAM OS JORNALISTAS ESTRANGEIROS

Hugh Sleight
***Four Four Two* (Inglaterra)**
"Enfrentar o quarteto é aterrorizante para qualquer um. Mas isso deixa o Brasil vulnerável, pois os dois volantes ficam sobrecarregados. E o problema é agravado pelo instinto ofensivo de Roberto Carlos e Cafu: o primeiro desistiu de marcar, e o segundo nunca teve essa virtude; contra o Brasil, eu atacaria pelas laterais. Na fase de grupos, o Brasil poderá jogar com o quarteto sem problemas. Se isso permitir ao time ganhar moral e forma, eles podem seguir. Mas, se não, ficarão vulneráveis nos mata-matas. Em qualquer caso, porém, um outro meio-campista seria útil. Afinal, o Brasil realmente precisa de Ronaldo e Adriano na frente?"

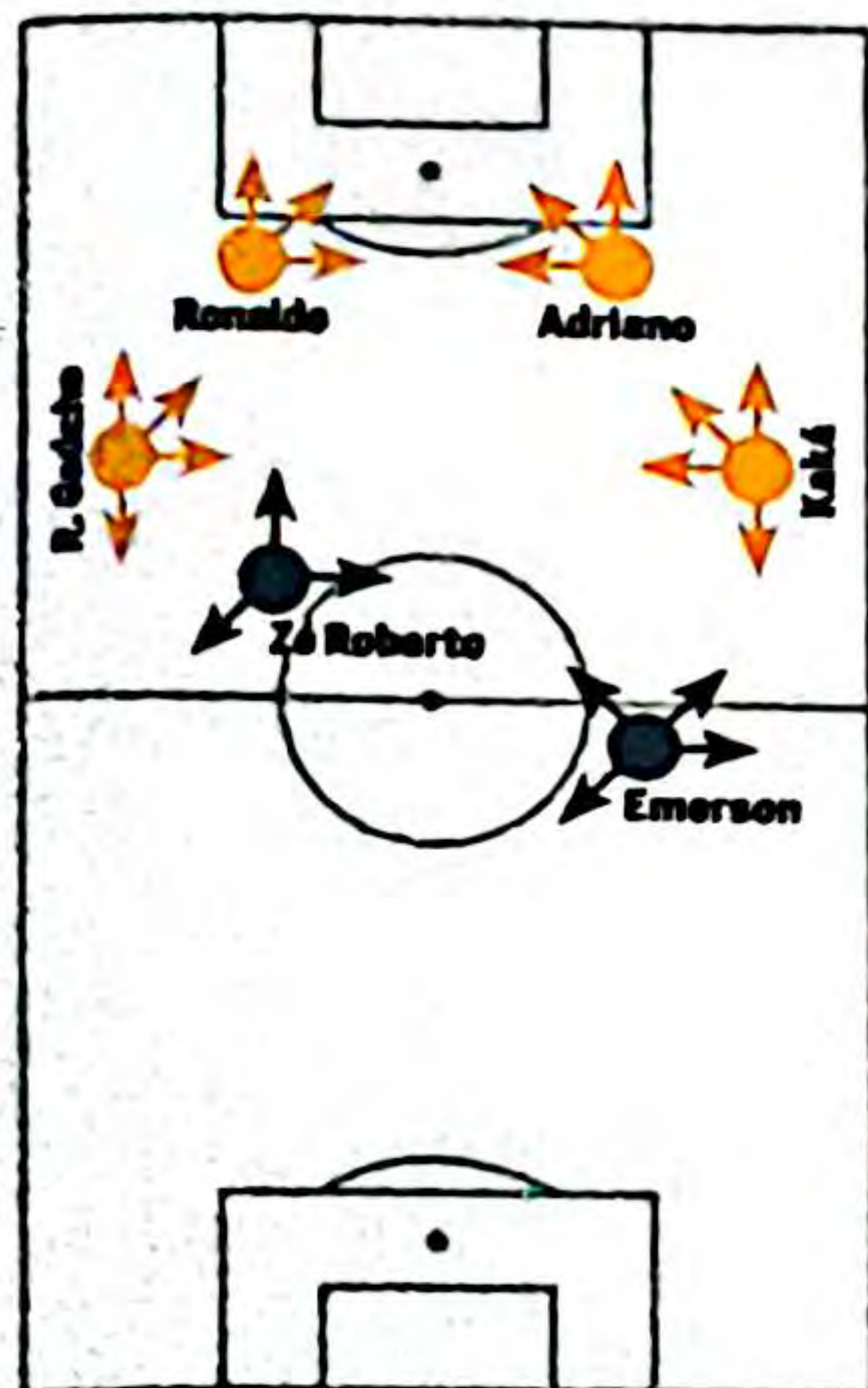
Alberto Cerruti
***La Gazzetta dello Sport* (Itália)**
"Enfrentar um time rápido e organizado com este esquema pode ser perigoso. O quarteto pode fazer a diferença, mas também faz a equipe perder o equilíbrio. O time é espetáculo garantido, mas às vezes o espetáculo não basta. O Barcelona é um exemplo: sempre dá espetáculo, mas empatou por 0 x 0 com o Benfica, um time bem mais fraco. Na frente, este Brasil é superior ao de 1982, mas é menos forte atrás. No mata-mata, a equipe irá pegar um time menos forte – porque todos são menos fortes – e num contra-ataque pode sofrer um gol. A solução seria colocar um meio-campista a mais. Se fosse um campeonato mais longo, tudo bem jogar assim. Mas em partidas eliminatórias o risco é grande."

Elias Perugino
***El Gráfico* (Argentina)**
"A Argentina tem muito respeito pelo Brasil, com ou sem o quarteto. Aqui, ele é o favorito ao título, mas a Argentina é vista como um dos poucos times que podem batê-lo. Se pudessem escolher, acho que os argentinos não escolheriam enfrentar o quadrado. Porque, se por um lado ele fragiliza a defesa, por outro dá muita força ao ataque. Acho que o Brasil deveria utilizá-lo, pois os rivais o respeitam tanto que não jogariam de igual para igual, buscando o gol – salvo Argentina, Alemanha e Holanda. Até a Itália, que considero grande candidata ao título, tomará suas precauções. Com o quadrado, o Brasil tem mais a ganhar do que a perder."

Henry Winter
***Daily Telegraph* (Inglaterra)**
"Como fã de futebol, ficaria desapontado se o Brasil não usasse o quarteto. Eles nem são todos atacantes: Kaká é uma ameaça vindo de trás; Ronaldinho vem da ponta para o meio. São só dois os atacantes enfiados. Se o Brasil jogar contra a Inglaterra, eu espero, como inglês, que jogue com o quarteto mágico. Porque isso daria à Inglaterra uma vantagem no meio-campo. É cultura do Brasil escalar atacantes, principalmente porque sua defesa não é tão brilhante, e o time precisa fazer mais gols que o adversário. Vocês precisam achar já um quarteto mágico de defensores!"

EXPERIÊNCIA ÚNICA

O QUADRADO DE PARREIRA POR ENQUANTO

Ronaldo
Adriano
R. Gaúcho
Kaká
Zé Roberto
Emerson

Kaká, Adriano e os Ronaldos só estiveram juntos contra a Venezuela, que nem testou a parte defensiva do time. Com Ronaldo e Adriano na frente, Ronaldinho Gaúcho precisa voltar e marcar como nunca fez

FENÔMENO À PARTE

O QUADRADO QUE DEU CERTO TINHA ROBINHO

Ronaldo/Adriano
R. Gaúcho
Robinho
Kaká
Zé Roberto
Emerson

Ronaldo não foi à Copa das Confederações, e o time não encaixou sem ele. Kaká e Robinho marcavam e atacavam, dando liberdade para Ronaldinho Gaúcho, que pôde atuar livre, pela esquerda, com faz no Barcelona

O QUE PENSAM OS ESPECIALISTAS BRASILEIROS

Renato Maurício Prado
O Globo

"Acho o quadrado a melhor opção, principalmente com Robinho no lugar de Adriano. E mais ainda se deslocarmos Zé Roberto para a lateral, com a entrada do Juninho no meio. Mas acho que o Parreira vai acabar empurrando o Ronaldinho Gaúcho pra frente – pela esquerda, na posição em que joga no Barcelona – e mantendo só o Ronaldo na frente, com a entrada do Ricardinho. Não é uma má formação, mas acho pior que o quadrado."

Júnior
ex-jogador

"Não sei se o quadrado é a melhor opção, mas gostaria de ver os quatro juntos numa competição oficial. Causaria impacto e deixaria nossos adversários ainda mais preocupados. Talento, qualidade e experiência não faltam a esses jogadores, e, numa competição de tiro curto como a Copa, essa combinação pode funcionar perfeitamente. Antes de pensar em qualquer outra formação, gostaria de ver essa em campo. Vale a pena fazer essa aposta."

Cléber Machado
Rede Globo

"O quarteto é o ideal. Mostra, inclusive, a competência do técnico, que usa um esquema adequado aos atletas que tem. Até agora, a seleção jogou melhor quando Robinho atuou. Hoje, eu iria com ele na vaga do Adriano. Mas será importante a dedicação dos quatro quando o time estiver sem a bola: acompanhar os adversários, fechar os espaços. Acho que o Parreira tem uma possibilidade na cabeça: caso o time fique fraco defensivamente, lançar mão do Edmílson (ou outro volante), que faria o meio com Emerson, Zé Roberto e Kaká. No ataque, Ronaldinho e Ronaldo. A qualidade dos jogadores sugere que o quarteto vingará. Mas, se não vingar, eu iria com o Juninho no lugar do pior dos quatro."

Fernando Calazans
ESPN Brasil

"Sou fã do quarteto. Embora queiram inventar esquemas novos de coisas velhas, o quarteto nada mais é que nosso velho 4-4-2. Ou seja: quatro zagueiros; o meio com dois volantes e dois armadores; e dois atacantes. Acho equilibrado. Era absurda aquela antiga formação do Parreira, com três volantes numa seleção pentacampeã mundial. O quinteto já acho exagero, embora até o admita em certas circunstâncias, com o Juninho Pernambucano. Um detalhe: se Robinho estiver bem, prefiro ele na vaga do Adriano."

***Milton Leite**, Sportv*

"Acho possível usar o quarteto e acredito que o Parreira vai começar com ele. Mas sua continuação dependerá do desempenho da equipe. Se vencer sem correr riscos, ele fica. Se os riscos aparecerem, é possível que, pragmático como é, o Parreira volte a atuar com três jogadores mais defensivos e só um armador. Hoje, o quarteto tem Kaká, Ronaldinho, Ronaldo e Adriano. Mas acho que, nos treinos, o Robinho vai mostrar ao Parreira que com ele o time tem mais mobilidade e alternativas. Se não ganhar nos treinos, ele ganhará a posição no primeiro jogo. Eu o escalaria."

***Maurício Noriega**, Sportv*

"Na teoria, o quarteto é o ideal. Mas na prática ele ainda não foi testado. Faltaram amistosos contra seleções mais fortes e boas defesas européias. O teste será na Copa. A formação com os Ronaldos, Kaká e Robinho me parece o quarteto mais interessante. Mas deve jogar a dos Ronaldos com Kaká e Adriano. Adoraria ver a seleção com três zagueiros, sendo um deles o Edmílson, e só o Emerson como volante. O meu time para a Copa: Marcos; Juan, Edmílson e Roque; Cafu, Émerson, Kaká e Roberto Carlos; Robinho, Ronaldo e Ronaldinho Gaúcho."

Lédio Carmona
colaborador da Placar

"Juntar jogadores deste nível é uma reserva de criatividade para qualquer técnico e ainda causa medo nos rivais. Só faço uma ressalva em relação à posição de Ronaldinho Gaúcho: Parreira ainda não aprendeu a usá-lo, coisa que Rijkaard faz com maestria no Barcelona. Basta deixá-lo livre para criar e focar o ataque. É um desperdício mandá-lo marcar. Deixe-o solto; Adriano e Ronaldo dão o primeiro combate na saída de bola, e Kaká, sim, terá que marcar e atacar, coisa que sua idade e biótipo permitem."

André Rizek
repórter da Placar

"Em 1994, os jornalistas achavam o Parreira retranqueiro. Agora a PLACAR o critica por ser... retranqueiro de menos! Oh, mau humor! Parreira é o brasileiro vivo que mais entende de cautela e futebol. Se até ele acha que dá para jogar assim, será a PLACAR a dizer o contrário? Bando de malas! Mas gosto de polêmicas. Elas sempre ajudam o Brasil. Ajudaram até em 1994 – fizeram Dunga e Branco se morderem pra calar a boca de vários coleguinhas. Fosse eu escolhendo o meu time de pelada, escalaria Robinho, Ronaldo, Ronaldinho Gaúcho e Kaká, com Adriano pronto para entrar a qualquer momento. Mas o que Parreira decidir tá decidido!"

***Mauro Beting**, Band*

"Não escalar os quatro seria um crime de lesa-bola. Parreira tem sido ousado como jamais foi, aproveitando a qualidade brasileira, a melhor desde 1970. Ele deve insistir no quarteto, mas não precisava ser tão abusado. Zé Roberto é meia, não pode ser volante num time tão ofensivo. Preferia um volante como Edmílson, que marca melhor e sabe sair jogando. Também não gosto de dois centroavantes, prefiro um segundo atacante como Robinho. Mas o Adriano tem provado ser jogador de decisão, merece o crédito." ■

'BUONASERA, NAPOLITANI'

Há 40 anos, Diego Armando Maradona subiu as escadas do Estádio San Paolo para entrar na história como uma espécie de santidade do futebol. Livro narra essa e outras passagens da trajetória do craque argentino

Quatro décadas atrás, a temporada 1984/85 do futebol europeu teve início com uma chocante transferência: o prodígio argentino Diego Armando Maradona deixara o Barcelona sob grande turbulência para reforçar uma modesta equipe do sul da Itália – e o resto, como se sabe, é história. PLACAR reproduz abaixo um trecho do capítulo que narra a extravagante chegada do camisa 10 ao Napoli no livro ***Maradona: de Diego a DIOS***, escrito pelo jornalista catalão Guillem Balague e publicado no Brasil pela Editora Grande Área.

SERGIO SADE

Consagrado: Maradona guiou o Napoli a dois títulos italianos, em 1987 e 1990

CORRADO FERLAINO E O ESTÁDIO SAN PAOLO

Enquanto as negociações entre Barcelona e Napoli estavam paradas, Jorge Cyterszpiler resolveu visitar a cidade de Nápoles para entendê-la e para conversar com algumas pessoas relevantes. Dino Celentano, diretor do clube italiano, sugeriu que ele deveria aproveitar sua visita de reconhecimento e se encontrar com Gennaro Montuori, notório líder da torcida organizada do Napoli. "Eu te encontraria amanhã, mas é o batizado do meu filho", disse Montuori a Jorge, que acabou convidado para a cerimônia. Em uma sala reservada, longe do evento, Jorge fez um apelo a Montuori: "Diego quer o Napoli, mas precisamos do seu apoio. Você tem que causar um alvoroço". O plano era fazer pressão bajulando Maradona publicamente, aumentando a expectativa das pessoas e criando condições favoráveis para a transferência.

Ao movimentar alguns peões, Cyterszpiler ganhou um pouco de tempo para criar uma estratégia mais elaborada. "De brincadeira, ele nos disse para jogarmos uma bomba em Barcelona", contou Montuori ao diário *El País*. "Dissemos que aquilo era algo mais da Camorra; nós éramos os torcedores organizados da paz. Maradona tinha de vir por amor." Montuori e alguns de seus amigos se reuniram em frente à casa do presidente Corrado Ferlaino na prestigiosa Piazza dei Martiri. Carros tomaram a praça, sinalizadores foram acesos e começaram os gritos de "Dieeeeego, Dieeeeego".

Maradona ficou sabendo da notícia de que um torcedor havia se acorrentado ao estádio para garantir que a transferência acontecesse, e de outros que iniciaram uma greve de fome quando surgiram rumores de que as negociações poderiam ser interrompidas. "O Napoli não era um time grande, mas Maradona nunca soube", disse Ferlaino, que comandou o clube de 1969 a 2000, no documentário *Maradona Confidencial*, de Jovica Nonkovic.

Nápoles era a terceira maior cidade da Itália em termos populacionais e o clube local, fundado em 1926, jamais conquistara um *Scudetto*. "Nós nos esquecemos de contar a Diego que tínhamos escapado do rebaixamento por um ponto na temporada anterior. Eu lhe disse apenas que os torcedores estavam esperando por ele de braços abertos, e que Nápoles seria sua segunda casa." Enquanto as negociações se arrastavam e as semanas do mês de junho passavam rapidamente, diferentes gerações de familiares, dos avós aos netos, ficaram grudadas às telas de televisão na esperança de uma informação confiável.

As conversas nas varandas, nos bares e nas ruas giravam todas em torno da possível contratação. Os *tifosi* do Napoli juntaram dinheiro para aumentar a oferta feita pelo clube. "Nossos diretores se mudaram para a Catalunha por um mês", contou Ferlaino, desta vez para o jornal *As*, de Madri. "No fim, o Barcelona nos enviou suas condições, bastante inflexíveis, por escrito, mas nós os surpreendemos e eles aceitaram. Então, mudaram de ideia e nos disse-

ALFREDO CAPOZZI

Estádio San Paolo, 1984: um batalhão de fotógrafos e 70 000 súditos à espera de Diego

SERGIO SADE

Maradona queria 'paz e respeito' em Nápoles; encontrou caos e veneração

ram que queriam manter Diego; porém, graças ao documento, não havia mais como voltar atrás."

A poucas horas do fechamento da janela italiana para transferências de jogadores estrangeiros, o Napoli estava redigindo o acordo que tinha feito com Diego, embora ainda não tivesse o sinal verde do Barça. Antes de partir para se encontrar com Joan Gaspart em um escritório no aeroporto El Prat, em Barcelona, Ferlaino fez uma parada em Milão, onde deixou um envelope na sede da Federação Italiana com os documentos daquela possível transferência. Assim, apenas um telefonema seria suficiente para inscrever o argentino no Campeonato Italiano.

A Federação não sabia, mas o envelope estava vazio. Na noite de 29 de junho de 1984, Joan Gaspart e Corrado Ferlaino chegaram a um acordo pela venda de Maradona do Barcelona para o Napoli pelo equivalente a 7,5 milhões de dólares. A imprensa divulgou a notícia naquela noite mesmo, embora o anúncio oficial só tenha se tornado público no dia seguinte. O presidente do clube italiano, após confirmar a transferência por telefone junto à Federação, voltou ao hotel em Barcelona onde dormiria e, uma vez ali, foi ao bar tomar um uísque com gelo. O atendente do bar puxou conversa.

"Você é napolitano?" "Sou." "Ah, hoje vendemos o Maradona para o Napoli por muito dinheiro. Ele está gordo; vai jogar um ano e depois não vai mais atuar." O uísque revirou o estômago de Ferlaino. Na manhã seguinte, ele voltou a Milão e conseguiu, de alguma forma, trocar o envelope vazio por outro contendo os acordos com Maradona e com o Barcelona. "Intelectuais me criticaram dizendo que Nápoles era uma cidade pobre e aquele, um gasto indecente, mas era meu dinheiro e eu queria gastá-lo daquela maneira", disse Ferlaino.

A maior parte dos 7,5 milhões de dólares veio de adiantamentos bancários, e os pagamentos feitos ao Barcelona foram escalonados ao longo de três anos. Nápoles era, sem dúvida, uma cidade com muitos problemas: falta de emprego e a escalada da violência da Camorra, a máfia napolitana. Porém, após a chegada de Maradona, houve uma mudança notável.

Para começar, a receita com a venda de ingressos cresceu drasticamente para a temporada 1984/1985, e, em um ano, segundo Ferlaino, a transferência tinha sido quitada.

[...]

"Em Nápoles, espero paz e respeito", disse Maradona antes de deixar Barcelona. "Para mim, Nápoles era uma coisa italiana, assim como a pizza é italiana, e era isso o que eu sabia", contou ele tempos depois. No dia 4 de julho, Diego pisou pela primeira vez em um San Paolo vazio, um estádio que precisava de carinho e uma pintura. Olhar um estádio sem público pode ser uma coisa sombria, mas Diego, caminhando pela arena decadente, sentia que estava voltando às suas origens. No vestiário, ele fitou Guillermo Blanco e Jorge Cyterszpiler e disse, satisfeito: "Isto me lembra o Argentinos Juniors".

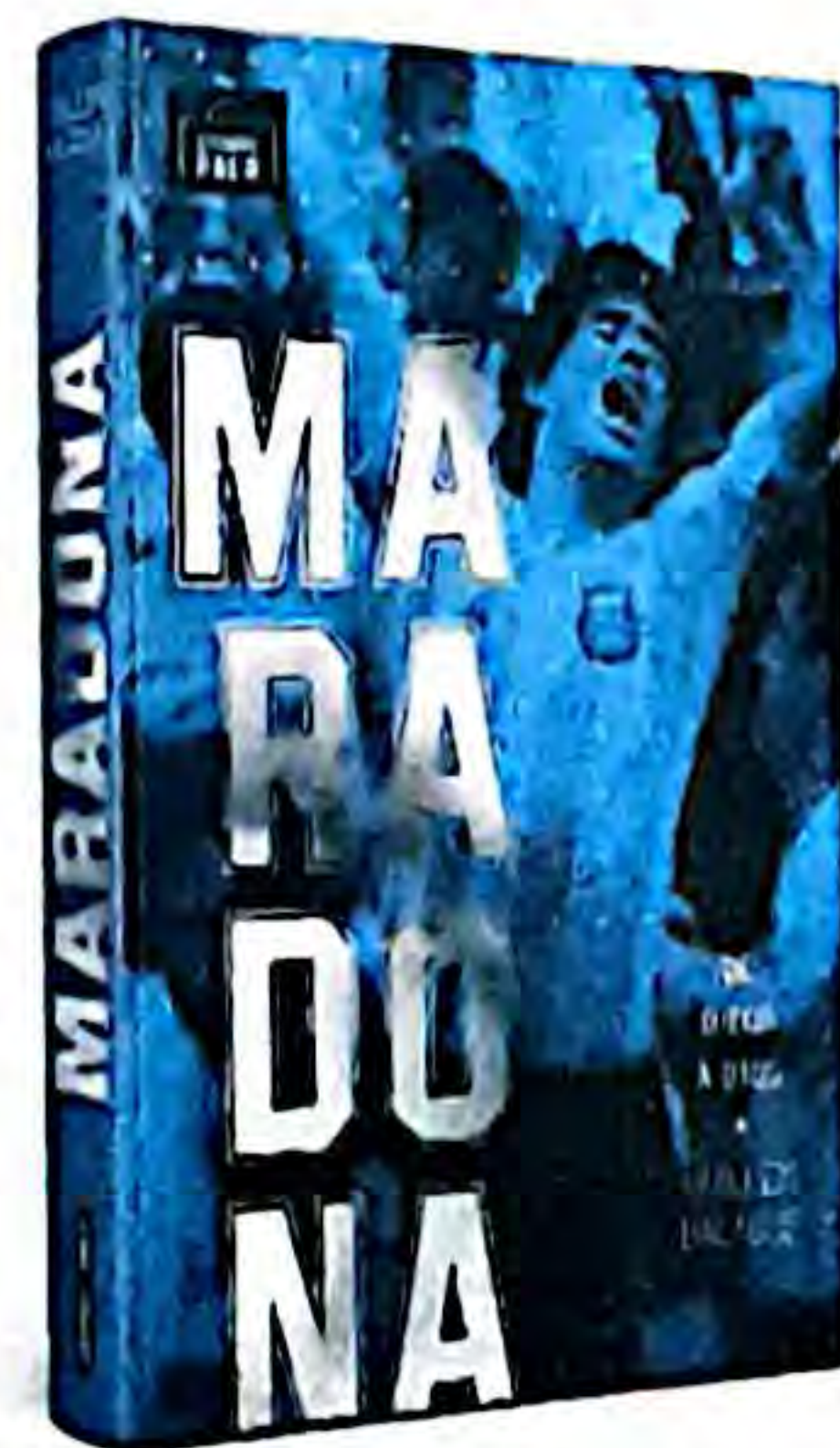
Ferlaino logo levou Diego para a vizinha ilha de Capri, onde, atracado à marina, estava seu iate. No dia seguinte, um helicóptero os trouxe de volta a Nápoles. Maradona deixou suas coisas no quarto do luxuoso Hotel Royal, onde Pepe Gutiérrez, único jornalista a voar de Barcelona com o jogador, o encontrou sentado na cama praticando seu italiano. Alguém havia escrito em um pedaço de papel: *"Napolitani, sono molto contento..."*. Ele ria do próprio sotaque. Pepe passou o telefone a Diego, e de sua cama ele entrou ao vivo na rádio espanhola Antena 3. Uma escolta formada por três carros de polícia acompanhou o veículo que conduziu Maradona pelas ruas de Nápoles para sua apresentação oficial.

Mais de 70 mil ingressos tinham sido vendidos e o estádio estava praticamente lotado. Diego pediu para deixarem as crianças entrarem de graça. Fernando Signorini também estava a caminho do estádio San Paolo, em outro carro, junto com Don Diego. À medida que avançavam pela cidade velha, as ruas ficavam cada vez mais estreitas, via-se o lixo acumulado nas calçadas e as fachadas de edifícios com as pinturas descascadas. "Em que buraco nos enfiamos; isto é pior do que Buenos Aires!", pensou, em voz alta, Don Diego. "Para onde você trouxe meu filho?"

"José Alberti, querido amigo argentino que morava havia muito tempo em Nápoles, e que estava conosco no carro, se virou para Don Diego e disse: 'Don Diego, você tem razão. Mas, se ficar um ano aqui, não vai querer sair daqui nunca mais'", recorda-se Signorini. Já no vestiário, Diego vestiu uma calça azul-clara e uma camiseta branca, da Puma. A caminho do gramado, passou por um longo túnel antes de chegar à escada, onde um raio de luz iluminava o corredor. Diante de um pequeno nicho dentro do qual havia uma Madonnina, uma estátua da Virgem Maria, Maradona parou — não seria a última vez que ele rezaria para ela. Prestes a sair, cercado por fotógrafos, Diego beijou Claudia, abraçou Jorge e, por fim, subiu os degraus sentindo a onda de felicidade que tomava o estádio, uma resposta à movimentação percebida dentro do túnel.

Dezenas de outros fotógrafos o esperavam à beira do campo, lutando por cada pedaço de grama disponível. No meio da escadaria, Maradona parou. "Os napolitanos são dotados de uma paixão inata", explica Néstor Barrone. "As idiossincrasias do futebol argentino são parecidas com a do napolitano. Os argentinos são uma mistura de espanhóis com napolitanos, um toque da arrogância dos franceses e algo da imponência dos ingleses. Isso tudo forma um argentino, uma mistura estranha e inebriante. Em particular, os napolitanos têm muito em comum com alguém de Buenos Aires; são espertos, barulhentos, e entusiasmados, até malucos, por futebol. Naquele dia, eles se mostravam eternamente agradecidos, uma vez que não podiam acreditar que um clube do sul [da Itália] recebera um presente que, normalmente, estava reservado aos poderosos times do norte."

Maradona estava prestes a sentir, como jamais havia ocorrido, sua capacidade de atrair uma multidão, o que fez com que suas emoções fossem levadas ao extremo. As pernas, pesadas como sacos de cimento enquanto ele subia as escadas, começaram a ficar mais leves à medida que ele sentia a expectativa de uma Nápoles à sua espera. Diego estava longe de casa, em um lugar estranho, e por isso o impacto foi mais marcante e duradouro. A cidade estava pronta para venerá-lo como seu santo, e Diego implorava por aquela devoção.

Maradona deu mais um passo e nada mais poderia pará-lo, nem mesmo um torcedor que lhe ofereceu um cachecol do clube. Quando sua silhueta surgiu no túnel, o estádio explodiu. Em pé, sobre um tapete com as cores do Napoli, ele levantou os braços. *"Buonasera napolitani, sono molto felice di essere con voi"* ("Boa tarde, napolitanos, estou muito feliz de estar aqui com vocês"). Ele havia passado no teste e a multidão foi à loucura. Conforme o barulho da arquibancada aumentava, o estrangeiro sentia-se cada vez mais em casa. Com um sorriso que em nenhum momento abandonou seu rosto, cercado por policiais uniformizados e à paisana, Diego se aproximou das arquibancadas e mandou beijos aos torcedores. ■

Maradona: de Diego a DIOS
por Guillem Balague
Editora Grande Área, 383 páginas
R$ 99,90 (vendas pelo site www.editoragrandearea.com.br)

GOLAÇO DA SOLIDARIEDADE

CRIANÇAS DE 11 A 15 ANOS, DE QUATRO COMUNIDADES DE SÃO PAULO, RECEBERAM CHUTEIRAS, MEIÕES, SHORTS E CAMISA PARA A DISPUTA DA 1ª COPA PLACAR COMUNIDADES

O futebol tem ajudado a mudar as manhãs de sábado na periferia de São Paulo. A 1ª Copa PLACAR Comunidades, realizada na zona sul da capital paulista, é um golaço da solidariedade. O torneio, em sua edição jovens, reúne 240 crianças de 11 a 15 anos, de quatro dos lugares mais carentes da cidade. A final acontece em 12 de outubro.

Caveirinha, Figueira Grande, Panorama e Rosana estão com as suas equipes sub-11, 13 e 15 na disputa das partidas em campo *society*, com times perfilados em entrada olímpica, arbitragem e até entrevistas ao fim da partida. As crianças ganharam chuteiras e meiões, shorts e camisas, mas, sobretudo, um olhar de gente disposta a melhorar a realidade de quem mais precisa.

CAIO SOUZA/DIVULGAÇÃO/FUTPRESS

CAIO SOUZA/DIVULGAÇÃO/FUTPRESS

Figueira x Rosana e o goleiro Neymar: destaques da rodada inaugural da Copa PLACAR

"A gente vê a felicidade das crianças ao ganhar o kit e ver que tem gente olhando para eles", disse Felipe Gomes, sócio-fundador da Capitaly, patrocinadora do torneio. "Era algo que o Instituto PLACAR queria fazer desde o início. A solidariedade falou bem alto aqui", completou Gustavo Leme, CEO da PLACAR, no Campo do Caveirinha, no Jardim Ângela, na abertura do torneio, que também tem apoio da Decathlon e do Futcross.

"O esporte transforma vidas, e, para essas crianças, serão manhãs muito felizes", disse Vanessa Miranda, vice-presidente do Instituto PLACAR, entre a distribuição de um lanche e outro para os jogadores após as partidas. "A Copa PLACAR foi um golaço. Conseguimos enxergar e pôr em prática que o esporte ajuda a tirar as pessoas das ruas", afirma Rodrigo Suassuna, conselheiro do instituto.

Nos atletas, o sorriso no rosto só era trocado pelo nervosismo das primeiras entrevistas de quem está ali para viver o momento. "É trabalhar muito e acreditar no sonho de virar jogador. Não pode desistir no meio do caminho", disse o goleiro Neymar, nascido em 2010, quando o atacante apenas despontava para o futebol brasileiro. "Se a pessoa quer, a pessoa corre atrás", afirmou Maria Sophia Garreto. "Não tem que ligar para piadinhas. Não é por eles que a gente vai conseguir. É por nós mesmas", completou Rafaela Ribeiro de Andrade, também do sub-13, entre as três meninas inscritas na competição mista.

CONHEÇA O INSTITUTO PLACAR E SAIBA COMO AJUDAR EM
www.institutoplacar.org.br

DIVULGAÇÃO/GLOBO

'SÓ BATERIA FALTA E ESCANTEIO NESSE TIME'

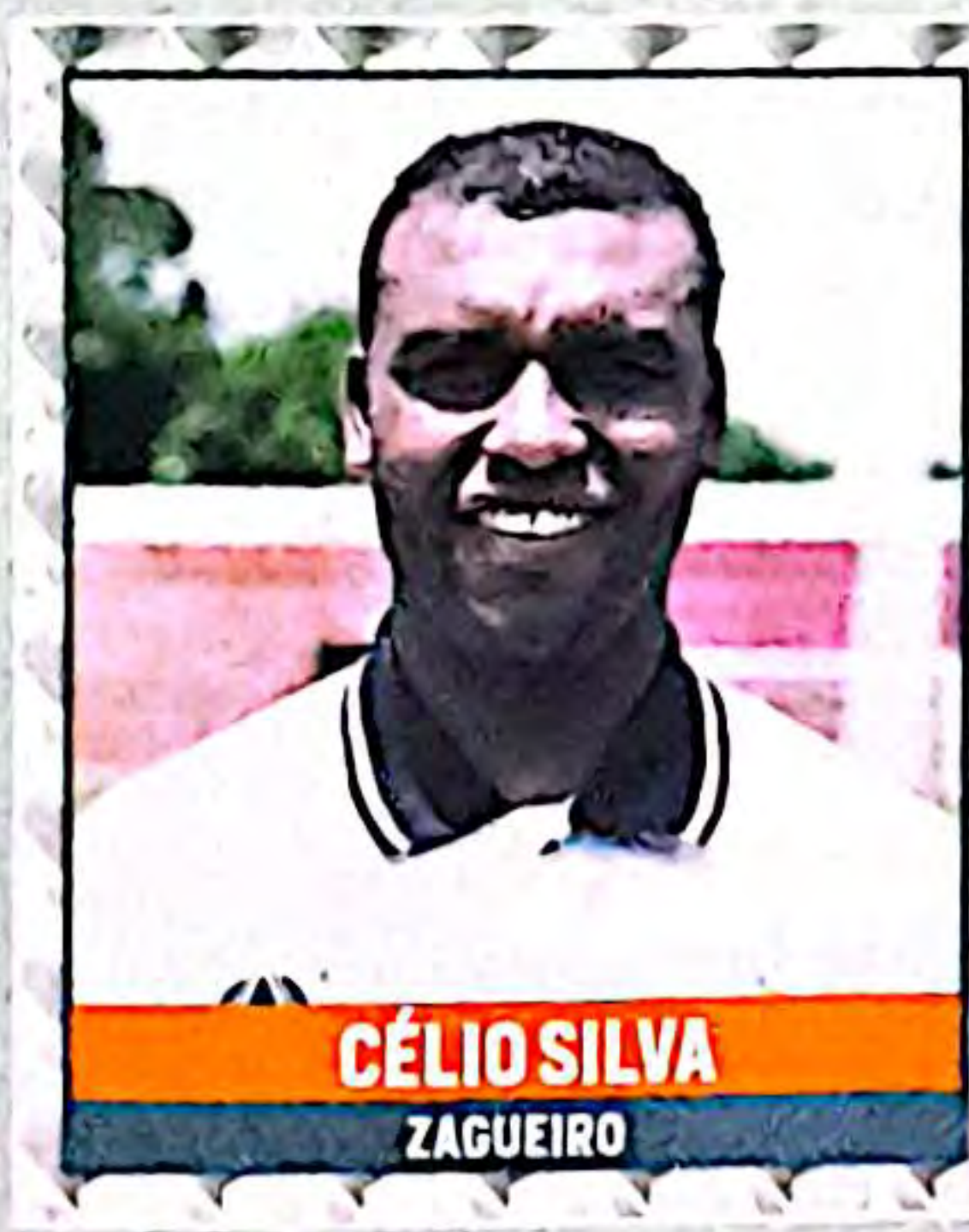
FORMADO NO FLAMENGO E ÍDOLO ETERNO DO CORINTHIANS, O "PÉ DE ANJO" REUNIU EX-COMPANHEIROS, AMIGOS E ATÉ UM CONHECIDO DESAFETO PARA MONTAR SUA SELEÇÃO IDEAL

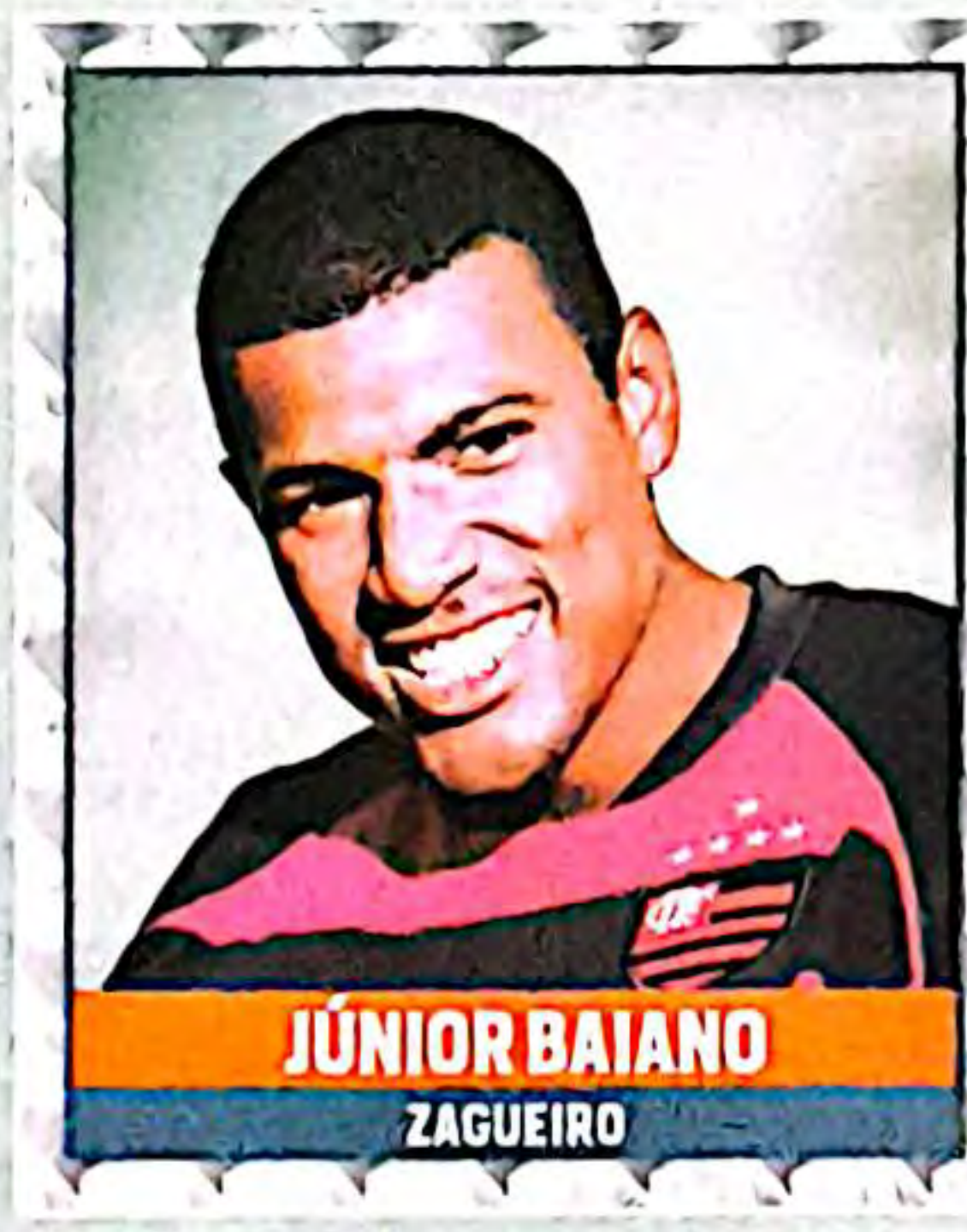
RONALDO
GOLEIRO

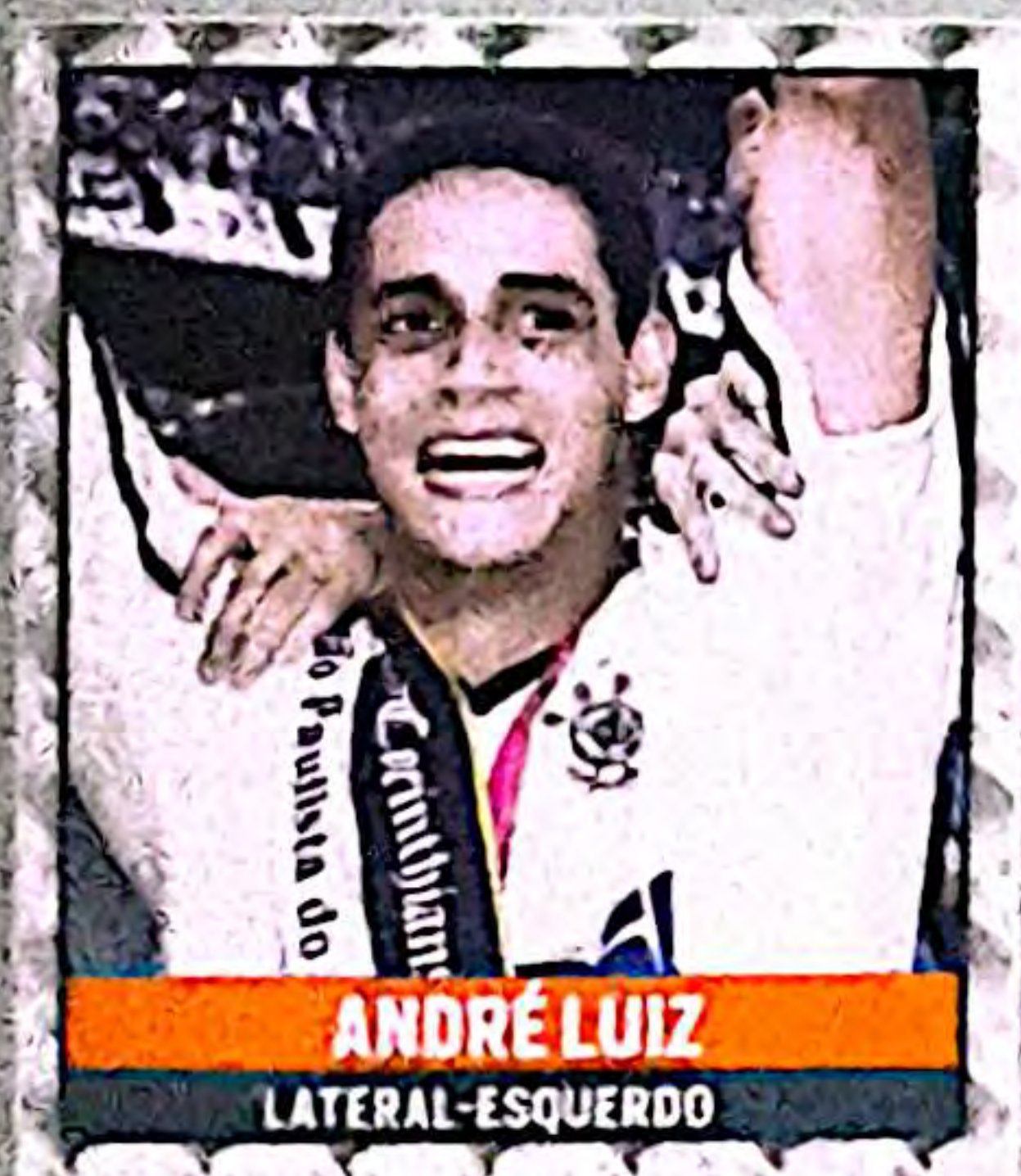
Um goleiro brilhante tecnicamente. Com velocidade, agilidade, potência, preciso na reposição. Um cara de decisão e líder do vestiário, completo

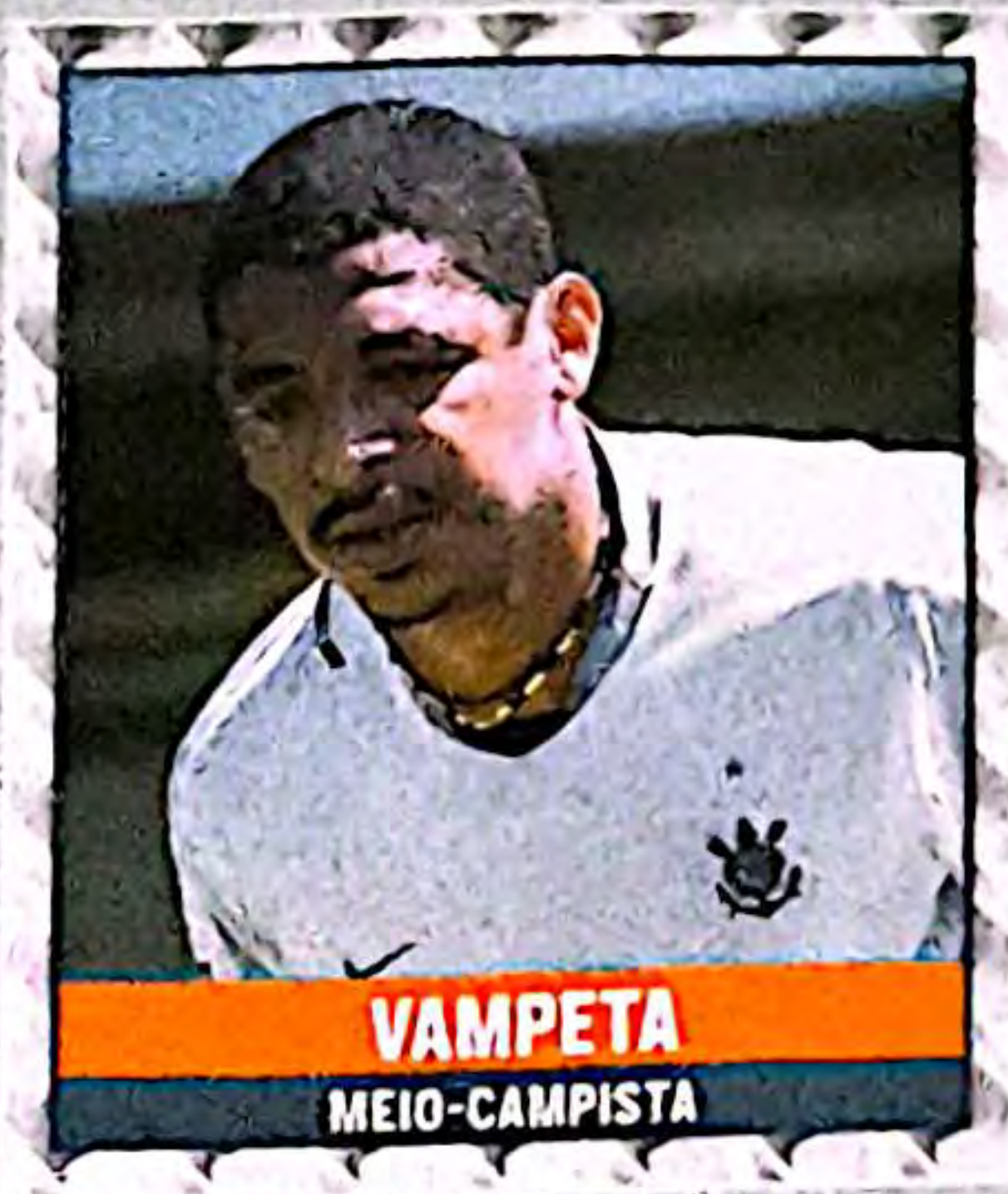
JORGINHO
LATERAL-DIREITO

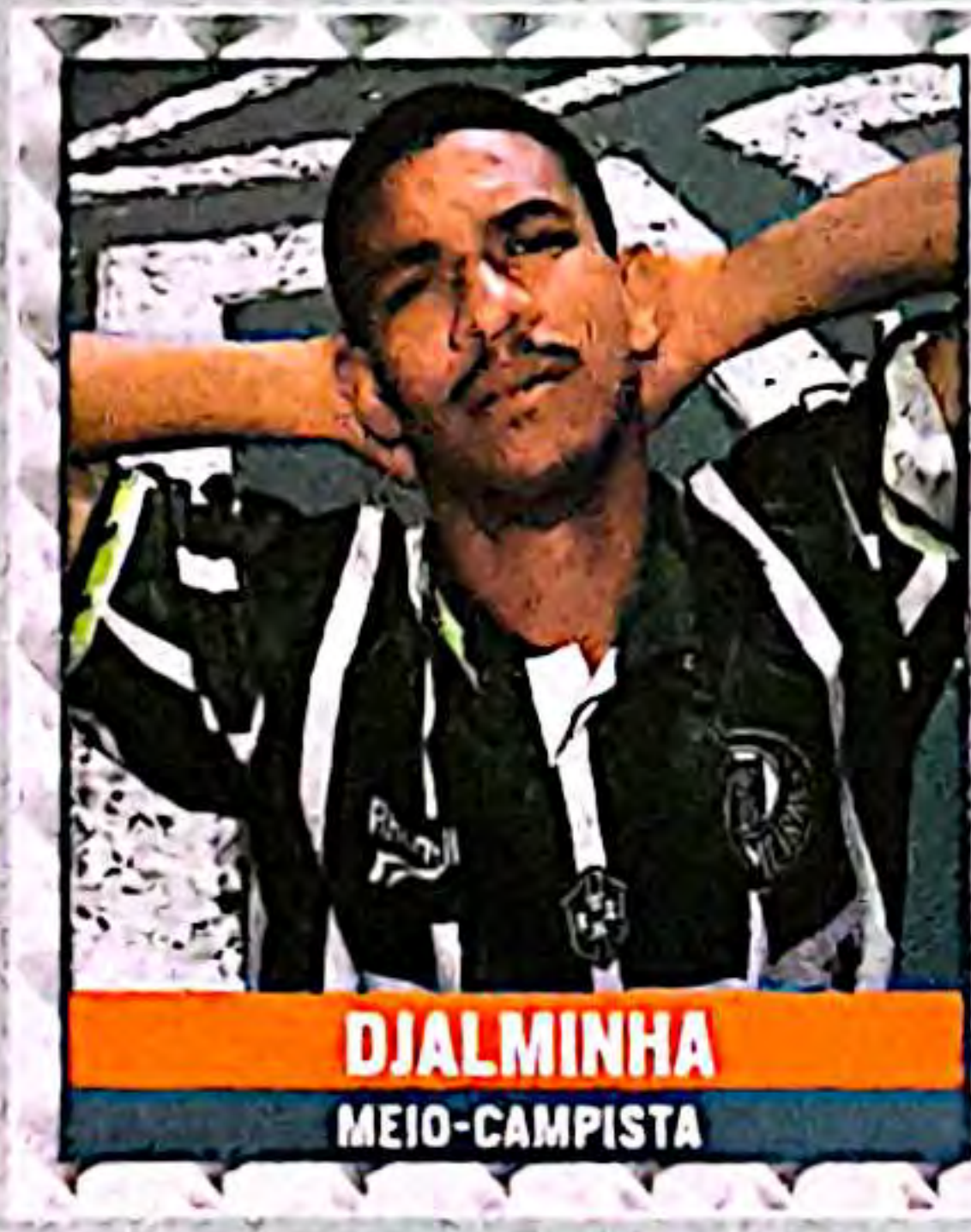
Joguei com ele no Flamengo e foi um cara muito importante na minha carreira. Era uma referência tática e técnica para aquela equipe

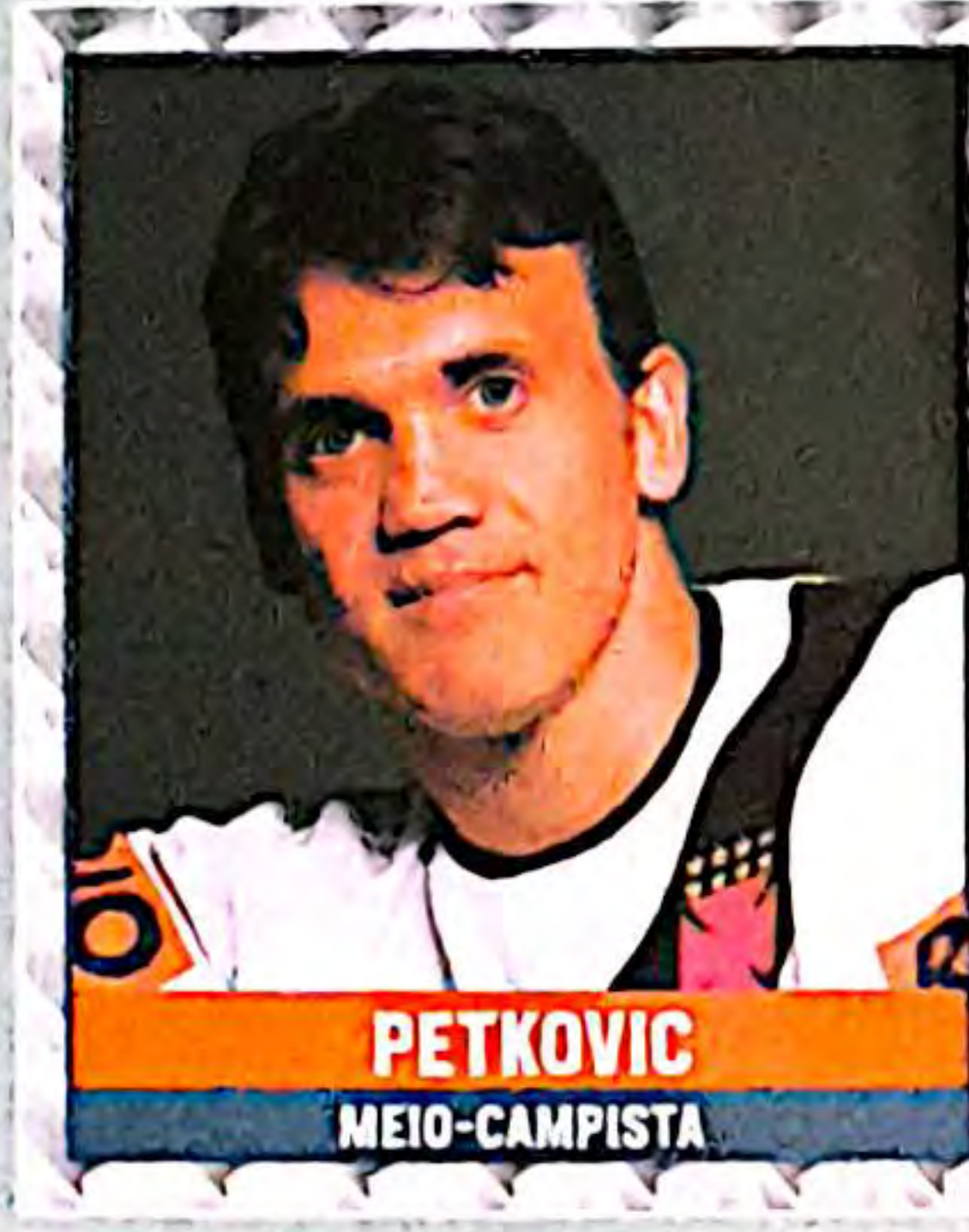
CÉLIO SILVA
ZAGUEIRO

Era um zagueiro de muita força física, mas também tinha técnica. Batia muito forte na bola e era uma concorrência para mim na batida de falta

JÚNIOR BAIANO
ZAGUEIRO

É bom ter alguém para dar uma "chegadinha" (risos). Começamos nossas carreiras juntos no Flamengo, era um cara muito bom de ter no time

ANDRÉ LUIZ
LATERAL-ESQUERDO

Voou baixo na época. Fez o gol do título paulista do Corinthians contra o São Paulo em 1997. Um jogador incrível no apoio e era seguro na defesa

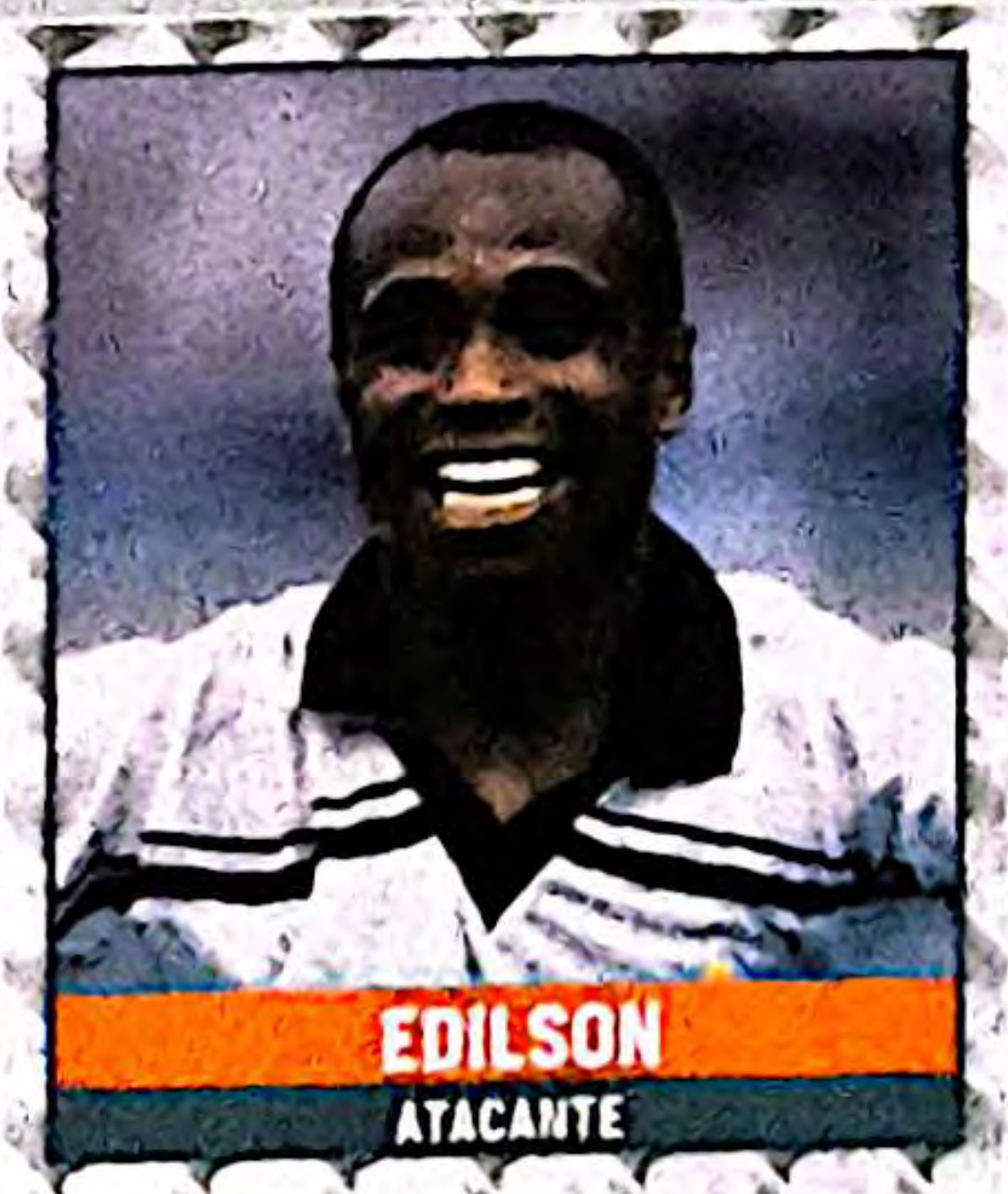
VAMPETA
MEIO-CAMPISTA

Deixaria o Velho Vamp como representante do quarteto do Mundial de 2000. Era uma segurança tremenda na defesa e chegava bem ao ataque

DJALMINHA
MEIO-CAMPISTA

Outro que conheço desde pequeno no Flamengo. Jogou muita bola. Era um cracaço. É um irmão que o futebol me deu e tem sempre lugar no meu time

PETKOVIC
MEIO-CAMPISTA

Ele disse para PLACAR que eu joguei mais que ele, mas ele jogou mais que eu. Era o dono do meio-campo no Vasco, um maestro, um vencedor

MARCELINHO
MEIO-CAMPISTA

No meu Time dos Sonhos, eu tenho que estar, né? Nem que seja só para bater falta, escanteio e ver essa galera boa de bola jogar

EDILSON
ATACANTE

O Capetinha jogou demais aquele Mundial pelo Corinthians. Tem que estar nesse time também. Muito rápido, habilidoso e sabia fazer gol

ROMÁRIO
ATACANTE

Sou fã do Baixinho. No Valência, concentrávamos juntos e ali nasceu uma amizade incrível. Não teve ninguém melhor que ele na pequena área

LUXEMBURGO
TÉCNICO

O Luxa tinha muita autoridade sobre o elenco. Claro que tivemos alguns embates, mas reconheço que ele sabia extrair o máximo do jogador

CÁSSIO ZANATTA

O CAMPINHO DE FUTEBOL

"Um campinho sem bola não passa de um cenário pobre, uma locação de terreno baldio ou floresta devastada. Com a bola, vira um Wembley em miniatura"

Comecemos pela definição. Campinho é qualquer área que a imaginação transforme em campo de futebol: um terreno de terra batida com 12 buracos (bom de torcer o pé); uma quadra de cimento (bom de ralar joelho); um pátio de escola com uma árvore no meio; um pasto com oito cupinzeiros.

Traves, mesmo aqueles dois gambitos de bambu, são um luxo desnecessário. No campinho, a dimensão do gol é marcada pela distância entre uma camiseta amarfanhada e uma lata de refrigerante, ou um sandália velha e um boné do Açougue do Djalma. Não há marcação que defina quando a bola saiu pela lateral ou linha de fundo: tudo é uma questão de bom senso. Só na areia da praia que um dos limites é traçado pelo mar. Se a bola caiu na água, saiu. Quando sobe a maré, o campo diminui, favorecendo as retrancas.

No campinho, podem jogar 11 pra cada lado; mas 15 de um lado e 13 de outro também é permitido, desde que o craque do jogo esteja no segundo time. O juiz é dispensável: as faltas são marcadas quando os gritos pedindo a marcação parecem sinceros.

A natureza marca: a clássica foto de uma árvore no campo de várzea

ALEXANDRE BATTIBUGLI

Há sempre um zagueiro gordo, com a camisa do tempo em que era magro, a revelar a barriga; o volante ruim de doer, que se acha o capitão e reclama do time todo; um que joga pra burro, mas é meio cai-cai e pipoca nas divididas; o lateral que não sai de debaixo da sombra nem a pau, por isso não consegue se achar em campo nos dias nublados; o goleiro com pinta de motorista de táxi esperando o passageiro; e uma cervejinha depois do jogo para a confraternização dos atletas.

Confira a escalação: nunca há um Otávio Augusto ou Carlos Eduardo, que tomaram conta do futebol profissional. É Nenê, Dodô, Meleca, Magrão, Tuim, Pulga, Tiqué, nomes mais fáceis na hora de gritar pra correr. Imagina um "Vai, Otávio Augusto!".

Ah, sim, vamos ao que importa: a bola. Pois um campinho sem bola não passa de um cenário pobre, uma locação de terreno baldio ou floresta devastada. Com a bola, vira um Wembley em miniatura, um Maracanã sem aquele exagero. A bola jamais pode ser 100% redonda, mas sim, como a Terra, levemente achatada nos polos. Deve ser de dificílimo controle, para o constante aperfeiçoamento dos jogadores. Seus quiques irregulares devem envergonhar os pernas de pau e ser caprichosos com os craques. E, nos gols bonitos, costuma estufar as redes até quando não há rede.

Não sei se ainda temos o melhor futebol do mundo. Certo é que ele não é mais jogado por aqui. Garoto bom de bola já é vendido para o Barcelona com 10 anos. Daí fica por lá mais 15 anos e, quando dá entrevista, se esquece das palavras do bom português futebolístico, como "dilbre, vareia, professor, crássico, menas". Chato, isso.

E o principal motivo dessa evidente decadência é o sumiço dos campinhos. Cadê as várzeas, os terrenos sem construção, as poças de lama onde a bola empaca? Sumiram. Deram lugar aos prédios, shoppings e condomínios. Não faço ideia de como resolver essa grave questão. Faz parte do progresso, pelo visto. No assunto futebol, confesso que sou do Saudosista Futebol Clube.

De tantos campinhos, sobraram alguns. Os preciosos. É preciso acionar o Ibama ou o Condephaat e protegê-los. Deixá-los descuidados, com mais terra que grama, toscos, feinhos. Porque é nas suas grotescas irregularidades que nasce o futebol bonito. De novo: nada contra o progresso, é a vida. Só me deixem torcer aqui no meu canto. No jogo em que ainda imagino, a gente está dando um vareio no Progresso: 4 a 1. Três gols do Tiqué e um do Meleca.

Até que uma escavadeira invade o campo. ■

Cássio Zanatta é redator e escritor, não necessariamente nessa ordem. Trabalhou na AlmapBBDO, Africa, DPZ e outras agências. Hoje escreve crônicas para jornais e revistas do país.